



ACADEMIA MILITAR

O emprego das Forças Comandos no atual quadro de conflitualidade

Autor: Aspirante de Infantaria Francisco António Teixeira Ramada

Orientador: Tenente Coronel de Infantaria “Comando” António Cancelinha

Coorientador: Major de Infantaria “Comando” Hélder Brito

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2020



ACADEMIA MILITAR

O emprego das Forças Comandos no atual quadro de conflitualidade

Autor: Aspirante de Infantaria Francisco António Teixeira Ramada

Orientador: Tenente Coronel de Infantaria “Comando” António Cancelinha

Coorientador: Major de Infantaria “Comando” Hélder Brito

Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2020

EPÍGRAFE

“It is a proud privilege to be a soldier – a good soldier [with]discipline, self-respect, pride in his unit and his country, a high sense of duty and obligation to comrades and to his superiors, and a self-confidence born of demonstrated ability.”

George S. Patton Jr

DEDICATÓRIA

A todos aqueles que me apoiaram durante todo o meu trajeto, sendo que os mesmos serão sempre lembrados pelo seu apoio e suporte.

AGRADECIMENTOS

O trabalho de investigação aplicada é o produto de uma extensa investigação complementado com esforço e vontade de aprender. Para a realização do mesmo foi imprescindível o apoio e auxílio de várias pessoas a quem devo prestar o meu agradecimento.

Ao Tenente Coronel de Infantaria “Comando” António Cancelinha que, como orientador, mostrou total disponibilidade e esteve sempre pronto para me oferecer a orientação necessária para a realização desta investigação. Sendo que o seu apoio foi uma parte fulcral para a conclusão deste trabalho de investigação.

Ao Major de Infantaria “Comando” Hélder Brito que como coorientador ofereceu total disponibilidade para me auxiliar em qualquer assunto relativo ao tema em questão.

A todos os oficiais que se disponibilizaram para a realização das entrevistas, pois a sua experiência e tudo o que partilharam foi essencial para que este trabalho chegasse ao nível pretendido. Um obrigado por neste tempo de maior dificuldade continuarem a oferecerem o apoio necessário para ultrapassar as dificuldades e concluir este trabalho de investigação aplicada com sucesso.

À minha família que em várias situações prescindiram do seu tempo para me apoiar e para chegar a este momento da minha vida com sucesso. Um especial obrigado à minha namorada que esteve sempre presente nas várias etapas deste trabalho, que me apoiou incondicionalmente e nunca deixou de acreditar no meu sucesso, relativo a este trabalho e à minha vida em geral. Tanto a minha família como a minha namorada que são o pilar mais importante da minha vida.

A todos os que não mencionei aqui, mas que sem dúvida me apoiaram em algum momento da minha vida e partilharam ao meu lado esta etapa da minha carreira.

Um sincero obrigado a todos vós.

Francisco António Teixeira Ramada
Aspirante de Infantaria

RESUMO

Este trabalho de investigação aplicada tem como tema “O emprego das Forças Comandos no atual quadro de conflitualidade”

O objetivo deste trabalho passa por identificar como é que os Comandos devem ser empregues nos teatros de operações, tendo em conta o ambiente operacional, todo o contexto atual de conflitualidade e toda a formação, treino e doutrina existente para as Forças Comandos. Para isso, pretende-se analisar o ambiente operacional do teatro de operações do Afeganistão e da República Centro-Africana, estudar as suas ameaças e perceber como os Comandos foram empregues nesses teatros de operações para retirar conhecimentos do que pode ser melhorado para futuras projeções.

A doutrina tanto da atuação de uma *Quick Reaction Force*, como do emprego dos Comandos em ambientes específicos não está muito desenvolvido. Por isso é preciso uma análise profunda de como os Comandos devem ser empenhados nesta tipologia de conflito e uma definição das tarefas e missões que lhes devem ser atribuídas, de acordo com a sua formação e o seu treino.

Para a realização deste trabalho foi escolhido o método hipotético-dedutivo. Neste seguimento, analisou-se a bibliografia de referência com o objetivo de enquadrar conceptualmente a temática abordada. Posteriormente, foram recolhidos dados retirados das entrevistas, realizadas a quinze entrevistados, para complementar a revisão bibliográfica elaborada e auxiliar a atingir os objetivos desta investigação.

Os resultados obtidos permitiram identificar quais as principais vantagens do emprego dos Comandos nos teatros de operações do Afeganistão e da República Centro-Africana, verificar quais as limitações existentes para o seu emprego e perceber quais as ferramentas necessárias para o emprego dos Comandos em futuros teatros de operações. Chegou-se à conclusão que é necessário ter à sua disponibilidade todos os meios necessários para o cumprimento da missão, toda a informação sobre o ambiente operacional e a ameaça e deter uma doutrina assente no emprego de uma *Quick Reaction Force* e no emprego das Forças Comandos nesta tipologia de operações.

Palavras-chave: Comandos, Conflitualidade, Ambiente Operacional, QRF, Operações.

ABSTRACT

The main goal of this research about "The use of the Command Forces in the current context of conflict" is to identify how the Commands should be used in the theaters of operations, taking into account the operational environment, the current context of conflict and all the existing training and doctrine for the Command Forces. To this end, the intention is to analyze the operational environment of the theater of operations in Afghanistan and the Central African Republic, study their threats and understand how the Commands have acted in these theaters of operations to obtain knowledge of what can be improved for future operations.

The doctrine of both the operation of a Quick Reaction Force and the use of Commands in specific environments is not well systematized. For this reason, a deep analysis on how the Commands should be engaged in this type of conflict and the definition of which tasks and missions should be assigned to this force is necessary, accordingly to their formation and training.

To carry out this work the hypothetical-deductive method was applied. A bibliographic analysis was carried out in order to conceptually frame the theme in study. Data was collected from the interviews conducted with fifteen respondents to complement the developed bibliographic review and to help achieve the objectives of this investigation.

The obtained results allowed to identify the main advantages of the use of the Commands in the theaters of operations of Afghanistan and the Central African Republic, to verify the existing limitations for their use and to understand what are the necessary tools for the use of the Commands in future operations.

It is concluded that it is necessary to have at our disposal all the necessary means for the fulfillment of the mission along with all the information about the operational environment and threat. Having a doctrine based on the use of a Quick Reaction Force and the use of the Command Forces this type of operations is also needed.

Keywords: Commands, Conflict, Operating Environment, QRF, Operations.

ÍNDICE GERAL

EPÍGRAFE	i
DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
ÍNDICE GERAL	vi
ÍNDICE DE FIGURAS	ix
ÍNDICE DE QUADROS	x
ÍNDICE DE TABELAS	xi
LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS	xii
LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS	xiii
INTRODUÇÃO	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO	5
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA	5
1.1. Ambiente Operacional.....	5
1.1.1. Definição de ambiente operacional.....	5
1.1.2. Ambiente operacional no Afeganistão.....	5
1.1.2.1. Enquadramento histórico-militar	5
1.1.2.2. Terreno.....	7
1.1.2.3. Infraestruturas	8
1.1.2.4. Etnias e Religião	9
1.1.3. Ambiente operacional na RCA	9
1.1.3.1. Enquadramento histórico-militar	9
1.1.3.2. Terreno.....	10
1.1.3.3. Infraestruturas	11
1.1.3.4. Etnias e Religião	12
1.2. Abordagem da conflitualidade	13
1.2.1. Definição de conflitualidade	13
1.2.2. Caracterização da Conflitualidade no Afeganistão.....	13
1.2.2.1. Ameaça do TO do Afeganistão	14
Talibãs.....	14

Al Qaeda	14
Grupo Haqqani.....	15
1.2.3. Caracterização da Conflitualidade na RCA	16
1.2.3.1. Ameaça do TO da RCA.....	16
Movimento Armado <i>Ex-Seleka</i>	16
Movimento Armado <i>Anti Balaka</i>	18
Outros movimentos armados	18
1.3. Forças comandos	20
1.3.1. Enquadramento das Forças Comandos	20
1.3.2. Capacidade das Forças Comandos.....	21
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA.....	23
2.1. Enquadramento	23
2.2. Método de abordagem	23
2.3. Procedimento de Pesquisa	24
2.4. Tipologia das fontes de informação e técnicas de recolha de dado	25
2.5. Amostragem e delimitação do universo.....	25
PARTE II – TRABALHO DE CAMPO	27
CAPÍTULO 3 – EMPREGO DAS FORÇAS COMANDOS	27
3.1. Emprego das Forças Comandos no TO do Afeganistão	27
3.1.1. Enquadramento – Estrutura e Comando da NATO/ISAF	27
3.1.2. Caracterização dos Comandos como QRF no Afeganistão	28
3.1.3. Análise da participação dos Comandos no TO do Afeganistão.....	28
3.2. Emprego das Forças Comandos no TO da RCA.....	31
3.2.1. Enquadramento – Estrutura e Comando da ONU/MINUSCA	31
3.2.2. Caracterização dos Comandos como QRF na RCA	31
3.2.3. Análise da participação dos Comandos no TO da RCA.....	32
CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
4.1 Enquadramento	34
4.2 Análise das entrevistas.....	34
4.2.1 Análise das entrevistas no TO do Afeganistão	36
4.2.2 Análise das entrevistas no TO da RCA	41
4.3 Discussão de resultados	47
4.3.1. Verificação das Hipóteses.....	49

4.3.2. Respostas às Perguntas Derivadas	50
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	53
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
APÊNDICES	I
APÊNDICE A – TAREFAS GENÉRICAS DE UMA QRF NO AFEGANISTÃO	II
APÊNDICE B – TAREFAS GENÉRICAS DE UMA QRF NA RCA	III
APÊNDICE C – ORGANIZAÇÃO QRF DOS COMANDOS	IV
APÊNDICE D – GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DO AFEGANISTÃO	V
APÊNDICE E – GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DA RCA	IX
APÊNDICE F – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA	XIII
APÊNDICE G – RESPOSTA AO CORPO DE QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DO AFEGANISTÃO	XIV
APÊNDICE H – RESPOSTA AO CORPO DE QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DA RCA	XXV
ANEXOS	XXXII
ANEXO A – ESTRUTURA DE COMANDO DA ISAF	XXXIII
ANEXO B – ORGANIGRAMA DA MINUSCA	XXXIV
ANEXO C – MAPA DO AFEGANISTÃO	XXXV
ANEXO D – MAPA DA RCA	XXXVI
ANEXO E – GRUPOS ARMADOS AFEGANISTÃO	XXXVII
ANEXO F – GRUPOS ARMADOS DA RCA	XXXVIII

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Organigrama do BCmds.....	20
Figura 2: Organização QRF dos Comandos	IV
Figura 3: Estrutura de Comando da ISAF	XXXIII
Figura 4: Organigrama da MINUSCA	XXXIV
Figura 5: Mapa do Afeganistão	XXXV
Figura 6: Mapa da RCA	XXXVI
Figura 7: Grupos Armados Afeganistão	XXXVII
Figura 8: Grupos Armados da RCA	XXXVIII

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1: Resposta à questão nº1 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão	XIV
Quadro 2: Resposta à questão nº2 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão	XV
Quadro 3: Resposta à questão nº3 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão	XVII
Quadro 4: Resposta à questão nº4 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão	XVII
Quadro 5: Resposta à questão nº5 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão	XIX
Quadro 6: Resposta à questão nº6 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão	XX
Quadro 7: Resposta à questão nº7 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão	XXI
Quadro 8: Resposta à questão nº8 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão	XXII
Quadro 9: Resposta à questão nº9 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão	XXIII
Quadro 10: Resposta à questão nº1 – Guião de Entrevista – TO da RCA	XXV
Quadro 11: Resposta à questão nº2 – Guião de Entrevista – TO da RCA	XXVI
Quadro 12: Resposta à questão nº3 – Guião de Entrevista – TO da RCA	XXVII
Quadro 13: Resposta à questão nº4 – Guião de Entrevista – TO da RCA	XXVII
Quadro 14: Resposta à questão nº5 – Guião de Entrevista – TO da RCA	XXVIII
Quadro 15: Resposta à questão nº6 – Guião de Entrevista – TO da RCA	XXIX
Quadro 16: Resposta à questão nº7 – Guião de Entrevista – TO da RCA	XXIX
Quadro 17: Resposta à questão nº8 – Guião de Entrevista – TO da RCA	XXX
Quadro 18: Resposta à questão nº9 – Guião de Entrevista – TO da RCA	XXX

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Movimentos Armados <i>Ex-Seleka</i>	17
Tabela 2: Movimentos Armados <i>anti-Balaka</i>	18
Tabela 3: Outros movimentos armados	19
Tabela 4: Descrição das amostras das Entrevistas do TO do Afeganistão	35
Tabela 5: Descrição das amostras das Entrevistas do TO da RCA	35
Tabela 6: Tarefas Genéricas de uma QRF no Afeganistão	II
Tabela 7: Tarefas Genéricas de uma QRF na RCA	III

LISTA DE APÊNDICES E ANEXOS

APÊNDICES

APÊNDICE A – TAREFAS GENÉRICAS DE UMA QRF NO AFEGANISTÃO	II
APÊNDICE B – TAREFAS GENÉRICAS DE UMA QRF NA RCA	III
APÊNDICE C – ORGANIZAÇÃO QRF DOS COMANDOS	IV
APÊNDICE D – GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DO AFEGANISTÃO	V
APÊNDICE E – GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DA RCA	IX
APÊNDICE F – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA	XIII
APÊNDICE G – RESPOSTA AO CORPO DE QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DO AFEGANISTÃO	XIV
APÊNDICE H – RESPOSTA AO CORPO DE QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DA RCA	XXV

ANEXOS

ANEXO A – ESTRUTURA DE COMANDO DA ISAF	XXXIII
ANEXO B – ORGANIGRAMA DA MINUSCA	XXXIV
ANEXO C – MAPA DO AFEGANISTÃO	XXXV
ANEXO D – MAPA DA RCA	XXXVI
ANEXO E – GRUPOS ARMADOS AFEGANISTÃO	XXXVII
ANEXO F – GRUPOS ARMADOS DA RCA	XXXVIII

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

ACAR – Anticarro
AM – Academia Militar
ANA – Afhan Natonal Army
ANPDF – Afghanistan National Peace and Development Framework
AO – Area de Operações
BCmds – Batalhão de Comandos
CCA – Companhia de Comando e Apoio
CCmds – Companhia de Comandos
CIA – Central Intelligence Agency
CIMIC – Operações Cooperação Civil-Militar
CSNU – Conselho de Segurança das Nações Unidas
C2 – Comando e Controlo
DDRR – Desarmamento, Desmobilização, Reintegração e Repatriamento
EM – Estado Maior
EME – Estado Maior do Exército
EMGFA – Estado Maior General das Forças Armadas
EUA – Estados Unidos da América
FA – Força Aérea
FC – Force Commander
FCCPD – Congolese People’s Front for Change and Democracy
FDPC – Democratic Front of the Central African People
FE – Forças Especiais
FND – Força Nacional Destacada
FOB – Forward Operating Base
FPRC – Popular Front for the Renaissance of the Central African Republic
GrComb – Grupo de Combate
H – Hipótese
IED – Improvised Explosive Device
INFOOPS – Information Operations
ISAF – International Security Assistance Force
LRA – Lord’s Resistance Army

MCIA – **M**arine **C**orps **I**ntelligence **A**ctivity
MDN – **M**inistério da **D**efesa **N**acional
MINUSCA – **M**issão **M**ultidimensional **I**ntegrada das **N**ações **U**nidas para a **E**stabilização da **R**epública **C**entro-**A**fricana
MISCA – **M**issão **I**nternacional de **A**poio à **R**epública **C**entro **A**fricana
MLCJ – **M**ovement of **C**entral **A**frican **L**iberators for **J**ustice
MNLC – **N**ational **M**ovement for the **L**iberation of the **C**entral **A**frican **R**epublic
MOB – **M**ain **O**perating **B**ase
MPC – **C**entral **A**frican **P**atriotic **M**ovement
MW – **M**egawatts
NF – **N**ossas **F**orças
OAP – **O**perações de **A**poio à **P**az
OE – **O**bjetivos **E**specíficos
OMP – **O**perações de **M**anutenção de **P**az
ONG – **O**rganizações **N**ão **G**overnamentais
ONU – **O**rganização das **N**ações **U**nidas
OTAN – **O**rganização do **T**ratado do **A**tlântico **N**orte
PD – **P**ergunta **D**erivada
PDM – **P**rocesso de **D**ecisão **M**ilitar
PP – **P**ergunta de **P**artida
PRT - **P**rovincial **R**econstruction **T**eam
PRTQRF – **P**ortuguese **Q**uick **R**eaction **F**orce
PSYOPS – **P**sychological **O**perations
QRF – **Q**uick **R**eaction **F**orce
RCA – **R**epública **C**entro **A**frican
RCIED – **R**adio **C**ontrolled **I**mprovised **E**xplosive **D**evice
RJ – **R**evolution for **J**ustice
ROE – **R**egras de **E**mpenhamento
RPRC – **U**nion for **C**entral **A**frican **R**enewal
SAR – **S**egurança da **Á**rea da **R**etaguarda
SGNU – **S**ecretaria **G**eral das **N**ações **U**nidas
SOF – **S**pecial **O**perations **F**orces
SOP – **S**tandard **O**perating **P**rocedure
TE – **T**ropas **E**speciais

TIA – Trabalho de Investigação Aplicada

TN – Território Nacional

TO – Teatro de Operações

UA – União Africana

UPC – Union for Peace in the Central African Republic

UNUMA – United Nations Assistance Mission in Afghanistan

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

USAID – United States Agency International Development

USCIRF – United States Commission on International Religious Freedom

VBIED – Vehicle-Borne Improvised Explosive Device

VHF – Very High Frequency

3R – Return, Reclamation, Rehabilitation

INTRODUÇÃO

O presente trabalho materializa o Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), tendo como tema “O emprego das Forças Comandos no atual quadro de conflitualidade”. Este relatório surge no âmbito do ciclo de estudos da Academia Militar (AM) do Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Infantaria, sendo que o mesmo faz parte da conclusão do ciclo de estudos e habilita à entrada nos quadros permanentes do Exército Português.

Relativamente à motivação e justificação para a seleção do tema, foi escolhida uma investigação que garantisse a motivação pessoal para a continuação e desenvolvimento do relatório. Não obstante, procurou-se que o tema fosse, simultaneamente, atual e pertinente. Neste seguimento, surge a problemática do emprego das Forças Comandos no atual quadro de conflitualidade, que constitui uma temática de relevante análise não só para as Forças Comandos, como também para o Exército Português. A análise desta temática é um grande desafio e justifica a sua pertinência, pois as Forças Comandos têm sido e continuam a ser empregues em vários Teatros de Operações (TO). Estes TO são muito complexos e estão sob a égide tanto da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), como da Organização das Nações Unidas (ONU). Devido à falta de doutrina no que concerne ao modo como as forças Comandos devem ser empregues *como Quick Reaction Force (QRF)* e ao seu contínuo emprego nos vários TO, torna-se necessária a realização de uma análise profunda sobre como os Comandos devem ser empenhados e, conjuntamente, verificar se a missão e as tarefas que lhes são atribuídas correspondem ao que está preconizado nos manuais do Exército Português.

Atualmente as Forças Armadas, mais concretamente o Exército Português está envolvido em diversas missões internacionais, das quais as Forças Comandos são parte integrante e estão constantemente a ser utilizadas para o seu cumprimento. Com o desenvolvimento deste TIA, será possível analisar onde os Comandos devem ser empregues e quais as tarefas que lhe deverão ser atribuídas. Uma vez que os mesmos já participaram em vários TO, estabeleceu-se uma delimitação na presente investigação, focalizando a análise nos TO no Afeganistão de 2005 a 2008 e 2010 e nos TO na República Centro Africana (RCA) desde 2017 até 2019.

Assim sendo o trabalho tem como objetivo geral o estudo e análise do emprego dos Comandos no atual quadro de conflitualidade. Para atingir este objetivo geral foram definidos vários objetivos específicos (OE) que são necessários atingir no decorrer da presente investigação.

OE1: Caracterizar o ambiente operacional existente em cada TO, mais concretamente, no Afeganistão e na RCA.

OE2: Caracterizar a conflitualidade atual e a ameaça que existe tanto no Afeganistão como na RCA.

OE3: Verificar quais as tarefas atribuídas a uma força QRF tanto no TO do Afeganistão como da RCA.

OE4: Verificar se a doutrina existente para as Forças Comandos é suficiente para as tipologias de missões executadas nos TO.

OE5: Analisar que missões e tarefas as forças Comandos podem executar nos TO do Afeganistão e da RCA.

Tendo em conta estes objetivos formulou-se a Pergunta de Partida (PP): “De acordo com o atual quadro de conflitualidade, qual o ambiente operacional em que as Forças Comandos podem ser empenhadas?”

Após a formulação da PP e sendo o tema delimitado pela mesma e, com o intuito de auxiliar a resposta da PP, foram definidas as seguintes Perguntas Derivadas (PD):

PD1: Como é caracterizado o Ambiente Operacional?

PD2: Como se caracteriza o atual quadro de conflitualidade?

PD3: O que são Forças Comandos?

PD4: Onde podem ser empenhadas as Forças Comandos?

Para dar respostas às PD foram formuladas as seguintes hipóteses (H):

H1: O Ambiente Operacional é caracterizado pelo terreno, infraestruturas, condições meteorológicas, população e aérea de operações existentes em cada TO.

H2: O atual quadro de conflitualidade é caracterizado por todas as ameaças existentes nomeadamente os grupos armados de natureza não estatal. Atualmente, o conflito não se restringe a fronteiras delimitadas pelos países.

H3: As Forças Comandos são uma força de intervenção que têm a capacidade de realizar qualquer tipo de operações, preferencialmente operações ofensivas.

H4: As Forças Comandos podem ser empenhadas em qualquer tipo de ambiente operacional. A sua formação e treino conferem-lhes as ferramentas necessárias para se adaptar às condições do TO.

O presente trabalho encontra-se organizado e dividido em duas partes materializando cinco capítulos. Numa primeira fase, que compreende os três primeiros capítulos, vai-se abordar o enquadramento teórico do trabalho, com base na revisão de literatura realizada e na doutrina existente. Neste contexto serão ainda analisados os vários conceitos essenciais para a compreensão do TIA.

No primeiro capítulo é abordado primeiramente o ambiente operacional, iniciando-se pela caracterização do mesmo e, posteriormente, delimitando-se o ambiente operacional no Afeganistão e na RCA. Nesta secção analisa-se a história, o terreno, os meios, as infraestruturas, as etnias e a religião destes países para verificar quais as diferenças entre estes TO. Posteriormente caracteriza-se a conflitualidade atual existente, tanto no TO do Afeganistão, como no TO da RCA. Inicialmente, apresenta-se uma definição para a conflitualidade e, posteriormente, caracteriza-se a conflitualidade no Afeganistão e na RCA. Para tal realiza-se uma análise das ameaças existentes em cada TO e uma sistematização do modo de operação das forças inimigas nas respetivas áreas de operações. Finalmente são caracterizadas as forças Comandos, nomeadamente, o seu enquadramento e as suas capacidades, analisando-se a sua doutrina, as suas infraestruturas, a sua formação e treino, a sua organização, o seu equipamento e a sua interoperabilidade e liderança.

No segundo capítulo apresenta-se a metodologia utilizada para a elaboração do TIA, compreendendo um enquadramento pertinente; o método de abordagem utilizado ao longo do trabalho, os procedimentos de pesquisa para recolher informação para a revisão de literatura; a tipologia das fontes de informação e técnicas de recolha de dados e o tipo de amostragem e delimitação do universo.

No terceiro capítulo aborda-se o emprego das forças Comandos no Afeganistão, onde inicialmente se estuda o enquadramento, a estrutura e o comando da OTAN/*International Security Assistance Force* (ISAF). Caracteriza-se, ainda, a ação dos Comandos como QRF no Afeganistão, as suas tarefas nesse TO e, por fim, analisa-se a participação dos Comandos no TO do Afeganistão. De seguida analisa-se o emprego das forças Comandos na RCA. Com este intuito, realiza-se o enquadramento sobre a estrutura e comando da ONU/Missão Multidimensional Integrada das Nações Unidas para a Estabilização da República Centro-Africana (MINUSCA), seguidamente é feita a caracterização dos Comandos como QRF na RCA, as tarefas dos Comandos na RCA e, por último, a análise da participação dos Comandos neste TO.

Na segunda parte desta investigação aborda-se o trabalho de campo sendo que o mesmo se materializa nos últimos dois capítulos.

No quarto capítulo realiza-se a apresentação, a análise e a discussão de resultados, com apoio tanto na revisão de literatura, como nas entrevistas efetuadas. Estas últimas foram preconizadas com o objetivo de comparar a doutrina com as experiências de quem esteve nos TO e conseguir consolidar toda a investigação e dar a resposta às PD.

No último capítulo apresentam-se as conclusões obtidas, sendo facultada uma resposta à PP e, posteriormente, são realizadas algumas considerações e recomendações para projetos de investigação futuros.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA

1.1. Ambiente Operacional

1.1.1. Definição de ambiente operacional

O ambiente operacional é considerado uma ligação entre as condições, as circunstâncias e as influências que vão afetar o emprego das capacidades e também sustentar as decisões do comandante (Headquarters department of the army, 2017). É por isso que, de acordo com o Ministério da Defesa Nacional (MDN), (2005), a sua análise deve ser uma das principais preocupações dos comandantes e chefes militares, sendo que a não realização da mesma poderá reduzir drasticamente a possibilidade da operação ser um sucesso, independentemente das capacidades ou do potencial da força que está a ser empenhada.

Para tornar mais célere o estudo e análise do ambiente operacional, os planeadores militares devem estudar o mesmo recorrendo às oito variáveis operacionais: política, militar, economia, social, informação, infraestruturas, terreno e tempo (Headquarters department of the army, 2017). Segundo o MDN (2005), estas variáveis realçam os aspetos humanos do ambiente operacional, sendo isto importante uma vez que os atuais conflitos ocorrem principalmente no centro da população.

1.1.2. Ambiente operacional no Afeganistão

1.1.2.1. Enquadramento histórico-militar

A história do Afeganistão é muito antiga e, por tal, é necessário delimitar o estudo. Neste seguimento, este enquadramento inicia-se no pós 11 de setembro de 2001, na chamada “Guerra do Afeganistão” que, de acordo com Felício, Chiarato, Garcia, e Fakhoury (2017), é como se designa o conflito entre os Estados Unidos da América (EUA) e o Afeganistão no seguimento dos ataques de 11 de setembro de 2001. Os EUA tinham como principais objetivos desmantelar e eliminar a Al-Qaeda e desse modo impedir que os terroristas usassem o território afegão como base ao remover os Talibãs do poder. Na sequência dos ataques de 11 de setembro de 2001, as forças Talibãs começaram a luta armada contra o poder instituído

através dos acordos de Bona, que o mesmo tinha como finalidade a reposição do regime de depósito (Almeida, 2016).

Segundo Pereira (2011), a ofensiva iniciada pelos EUA começou no dia 7 de outubro de 2001 em Cabul, quando os primeiros bombardeamentos atingiram o aeroporto e vários pontos importantes da capital afegã e, posteriormente, as cidades de *Kandahar* no sul do Afeganistão e *Jalalabad* a leste do mesmo. Deste modo, começou a operação *Enduring Freedom*, o ataque americano ao Emirado Islâmico do Afeganistão, aos Talibãs e à Al-Qeada. Enquanto estavam a ser executados os ataques aéreos a *Central Intelligence Agency* (CIA), as *Special Operations Forces* (SOF) começaram a sua operação terrestre com a *Afghan Northern Alliance* e as *Pashtun tribes* no sul do território Afegão (Collins, 2011).

Em 2002, de acordo com Pereira (2011), foi criada a *United Nations Assistance Mission in Afghanistan* (UNAMA) com o objetivo de comprometer a comunidade internacional a apoiar a reconstrução e desenvolvimento do Afeganistão e prestar assistência humanitária ao país. Neste ano, também com a ajuda dos EUA, o governo do Afeganistão criou o *Afghan National Army* (ANA) com o propósito de proteger a região de Cabul, que incluía o território à volta da capital (Collins, 2011).

Foi em agosto de 2003 que, segundo Pereira (2011), iniciaram-se os primeiros ataques isolados por grupos de Talibãs, sendo que, os mesmos ataques, causaram diversas baixas aos elementos das organizações não governamentais (ONG) e a vários soldados americanos. Foi lançada, em 2003, uma ofensiva pelos Talibãs contra a ISAF e contra o governo de *Karzai* que, apesar das tecnologias avançadas e da vantagem numérica destes dois últimos, os Talibãs obtiveram bons resultados. Este sucesso deveu-se ao emprego de táticas de guerrilha e ataques suicidas nas zonas urbanas. A ISAF só respondeu a esses ataques em 2006 aumentando os esforços ao nível das tropas de contrainsurgência e das reconstruções físicas do país, tudo isto para conseguir o apoio da população local (Felício et al., 2017).

Segundo Pereira (2011), a ISAF, a partir de 2006, teve uma ação de combate intensa, conseguindo vitórias sobre os Talibãs, no entanto estes não foram completamente derrotados, obrigando a NATO a continuar com as operações no Afeganistão. Em 2009, com a administração Obama, existiu um reforço para aumentar o contingente militar dos EUA no Afeganistão, juntando-se aos 32 mil militares da ISAF, com o objetivo tanto de credibilizar o regime de Cabul, como de se empenharem decisivamente na reconstrução social e económica do país.

Em 2011, e à medida que a retirada das tropas americanas se aproximava, começou-se a focar mais em negociações com os insurretos e na elaboração de um quadro político para o Afeganistão após a retirada das tropas americanas e internacionais (Pereira, 2011).

1.1.2.2. Terreno

De acordo com MCIA (2004), o Afeganistão está localizado no sudoeste do continente Asiático com uma área de 654,089 km², sendo que toda a sua geografia é severa, alternando entre desertos inóspitos e altas montanhas, em que a maior é a cordilheira do *Hindu-Kush*, que atravessa o país de este para oeste. É um território que também possuiu vales profundamente erodidos, planaltos, e frontões largos que caracterizam a topografia geral e a natureza montanhosa do país (Rafiqpoor & Breckle, 2010).

O Afeganistão tem fronteiras com os seguintes países: China, 76 km; Irão, 936 km; Paquistão, 2.430 km; Tajiquistão, 1.206 km; Turquemenistão, 744km; e Uzbequistão, 137km (Cruz, Oliveira, Costa, & Veríssimo, 2018)¹.

Em relação à hidrografia do Afeganistão, tem como principais rios o *Amu Darya* (800km), o *Harirud* (850km), o *Helmand* (1,000km) e o Cabul (460km) (Library of Congress, 2008). De acordo com Cruz et al., (2018), os rios neste país costumam ter grandes subidas durante o degelo da primavera, sendo os mesmos aproveitados para a produção hidroelétrica.

O clima existente no Afeganistão, segundo Library of Congress (2008), é do tipo estepe árido ou semiárido, com invernos frios e verões secos e quentes. As montanhas do nordeste têm condições de inverno subárticas. No sul do país, os efeitos de monção moderam o clima. A precipitação ocorre a nordeste de Cabul. As maiores temperaturas e o local com menor precipitação estão nas planícies do sudoeste do Afeganistão, onde as temperaturas atingem os 49° C no verão. As temperaturas mais baixas são assinaladas nas montanhas no nordeste do país em que as mesmas variam entre -15° C no inverno a 0° C no verão.

O Afeganistão é conhecido por ter os maiores depósitos de carvão, cobre, ferro e sal, como também, em menores quantidades, uma imensa variedade de minerais incluindo ouro, prata e urânio. O gás natural é o recurso mais abundante de hidrocarbonetos (Library of Congress, 2008). De acordo com Rafiqpoor & Breckle (2010), o clima seco generalizado e a falta de cobertura vegetal do país, originam uma constante degradação do solo, através da erosão do mesmo causado por chuvas intensas, por processos eólicos, pela lavagem do solos

¹ Ver Anexo C

e pela atividade humana existente, causando assim uma vulnerabilidade nas superfícies do Afeganistão.

1.1.2.3. Infraestruturas

As infraestruturas no Afeganistão têm limitado significativamente o crescimento económico, emprego e desenvolvimento social. Apesar de ter existido, em 2002, grandes investimentos e melhoramentos nas infraestruturas, ainda existem várias lacunas a serem colmatadas. O Afeganistão enfrenta vários desafios relativos ao seu crescimento tais como: o fornecimento e o acesso limitados de energia; o pobre funcionamento dos sistemas de irrigação de água, que causa uma fraca produtividade agrícola; a baixa habitabilidade urbana; o atraso no desenvolvimento de recursos minerais; e os limitados fundos e financiamentos de operação e manutenção das infraestruturas existentes. Para isto ser solucionado tem de existir um aumento da capacidade institucional e as aptidões humanas tem de ser desenvolvidas (Afghanistan National Peace and Development Framework [ANPDF], 2016).

Os mais recentes objetivos definidos para as operações no Afeganistão prendem-se com uma parceria com os *U.S. Army Corps of Engineers*, realizada em dezembro de 2018, para providenciar serviços de qualidade nas subestações *North East Power System* e *South East Power System* e a construção de aproximadamente 380km de linha de transmissão de 220 quilowatts para aumentar a rede elétrica nacional no sul do Afeganistão (United States Agency International Development [USAID], 2020).

De acordo com USAID (2020), atualmente, tanto o governo do Afeganistão, como o USAID, reconhecem que o acesso à eletricidade dá origem ao crescimento económico do país, por isso mesmo, continuam a expandir o acesso a energia para a civilização Afegã. No que concerne às infraestruturas rodoviárias, desde 2003 que se tem investido na construção e reabilitação de mais de 2000km de rodovias para viajar e para o comércio, sendo que atualmente a USAID tem providenciado vários reparos nas estradas danificadas pelas atividades insurgente e pelos desastres naturais, com o propósito de manter os corredores comerciais abertos. Relativamente à água e ao saneamento, desde 2008 que tem sido fornecido água potável a mais de 2 milhões de pessoas e, cerca de 1,5 milhões, ganharam acesso a saneamento melhorado, o que diminui o risco de propagação de doenças. O governo afegão, em parceria com outros governos internacionais, têm construído infraestruturas para melhorar a qualidade e fornecimento de água para os habitantes de Cabul. USAID tem criado

projetos e construções de centenas de hospitais, clínicas, escolas, residências universitárias e prédios governamentais por todo o país.

No Afeganistão existem aeroportos e aeródromos, no entanto, a maior parte deles não estão pavimentados. O mais importante é o aeroporto de Cabul, sendo que também tem outros aeroportos como o de *Kandahar*, *Herat* e *Mazar-i-Sharif* (ABD Country Partnership Strategy, 2017).

1.1.2.4. Etnias e Religião

O Afeganistão tem uma população estimada em 36,6 milhões de pessoas (dados de julho de 2020), sendo que as línguas faladas no país são majoritariamente Persa Afegão ou *Dari*, 77%; *Pashto*, 48%; *Uzbek*, 11%; Inglês, 6%; Turco, 3%; Urdu, 3%; *Pashayi*, 1%; *Nuristani*, 1%; Árabe, 1% e *Balochi*, 1% (CIA, 2020).

Os principais grupos étnicos existentes no Afeganistão são os *Pashtun*, 42%; *Tajik*, 27%; *Hazara*, 9%; *Uzbek*, 9%; *Aimak* (um grupo nómada de língua persa), 4%; Turcos, 3% e o *Baloch*, 2%. Os *Pashtun* são o maior grupo étnico no sul e este do Afeganistão, os *Tajiks* no nordeste do país, enquanto que os grupos predominantes no centro e norte do Afeganistão são os *Hazaras*, *Tajiks* e *Uzbeks* (Library of Congress, 2008).

De acordo com MCI (2004), os afegãos são majoritariamente muçulmanos. A maioria da população tem uma forte adesão à fé islâmica, sendo que os mesmos expressam a sua devoção religiosa através do compromisso para defender o seu país e o seu povo. Entre os muçulmanos, 80 a 85% são sunitas, sendo que quatro quintos são do ramo Hanafi e 15 a 19% *Shia* particularmente os *Hazara* e *Kizilbash*. A minoria *Shia* são economicamente desfavorecidos e frequentemente sujeitos a discriminação. Existem também alguns milhares de hindus e *sikhs* (Ali, Dupree, & Allchin, 2020).

1.1.3. Ambiente operacional na RCA

1.1.3.1. Enquadramento histórico-militar

A RCA tem uma extensa história de conflitos, golpes, violações dos direitos humanos e subdesenvolvimento. A atual crise iniciou em dezembro de 2012 com uma rebelião dos *Seleka*, uma coligação de quatro grupos rebeldes armados majoritários do norte, apoiados por um grande número de combatentes do Chade e Sudão (United States Commission on International Religious Freedom [USCIRF], 2017).

Em março de 2013, os *Seleka* reivindicaram o poder em Bangui. O que os unia era a vontade de conquistar a capital e continuar a saquear ao longo do caminho. O novo presidente da RCA, Michel Djotodia, não tinha qualquer poder real sobre os vários elementos armados da sua aliança, a maioria dos quais eram empresários político-militares com maior experiência em campo de batalha do que ele. Os *Seleka* conseguiram espalhar-se por todo o país e governavam as cidades como se fossem deles, em várias situações, violentamente (Lambard, 2014).

De acordo com USCIRF (2017), Djotodia formalmente dissolveu os *Seleka* após a condenação internacional dos grupos armados, estes foram acusados de crimes contra a humanidade incluindo desaparecimentos, detenções ilegais, tortura e assassinatos extrajudiciais. No entanto, nada alterou visto que os *ex-Seleka* continuaram a envolver-se em violência, sendo que, os membros da coligação dividiram-se em vários movimentos armados. Em resposta, vários civis decidiram formar milícias de autodefesa, principalmente cristãs conhecidas como o *anti-Balaka*, sendo as mesmas fiéis ao ex-presidente Bozizé (Marcucci, 2019).

Em janeiro de 2014, Bozizé renunciou devido a críticas do seu fracasso em parar a crescente violência e instabilidade. Uma semana depois, Catherine Samba-Panza, assumiu o cargo de presidente interino. Em abril do mesmo ano, o Conselho de Segurança da ONU (CSNU), através da resolução 2149, criou a MINUSCA atuando no capítulo VII da carta da ONU. Com isto, a anterior missão de apoio internacional liderada pela União Africana (UA) para a RCA conhecida como missão internacional de apoio à RCA (MISCA), foi transformada numa missão da ONU composta por dez mil militares (Marcucci, 2019).

Em março de 2016 segundo CIA (2020), colocaram o candidato independente Faustin-Archange Touadera como presidente, este tem continuado o trabalho pela paz entre o governo e os movimentos armados, sendo que o mesmo está a desenvolver um programa de Desarmamento, Desmobilização, Reintegração e Repatriamento (DDRR) para reintegrar os movimentos armados na sociedade da RCA.

1.1.3.2. Terreno

A RCA está localizada no centro do continente africano e tem uma área total de 622,984 km². O país faz fronteiras com Chade a norte, Sudão e sul de Sudão a norte e leste respetivamente, República Democrática do Congo (*Kinshasa*) e República do Congo (Brazzaville) a sul, sendo que tem os Camarões a oeste. A capital, Bangui, está situada na

fronteira sul, formada pelo rio Ubangi, um afluente do rio Congo (O’Toole, Giles-Vernick, & Hoogstraten, 2019).²

Segundo CIA (2020), o terreno na RCA é pouco acidentado, apresentado relevo plano e planalto ondulado, tem também várias colinas dispersas no nordeste e sudoeste do país, que forma a principal divisão de drenagem entre as bacias do lago Chade e do rio Congo. Os recursos naturais mais abundantes na RCA são os diamantes, o urânio, a madeira, o ouro, o petróleo.

As planícies centrais aumentam gradualmente no nordeste, entendendo-se a uma altitude de 1330 metros no monte *Toussoro* até à montanha de *Tondou* a leste. Na parte oeste do país temos a cordilheira de granito das montanhas *Karre*, atingindo o ponto mais alto do país no monte *Ngaoui*. No norte da RCA as montanhas mais significativas são da cordilheira *Dar Challa*, perto da fronteira com o Sudão. Na parte sudoeste há uma corte plano devido aos rios existentes nessa região, tendo o seu ponto mais baixo no rio *Oubangui*. (O’Toole et al., 2019).

Segundo O’Toole et al. (2019), a RCA é um país que é bem abastecido com cursos de água. Os afluentes existentes do rio Chari ocupam um terço do território norte da RCA. Os dois terços do terreno drenam para o sul, no rio Ubangi, que forma a fronteira sul da RCA com o Congo (Kinshasa).

De acordo com CIA, (2020), o clima na RCA é tropical sendo o inverno, normalmente, quente e seco, enquanto que os verão costuma ser quente e húmido. Durante a estação chuvosa (de março a outubro), fortes tempestades ocorrem quase diariamente. De agosto a setembro existe bastante precipitação e as temperaturas variam entre os 19° e os 30°C. Ao longo da estação seca (de outubro a fevereiro) tem-se ventos alísios no nordeste do país, sendo que as temperaturas variam entre os 18° e os 40°C. Tempestades de areia e poeira costumam ocorrer no extremo norte da RCA (O’Toole et al., 2019).

1.1.3.3. Infraestruturas

As infraestruturas na RCA são extremamente fracas. Serviços básicos onde se incluem a eletricidade, telecomunicações e serviço bancário não costuma existir com a exceção da capital, Bangui. Um exemplo disso é que apenas 8% da população que vive em áreas urbanas tem acesso à eletricidade. Isto tudo se deve à falta de infraestruturas no país (International Trade Centre, 2014).

² Ver Anexo D

Os transportes na RCA são muito limitados principalmente em termos de conexão com os outros países. O país possui apenas um aeroporto internacional localizado na capital, mas encontra-se bastante danificado. A RCA não possui infraestrutura ferroviária. Na região sudoeste do país as estradas estão em boas condições comparativamente às regiões de sudeste e nordeste, onde a qualidade das mesmas é muito fraca (Domínguez-Torres & Foster, 2011).

Relativamente à energia, segundo Domínguez-Torres & Foster (2011), existem apenas duas linhas de transmissão, conectando *Ombella-Mpoko* e Bangui. A capacidade total na RCA de 39 megawatts (MW) em que é preciso restaurar a mesma para o seu estado operacional completo ou para reparar a geração seriamente danificados durante a guerra civil. As taxas de acesso a serviços de água potável e saneamento são das mais baixas do continente africano. A RCA não tem tecnologia que faça o fornecimento de água com eficiência. Atualmente não tem rede de esgotos e existe uma má drenagem que representa risco para a saúde pública.

1.1.3.4. Etnias e Religião

A população na RCA está estimada (dados de julho de 2020) em 5,9 milhões de pessoas, sendo que a língua oficial é o francês, sendo também falado a língua *sangho*, língua nacional, existindo também as línguas tribais (CIA, 2020).

Os principais grupos étnicos na RCA são o *Baya*, 33%; *Banda*, 27%; *Mandjia*, 13%; *Sara*, 10%; *Mboum*, 7%; *M'Baka*, 4%; e *Yokoma*, 2%. A religião no país tem aproximadamente quatro quintos da população professa o cristianismo, existe também uma minoria considerável de cristãos não afiliados, enquanto católicos romanos, protestantes e independentes constituem o resto. Aproximadamente um décimo da população continua praticando religiões tradicionais. No entanto, existe um número crescente de muçulmanos sunitas. Uma pequena minoria declara não ter qualquer tipo de afiliação religiosa (O'Toole et al., 2019).

1.2. Abordagem da conflitualidade

1.2.1. Definição de conflitualidade

Os conflitos armados têm um conjunto de características próprias. De facto, é possível identificar um tipo de conflito armado que não existia antes da Guerra Fria, chamada a guerra transnacional, em que as fronteiras estabelecidas pelos estados deixaram de desempenhar qualquer papel, sendo ignoradas pela violência armada entre grupos armados de natureza não-estatal (MDN, 2005).

O espetro do conflito é a base para todas as operações conduzidas pelas forças terrestres. De acordo com MDN (2012), o espetro de conflito compreende o nível de violência desde a paz estável até à guerra total. Nos níveis intermédios existe a paz instável e a subversão. O emprego das forças afeta de forma significativa o ambiente operacional, pelo que os comandantes têm de se preocupar com as missões seguintes, bem como com criar condições para o estabelecimento de uma paz estável.

1.2.2. Caracterização da Conflitualidade no Afeganistão

O Afeganistão de acordo com (Cruz et al., 2018), ao longo de toda a sua existência tem tido períodos controversos e marcantes na sua história, nomeadamente a invasão da URSS (União das Repúblicas Socialistas Soviéticas), em 1979, tendo depois estado envolvido nos acontecimentos do 11 de setembro de 2001, entre outros que vão até à atualidade. Tudo isto evidencia um vasto número de atores que têm manipulado a história e o futuro do Afeganistão.

A conflitualidade existente no Afeganistão aparece de várias formas e fontes, sendo a situação existente neste país volátil, inopinada e bastante complexa. Os Talibãs não são a única ameaça existente no Afeganistão, aparecendo também organizações terroristas nacionais, senhores da guerra, traficantes de droga e criminosos locais, todos estes contribuem significativamente para a instabilidade na região (Estado Maior do Exército, 2017).

Seguidamente pretende-se analisar as ameaças existentes no Afeganistão, caracterizando as mesmas de uma forma objetiva.³

³ Ver Anexo E

1.2.2.1. Ameaça do TO do Afeganistão

Talibãs

Os Talibãs no Afeganistão são uma organização militante islâmica sunita criada em 1994, para pôr no poder um estado afegão governado estritamente pela *Shariah*. Conseguiram atingir o seu objetivo em 1996 e governaram até 2001. Após o 11 de setembro a invasão americana retirou o regime Talibã do poder. Desde então os Talibãs lutam para retirar os EUA e os militares da NATO para fora do país (Stanford University, 2018b).

Os Talibãs segundo Maley (2010), era o exército convencional. O seu aparecimento refletiu fundamentalmente o desejo do Paquistão de ter uma força que poderia manter e ocupar partes significativas do território afegão, aspeto este que nem Hekmatyar's Hezbe-Islami conseguiu fazer anteriormente.

O principal objetivo das forças Talibãs é fazer com que as organizações internacionais existentes no Afeganistão se retirem completamente e que um governo islâmico seja estabelecido no país. Tem também como intuito enfraquecer as instituições governamentais afegãs, manter afastadas as forças de segurança e aumentar a sua influência em todo o país (McNally & Bugala, 2015).

A sua maneira de atuar, de acordo com Stanford University (2018), tem como referência e alvos centrais as tropas das organizações internacionais e as forças do governo afegão. Para isso utilizam atentados suicidas, *Improvised Explosive Device* (IED), ataques com *rocket*, assassinatos, guerra de guerrilha, massacres, sequestros, ataques a população civil e a ONGs.

Al Qaeda

Al Qaeda é uma das mais poderosas organizações terroristas do mundo, com uma longa história e com alcance mundial. É composto por um grupo principal de agentes que está sediado principalmente no Paquistão e no Afeganistão, mantendo relações com as várias organizações que têm por todo o mundo (Stanford University, 2019).

O Afeganistão foi a principal base de operações da Al Qaeda durante o tempo em que Osama Bin Laden, o seu fundador se estabeleceu no país, entre 1996-2001. Os agentes da Al Qaeda foram capturados ou expulsos do Afeganistão durante a invasão dos EUA ao Afeganistão, sendo Bin Laden morto posteriormente em 2011, colocando no poder Al-Zawahiri (Rollins, 2011).

De acordo com Brüggemann (2016) os principais objetivos da Al Qaeda mudaram após a guerra soviético-afegã. Desde então o objetivo deles é combater o “inimigo distante”, que consideram os aliados ocidentais dos regimes árabes com especial foco nos EUA. Primeiramente, ao criarem um campo de batalha global, queriam forçar os Estados Unidos a cortar o apoio aos países árabes como o estado do Golfo e o Egito. Depois queriam derrubar os seus regimes, destruir Israel e estabelecer o seu território e governar de acordo com a lei Sharia.

Al Qaeda utiliza diversas táticas para conseguir atingir os seus propósitos. A organização terrorista emprega atentados suicidas, IEDs, ataques *rocket*, utilização de granadas, sequestros, tomada de reféns e propaganda para conseguir promover os seus objetivos. A Al Qaeda também procurou armas nucleares, químicas e biológicas. Utiliza ainda técnicas de sabotagem de infraestruturas importantes para criar paragens nos serviços públicos (Stanford University, 2019).

Grupo Haqqani

O grupo Haqqani é uma rede insurgente que opera na região sudoeste do Afeganistão e nas áreas tribais no noroeste do Paquistão. O seu fundador é Jalaluddin Haqqani, sendo que o mesmo se tornou o líder espiritual do grupo e o seu filho, Sirajuddin Haqqani, assumiu a liderança operacional (Stanford University, 2018).

Esta é a organização insurgente mais capaz e perigosa do Afeganistão. O seu líder organiza os grupos tribais de maneira consistente com os interesses do governo paquistanês. Os Haqqanis utilizam bases estabelecidas no Paquistão para realizar os seus treinos e preparar as suas operações. A rede Haqqani utiliza veículos de segurança no Afeganistão para apoiar as operações insurgentes e terroristas em todo o país (Dressler, 2012).

Os principais objetivos do grupo Haqqani, segundo Stanford University (2018), mudaram desde que Sirajuddin Haqqani assumiu a liderança e tornaram-se muito mais violentos e ambiciosos. O uso do poder para efetuar mudança políticas na era moderna, seja como capturar território, restaurar o emirado nacional ou mesmo para ajudar a criar um califado islâmico global, são alguns dos objetivos que pretendem atingir. Têm como foco também manter a influência sobre os grupos terroristas sediados no Paquistão, controlar o sudoeste do Afeganistão e conseguir movimentar-se livremente por todo o país para mostrar a falta de segurança que o governo afegão tem para com a sua população (Dressler, 2012).

Desde 2001 que o grupo Haqqani tenta remover do país a coligação liderada pelos EUA, sendo que para isso empregam ataques complexos e de alto perfil na forma de ataques suicidas, decapitações, detonações de veículos e sequestros de reféns ocidentais e afegãos. Outra das técnicas utilizadas pelos Haqqanis é a campanha de sequestro por resgate da rede dos afegãos mais ricos e influentes. O grupo possui conhecimento tecnológico altamente avançado, particularmente relacionado com dispositivos de fabricação de bombas e detonação remota. Também têm como alvo edifícios e organizações ocidentais e instituições que simpatizem ou apoiem as autoridades estrangeiras (Stanford University, 2018).

1.2.3. Caracterização da Conflitualidade na RCA

A dinâmica do conflito na RCA foi sendo alterado ao longo tempo e apareceram dois grandes fenómenos. Primeiro, os dois principais movimentos armados dividiram-se numa multidão de pequenos grupos rebeldes, cada um com a sua própria agenda e alianças. Segundo, com o aumento da violência sectária, comunidades com armas envolveram-se neste conflito, conduzindo, isto, a um agravamento da crise. Devido ao facto de existirem tantos movimentos armados, existe também alguma dificuldade em diferenciar os diferentes grupos (Dukhan, 2016).

Existem várias ameaças no TO da RCA sendo que as mesmas estão divididas em vários movimentos rebeldes: *ex-Seleka*, *anti-Balaka* e movimentos armados derivados dos países vizinhos (Dukhan, 2018).⁴

1.2.3.1. Ameaça do TO da RCA

Movimento Armado *Ex-Seleka*

O surgimento do movimento armado *Seleka* em 2012 no nordeste da RCA resultou do abandono da religião pelo governo e da crescente influência do Chade e do Sudão. A falta de capacidade do governo de Francois Bozizé na RCA para impor a sua autoridade em regiões periféricas com a tarefa de garantir a segurança dos movimentos armados, fez com que se transformasse o nordeste do país numa incubadora para os grupos rebeldes (International Crisis Group, 2015).

De acordo com (Human Rights Watch, 2017), os *Seleka* eram uma coligação fraca que na sua maioria era muçulmana e que, devido à quase ausência de segurança e serviços

⁴ Ver Anexo F

sociais, conseguiram ter fácil acesso a armas. Para agravar esta situação é importante perceber que as fronteiras nacionais eram porosas e que o facto de o governo estar enfraquecido em Bangui, permitiu que este movimento armado aumentasse as suas capacidades rapidamente.

Em 2013, o presidente Michel Djotodia assinou um decreto presidencial para dissolver o movimento armado *Seleka* devido aos seus abusos generalizados. Como resultado desse decreto os agora *ex-Seleka* continuam a operar na RCA, apesar de estarem divididos e fracionados. Esta divisão foi causada principalmente por uma combinação de divisões étnicas, rivalidades de liderança, disputas e desacordos sobre as estratégias que os mesmos deveriam adotar (Dukhan, 2016).

Esta divisão resultou no aparecimento de vários movimentos armados distintos como podemos confirmar na Tabela nº1:

Tabela 1: Movimentos Armados *Ex-Seleka*

Denominação	Líder	Região
<i>Union for Peace in the Central African Republic</i> (UPC)	Ali Darassa	Parte Norte e Este da RCA
<i>Popular Front for the Renaissance of the Central African Republic</i> (FPRC)	Michel Djotodia Nourredine Adam	Parte Norte e Este da RCA
<i>Central African Patriotic Movement</i> (MPC)	Mahamat al-Khatim	Centro da RCA
<i>National Movement for the Liberation of the Central African Republic</i> (MNLC)	Ahmat Bahar	Noroeste da RCA
Grupos de Auto-Defesa	Não conhecido	Bangui
<i>Movement of Central African Liberators for Justice</i> (MLCJ)	Toumou Deya Gilbert Achafi Daoud Assabour	Nordeste e Centro da RCA
<i>Reformed Seleka</i>	Mohamed Moussa Dhaffane	Centro da RCA
<i>Union for Central African Renewal</i> (RPRC)	Zakaria Damane Djono Ahaba	Centro e Este da RCA

Fonte: Adaptado de Dukhan (2018)

Movimento Armado *Anti Balaka*

O movimento armado *anti Balaka* apareceu como resposta à violência generalizada cometida contra os civis pelo movimento armado *Seleka*. O movimento é composto por grupos de autodefesa da região onde vivem, membros das forças de Bozizé e ex-guardas presidenciais, também homens e mulheres vítimas do *Seleka*, foram recrutados para *os anti-Balaka* que desempenham atualmente um papel significativo no conflito atual (Dukhan, 2016).

Quando o movimento armado *anti-balaka* surgiu, de acordo com Human Rights Watch (2017), os vários grupos tinham, na sua maioria, um comandante, um secretário geral e um porta-voz. Alguns desses líderes declararam que o seu principal objetivo ser reinstalar Bozizé como presidente.

Atualmente é difícil saber exatamente a força deste movimento armado dado a sua composição diversificada e a falta de uma estrutura de comando central. Uma das razões para isso acontecer é que as milícias podem ser ativadas ou colocadas em espera conforme as circunstâncias existentes no campo de batalha (Dukhan, 2016).

Atualmente temos vários movimentos armados *anti-Balaka* em que se estão divididos conforme a tabela nº 2:

Tabela 2: Movimentos Armados *anti-Balaka*

Denominação	Líder	Região
<i>anti- Balaka</i>	François Bozizé	Bangui
Movimentos locais <i>anti-Balaka</i>	Não conhecido	Sul da RCA
<i>National Coordination of ex-Anti-Balaka</i>	Édouard-Patrice Ngaïssona	Bangui

Fonte: Adaptado de Dukhan (2018)

Outros movimentos armados

Existe também na RCA outros movimentos rebeldes sem ser o *ex-Seleka* e o *anti-Balaka*, sendo que, na tabela nº3, estão identificados os mesmos:

Tabela 3: Outros movimentos armados

Denominação	Líder	Região
<i>Congolese people's front for change and democracy</i> (FCCPD)	John Tshibangu	Não conhecida
<i>Lord's Resistance Army</i> (LRA)	Joseph Kony	Este da RCA
<i>Revolution for Justice</i> (RJ)	Armel Ningatouloum Sayo	Noroeste da RCA
<i>Democratic Front of the Central African People</i> (FDPC)	Martin Koumtamadji	Oeste da RCA
<i>Return, Reclamation, Rehabilitation</i> (3R)	Sidiki Abass	Noroeste da RCA
<i>Siriri movement</i>	Baoro Ndianigui	Sudoeste da RCA

Fonte: Adaptado de Dukhan (2018)

1.3. Forças comandos

1.3.1. Enquadramento das Forças Comandos

As Forças Especiais (FE) são forças que são constituídas por unidades de infantaria ligeira, de preparação e enquadramento qualitativamente superior ao das outras unidades dessa arma, capazes de cumprir todas as missões e tarefas que lhes são incumbidas tendo uma seleção cuidada e exigente dos seus homens. As Forças Comandos fazem parte das FE existentes no Exército Português. (EME, 2007).

Os Comandos são de acordo com EME (2007) forças ligeiras, vocacionadas para operações convencionais de natureza ofensiva, tendo elevada capacidade técnica e tática, com possibilidade de projeção imediata, grande flexibilidade de emprego e elevado estado de prontidão, dando primazia à surpresa, à velocidade, à violência e à precisão do ataque.

Quanto à organização das Forças Comandos e, como representado no organigrama do Batalhão de Comandos (BCmds) representado na figura nº1, podemos constatar que o mesmo é constituído por três Companhia de Comandos (CCmds), uma Companhia de Comando e Apoio (CCA) e um Estado-Maior (EM), sendo que cada CCmds tem quatro Grupos de Combate (GrComb) (EME 2017).

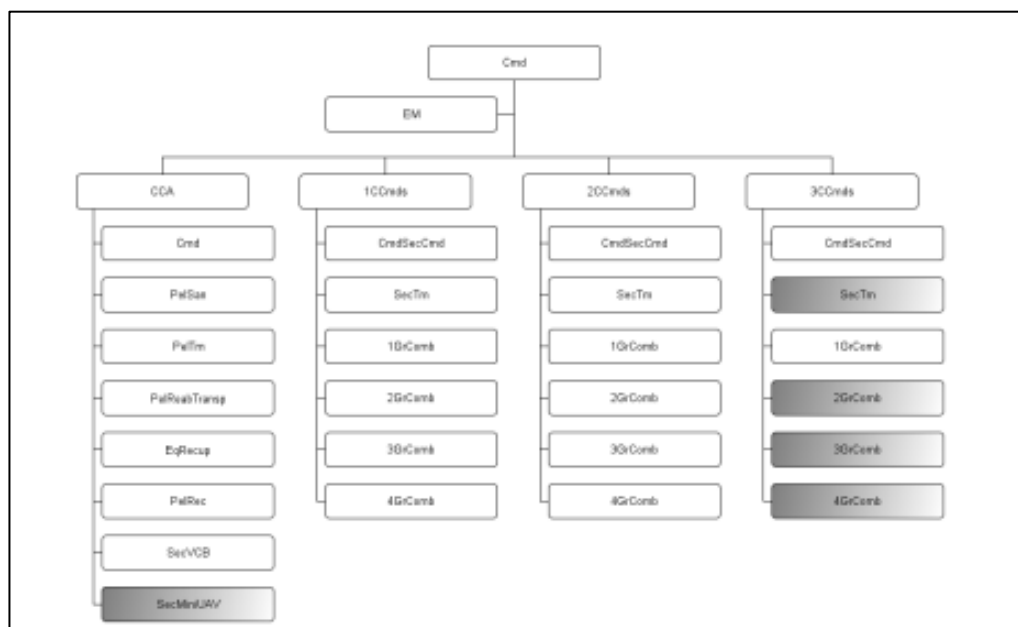


Figura 1: Organigrama do BCmds

Fonte: (EME, 2017, P.3)

1.3.2. Capacidade das Forças Comandos

As Forças Comandos são capazes de se constituírem como unidades de intervenção em qualquer TO, especialmente em situações de elevado risco e/ou que exijam grande capacidade de sacrifício. A sua atuação caracteriza-se ainda por uma limitada capacidade de sustentação e de defesa, principalmente perante uma ameaça blindada ou mecanizada em terreno que seja favorável a essas forças (EME, 2007).

Compete então às Forças Comandos participar em ações de intervenção rápida que exijam grande mobilidade e agressividade na execução, atuar como unidades de infantaria em todo o tipo de missões que possam ser atribuídas a um batalhão de infantaria, com especial ênfase nas operações em condições especiais, desenvolver ações em conflitos de baixa intensidade, como na contra guerrilha (EME, 1990).

O BCmds de acordo com EME (2007) tem a possibilidade de atuar tanto num TO de alta intensidade como num TO de baixa intensidade. Num TO de alta intensidade as Forças Comandos são empregues tendo em conta as suas especificidades intrínsecas, podendo, dentro da tipologia de operações OTAN, executar vários tipos de operações tais como:

- Operações ofensivas onde pode executar golpes de mão para garantir o isolamento do campo de batalha e a destruição, captura ou perturbação das ações de apoio e reforço do inimigo através de ataques a unidades, instalações ou quaisquer outros objetivos no combate em profundidade. Emboscadas e demolições para interditar linhas de comunicação. Fintas e demonstrações e Segurança na Área da Retaguarda (SAR) como força de intervenção perante a ameaça de tropas especiais (TE) inimigas, guerrilhas ou terroristas.

- Operações defensivas em que realiza a defesa de pontos sensíveis, estabelecendo dispositivos de defesa em perímetro na profundidade do dispositivo das nossas forças (NF) perante a ameaça, instalações críticas para as NF e/ou interesses nacionais. Participa na SAR como força de intervenção perante a ameaça de tropas especiais inimigas, guerrilhas ou terroristas.

- Operações de transição em que faz a marcha para o contacto na modalidade de “busca e ataque” num contexto de contraguerrilha em ambiente de contrainsurreição.

- Operações aerotransportadas através da projeção por via aérea, utilizando posteriormente aterragem de assalto, aumentando assim as possibilidades de atuação.

- Operações em ambientes específicos como áreas edificadas, florestas, deserto, montanha, condições de visibilidade limitada, tendo de atuar também em condições de extremo calor ou frio.

- Operações em território controlado pelo inimigo são operações que normalmente os Comandos executam após a infiltração na sua profundidade. No entanto também podem ser realizadas após ocultação durante a progressão do inimigo com o objetivo de atuar na sua retaguarda (EME, 2007).

Num TO de baixa intensidade no contexto das operações OTAN as Forças Comandos podem:

- Participar em Operações de Apoio à Paz (OAP), operações de manutenção de paz em TO de elevada exigência, operações de imposição de paz e prevenção de conflitos através da presença dissuasora.

- Noutras operações e tarefas de resposta a crises como operações humanitárias e operações de evacuação de não-combatentes, nomeadamente em ambiente incerto e inimigo em que o BCmds é uma unidade de atuação adequada (EME, 2007).

As Forças Comandos para realizarem todas estas operações precisam de ser muito exigentes naquilo que é a sua formação e o seu treino, sendo que as instruções ministradas têm como objetivo preparar os militares para desempenhar as missões em condições de grande dureza, não só pelo inimigo que enfrentam como também o terreno em que executam as mesmas (EME, 1988).

CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA

2.1. Enquadramento

Existem diversos tipos de investigação segundo Santos et al. (2015), sendo que as mesmas se apresentam na forma de investigação fundamental ou aplicada. Para este trabalho realiza-se uma investigação aplicada que tem uma finalidade prática profissional. Assim sendo, pode recorrer-se a fontes primárias, mas o mais recorrente é usar estudo e fazer uma nova interpretação de informação obtida anteriormente por outros autores. Assim a investigação aplicada tem como principal objetivo encontrar uma aplicação prática para os novos conhecimentos adquiridos no decurso da realização de trabalhos originais.

A metodologia deve direcionar a “busca da definição dos referenciais que precederam o momento atual, na análise da forma e das causas de transformação desses referenciais, e na pesquisa das interações dos homens e dos grupos de homens com os referenciais que os enquadram” (Santos, 2012 cit in Santos et al., 2015).

Neste capítulo são abordados quais os procedimentos metodológicos feitos para o desenvolvimento e estruturação deste trabalho. Sendo que, no presente capítulo, encontram-se explanados quais são os métodos de abordagem, as técnicas, os procedimentos e os meios de pesquisa, a tipologia de fontes de informação e a técnica de recolha de dados, as ferramentas de recolha e análise de dados e qual o tipo de amostragem e a delimitação do universo empregues neste trabalho de investigação.

2.2. Método de abordagem

O método científico é de acordo com Sarmiento (2013, p.7), um conjunto de “procedimentos e normas que permitem produzir conhecimento”. Uma das principais características do método científico é a sua replicabilidade, podendo esta conseguir-se através do desenvolvimento de diferentes estratégias. Cada uma irá dar origem a variantes deste método, sendo principalmente os raciocínios indutivo, dedutivo e hipotético-dedutivo, sendo os mesmo as formas de pensamento que foram adotadas durante o trabalho de investigação (Freixo, 2011 cit in Santos et al., 2015).

Tendo em conta o objetivo desta investigação, o método escolhido foi o método hipotético-dedutivo, que foi criado por Karl Popper. Na sua perspetiva, partir do geral para o

particular a partir de um determinado número de observações, deixa uma certa margem de erro. Este método utiliza uma estratégia que combina o método indutivo e dedutivo, pois quem está a investigar precisa tanto dos dados para a teoria como da teoria para os dados (Santos et al., 2015). Este método é válido pois “fundamenta-se na reunião de observações, factos e ideias, que validam as hipóteses.” (Sarmiento, 2013, p.8).

Para complementar a investigação e, de acordo com Sarmiento (2013, p.9), foram utilizados métodos inquisitivos que são baseados no interrogatório escrito ou oral.

Tendo em conta o que foi dito na introdução, este TIA tem como objetivo responder à seguinte PP: “De acordo com o atual quadro de conflitualidade, qual o ambiente operacional em que as Forças Comandos podem ser empenhadas?”

Posteriormente para descentralizar a PP foram criadas também várias PD:

PD1: Como é caracterizado o Ambiente Operacional?

PD2: Como se caracteriza o atual quadro de conflitualidade?

PD3: O que são Forças Comandos?

PD4: Onde podem ser empenhadas as Forças Comandos?

Para responder a estas PD estabeleceram-se as seguintes hipóteses:

H1: O Ambiente Operacional é caracterizado pelo terreno, infraestruturas, condições meteorológicas, população e aérea de operações existentes em cada TO.

H2: O atual quadro de conflitualidade é caracterizado por todas as ameaças existentes nomeadamente os grupos armados de natureza não estatal. Atualmente, o conflito não se restringe a fronteiras delimitadas pelos países.

H3: As Forças Comandos são uma força de intervenção que têm a capacidade de realizar qualquer tipo de operações, preferencialmente operações ofensivas.

H4: As Forças Comandos podem ser empenhadas em qualquer tipo de ambiente operacional. A sua formação e treino conferem-lhes as ferramentas necessárias para se adaptar às condições do TO.

2.3. Procedimento de Pesquisa

Existem diferentes procedimentos técnicos utilizados para se realizar a recolha e análise de dados, sendo que para isso existem vários desenhos de pesquisa. Existem vários *Research Design*, sendo que o escolhido para esta investigação foi o estudo de caso (Santos et al., 2015).

O estudo de caso fundamenta-se num procedimento metodológico através do qual o investigador quer obter informação detalhada sobre uma única unidade de estudo. Este desenho tem como objetivo descrever de forma detalhada a unidade de observação, que é o foco de quem está a investigar (Santos et al., 2015)

O estudo de caso são as Forças Nacionais Destacadas (FND) que estiveram presentes no TO do Afeganistão, no período de 3 de agosto de 2005 a 13 de agosto de 2008 e ainda de 14 de abril de 2010 a 28 de setembro de 2010 e as FND que estiveram na RCA no período de 30 de janeiro de 2017 a 12 de setembro de 2019, de modo a conseguir comparar o modo de emprego das Forças Comandos no respetivos TO.

2.4. Tipologia das fontes de informação e técnicas de recolha de dado

No que concerne à recolha de informação para a realização deste TIA optou-se por utilizar informação documental e também primária, escolhendo-se a realização de entrevistas.

Primeiramente a informação bibliográfica é essencial para a realização de qualquer trabalho de investigação, sendo que o tema escolhido tem diferentes fontes e documentos onde se encontra informação pertinente para o mesmo (Sarmiento, 2013). A informação documental que está presente neste TIA vem tanto da Biblioteca da Academia Militar, como também foi enriquecida com vários artigos científicos. Por fim, também foi utilizado vários documentos militares relacionados tanto com os TO do Afeganistão e da RCA, como das Forças Comandos.

Relativamente à informação primária que é a pesquisa para um fim específico, podendo ser qualitativa, quantitativa ou mista (Sarmiento, 2013). Para a realização da entrevista foi realizada uma entrevista semiestruturada, sendo as entrevistas realizadas a oficiais dos Comandos que fizeram parte das FND dos TO do Afeganistão e da RCA.

2.5. Amostragem e delimitação do universo

Para o cálculo do tamanho de uma amostra tem de ser considerado o objetivo de estudo, a homogeneidade da população ou do fenómeno em estudo (Santos et al., 2015). Numa investigação é essencial delimitar a população que vai fazer parte da mesma, pois é impossível representar todo o universo em questão.

Relativamente à amostragem, segundo Santos et al. (2015), é o processo através do qual se seleciona um conjunto de elementos de uma dada população que tem as características

que identificam esse grupo maior, sendo chamado também de “Universo”. Devido à extensão da população é necessário delimitar o universo que vai ser investigado.

Neste TIA a população alvo está restrita aos Oficiais do Exército Português Comandos que exerceram funções de comando relacionado com as FND que estiveram no TO do Afeganistão e também no TO da RCA. A amostra inclui os Capitães e Oficiais Superiores que estão incluídos na população acessível, ou seja, a população que está ao alcance para estudar e investigar (Santos et al., 2015).

PARTE II – TRABALHO DE CAMPO

CAPÍTULO 3 – EMPREGO DAS FORÇAS COMANDOS

3.1. Emprego das Forças Comandos no TO do Afeganistão

3.1.1. Enquadramento – Estrutura e Comando da NATO/ISAF

Em 20 de dezembro de 2001, foi criada a resolução 1386 do CSNU, que permitiu o estabelecimento da ISAF no Afeganistão, respondendo, assim, ao pedido feito pelas autoridades afegãs. Inicialmente, o papel da ISAF era apoiar a autoridade interina afegã, mantendo a segurança tanto dentro como fora da capital do país. A força era constituída por dezoito países, sendo que os mesmos contribuíaam com militares e material necessário, sob a autoridade do Reino Unido. Em outubro de 2003, a ISAF recebeu um novo mandato, previsto na resolução 1510 do CSNU, para expandir a área de responsabilidade para os arredores de Cabul (ISAF, 2009).

De acordo com ISAF (2009), a OTAN assumiu o comando da missão da ISAF em agosto de 2003. Nos três anos seguintes, o comandante supremo da OTAN responsável pela Europa, supervisionou os estágios de expansão da ISAF. Essa ampliação resultou no estabelecimento dos comandos regionais do norte, do oeste, do sul e do leste, com o objetivo de apoiar o governo afegão a exercer a sua autoridade em todo o país e criar condições para que a *Provincial Reconstruction Team* (PRT) conseguisse executar as suas tarefas. Em 2006, a brigada multinacional de Cabul foi reorganizada e renomeada capital de comando regional, tornando a área de Cabul a maior estrutura da ISAF.⁵

Cada comando regional é assumido por uma nação líder e é composto por: uma sede de comando e controle (C2), bem como uma Base de Suporte Avançado (BSA), uma vez que estas são instalações logísticas essenciais, com o objetivo de fornecer suplementos, centros médicos e de transporte em cada região para ajudar os PRTs na sua missão de estender a autoridade do governo afegão.

⁵ Ver Anexo A

3.1.2. Caracterização dos Comandos como QRF no Afeganistão

Primeiramente, e antes de serem explanadas quais as tarefas dos Comandos como QRF no Afeganistão, é necessário perceber que, a um nível contextual e, de acordo com Chychota & Kennedy (2014), não existe, na literatura, a organização e a definição de uma QRF. No entanto, nas ordens da *Joint Task Force* salienta-se que as QRF recebem missões e tarefas táticas específicas. Considera que uma QRF é uma força de reserva com capacidade de dar uma resposta de reação rápida.

De acordo com Cardoso et al. (2014), a partir de julho de 2005, foi iniciada a missão da FND constituída por uma QRF, sendo a mesma composta por uma secção de comando, uma companhia de manobra, um centro de operações tático e um destacamento de apoio de serviços, sendo que estes membros pertenciam ao exército com exceção de uma equipa de controladores aéreos avançados da Força Aérea (FA).

3.1.3. Análise da participação dos Comandos no TO do Afeganistão

As Forças Comandos⁶ começaram a sua atuação no TO do Afeganistão, em 2005, e mantiveram-se no país até 2008, sendo que os mesmos foram integrados como QRF da ISAF. Os Comandos tinham como missão conduzir operações como QRF⁷, no apoio ao governo afegão, com o objetivo de estabelecer e manter um ambiente seguro, de modo a conseguirem, posteriormente, facilitar a reconstrução do Afeganistão e ao mesmo tempo contribuir para a estabilidade regional (Cardoso et al., 2014).

O tempo de ativação da QRF no Afeganistão era, normalmente, de quinze minutos, sendo que, findo esse tempo, a força tinha de estar equipada e pronta a deslocar-se para a operação. Se a operação fosse perto, o comandante tinha a opção de usar mais tempo e definir um plano mais detalhado, no entanto, se a intervenção fosse mais distante, o comandante saía de imediato e fazia a disseminação de informação pelo caminho.

A primeira Força Comandos a ser projetada para o TO de Afeganistão, segundo Cardoso et al. (2014), foi empregue entre 3 de agosto de 2005 e 18 de fevereiro de 2006 e durante o seu tempo no TO, destacaram-se em diversas operações com tarefas inerentes a QRF, tais como:

- Patrulhamento montado e apeado realizado na operação TUBARÃO de 23AGO05 até 16SET05.

⁶ Ver Apêndice C

⁷ Ver Apêndice A

- *Vehicle Check Point* executado na operação TUBARÃO de 23AGO05 até 16SET05.

- Apoio/ Segurança e entidade governamentais e instalações feitos em diversas operações como a operação SUPPORT NAPCE desde 01SET05 a 19DEC05, operação SCREEN III em 09SET05, operação PASS GUARD II, operação DOCTOR NO de 04OUT05 até 06OUT05, operação EXPASION II desde 07OUT05 a 11OUT05, operação AFGHAN VENTURE de 08DEC05 a 15DEC05 e a operação DETERMINED EFFORT.

- Vigilância em diferentes operações tais como a operação OCTUPUS II de 17SET05 a 13OUT05, operação SPIDER de 24SET05 a 06OUT05, operação KABUL SHIELD, desde 12OUT05 até 14OUT05, operação SWORDFISH de 02DEC05 até 06DEC05, operação BATS FLIGHT em 29DEC05, operação NEW YEARS SHIELD de 30DEC05 a 01JAN06, operação HADES em 09JAN06 e a operação LONDON CALLING de 29JAN06 a 31JAN06.

- Defesa *High Value Target* (HVT) na operação CALAMARI I, II, III de 29OUT05 a 01NOV05.

- Escoltas na operação RUBICON desde 17OUT05 a 18OUT05.

A segunda Força Comandos a ser destacada para o TO de Afeganistão manteve-se no país de 18 de fevereiro de 2006 até 09 de agosto de 2006, sendo que tiveram de executar as tarefas inerentes à QRF nas seguintes operações:

- Patrulhamento montado e apeado em diversas operações como a operação TUBARÃO II, de 04FEV06 a 12MAR06, operação COCKROACH I desde 12MAR06 a 22MAR06, operação COCKROACH II de 09ABR06 a 19ABR06, operação CROW desde 06MAI06 a 21MAI06, operação SUPERMARKET I de 15 a 22MAI06 e a operação TURTLE de 15JUN06 a 16JUL06.

- Atuação como QRF em várias operações, tais como, a operação SACEUR VISIT de 26 a 26FEV06, operação AFGHAN HAPPY NEW YEAR de 20MAR06 a 22MAR06, operação TURTLE desde 15JUN06 a 16JUL06 e a operação KABUL FIND06 em 10ABR06.

- Controlo de Tumultos na operação CHRISTMAS TREE EMBASSIES em 31MAR06

- Escoltas na operação CARRIER PEDGEON CIS TEST em 09MAI06

- Apoio/ Segurança a entidades governamentais e a instalações na operação CHOC em 04MAI06 e na operação PASSGUARD.

- Cerco e busca na operação RAT TRAP II.

A terceira projeção das Forças Comandos para o TO do Afeganistão foi desde 28FEV07 até 28AGO07, sendo que os mesmos realizaram diversas operações com as seguintes tarefas:

- Patrulhamento na operação OQAB MAGNET ENDURING PHASE de 16MAR07 a 06ABR07 e a operação ELYSIAN FIELDS desde 15ABR07 até 02MAI07

- Reconhecimento e Vigilância na operação OQAB MAGNET DECISIVE PHASE de 04 a 09MAR07 e na operação ELYSIAN FIELDS desde 01 a 06ABR07

- Segurança a instalações na operação DOGAN BARS a 17ABR07

- Cerco e busca nas operações ESCORPIÃO em 02JUN07, operação HOOVER de 24MAI07 a 26MAI07 e a operação VÍBORA desde 02JUN07 até 10JUN07.

A quarta projeção das Forças Comandos para o TO do Afeganistão foi desde 28FEV08 até 01JUL08, sendo que os mesmos realizaram diversas operações com as seguintes tarefas:

- Patrulhamento em diversas operações tais como a operação PAMIR ENDURING PHASE de 29FEV08 a 11MAR08, operação COBRA MOUNTAIN II em 19MAR08 e a operação SOHIL LARAM IV desde 18ABR08 até 09JUN08

- Vigilância na operação PAMIR ENDURING PHASE de 29FEV08 a 11MAR08

- Atuação como QRF na operação ORANGE de 23 a 29MAR08 e na operação CRAZY BUFFALO de 23MAR08 a 03ABR08

- Escolta na operação ORANGE de 23 a 29MAR08.

A quinta projeção de Forças Comandos para o TO de Afeganistão manteve-se no país de 18 de abril de 2010 até 24 de setembro de 2010, sendo que estavam prontas a ser empregues em qualquer parte da área de operações (AO) do Afeganistão, com capacidade para cumprir as seguintes missões: evacuação de pessoal, escoltas, vigilância e reconhecimento, controlo de tumultos, defesa de pontos sensíveis, patrulhas, operações aeromóveis e proteção de altas entidades e apoio a eventos governamentais.

Elencadas as tarefas de uma força QRF no Afeganistão de acordo com o apêndice A podemos concluir que as Forças Comandos foram empregues de acordo com aquilo que era pretendido, mostrando assim que têm a capacidade para realizar diversas operações em simultâneo e conseguem, de acordo com a missão, efetuar as tarefas com sucesso.

3.2. Emprego das Forças Comandos no TO da RCA

3.2.1. Enquadramento – Estrutura e Comando da ONU/MINUSCA

O CSNU autorizou em 10 de abril de 2014 a implementação da MINUSCA devido à preocupação existente com a segurança, direitos humanos e com a crise política na RCA, sendo a proteção de civis o seu principal objetivo. As suas tarefas passavam por oferecer suporte para o processo de transição, apoiar na assistência humanitária, proteção dos direitos humanos, apoio à justiça e implementar o desarmamento, desmobilização, reintegração e o repatriamento no país (United Nations Peacekeeping, 2020).

A MINUSCA, a nível militar, faz parte de uma Operação de Manutenção de Paz (OMP) no âmbito do Cap. VII da Carta da ONU que, segundo Medeiros, Cardoso, Barata, & Soares (2018), a sua componente militar irá garantir a estabilização da situação de segurança na RCA. Tem a finalidade de criar um ambiente propício para serem realizadas negociações políticas, para desenvolver as capacidades do estado e estender a sua autoridade e influência a todo o país.

De acordo com United Nations Peacekeeping, (2020), a MINUSCA tem bases operacionais em todo o território da RCA, sendo que as mesmas estão distribuídas pelos setores este, norte e oeste, onde estão as unidades da força. A organização da MINUSCA começa com o Secretário Geral das Nações Unidas (SGNU), como comandante, tendo na sua dependência o departamento operações apoio à paz, o representante especial do secretário geral e o chefe da MINUSCA, o *Force Commander* (FC). A *Portuguese Quick Reaction Force* (PRTQRF) encontra-se como reserva do FC MINUSCA.⁸

3.2.2. Caracterização dos Comandos como QRF na RCA

O conselho superior de defesa nacional em 24 de março de 2016 deu parecer favorável à participação de Portugal na MINUSCA. O exército constituiu uma força de manobra escalão companhia, com a missão de QRF da componente militar da MINUSCA, com capacidade de atuar em qualquer região da AO. A QRF tem atuado em ambiente tanto urbano como rural, com grande capacidade de resposta e mobilidade elevada. O seu emprego passa por ser empregue em várias tarefas primárias, secundárias, em crises de baixa intensidade e na intervenção a crises inesperadas ou em tarefas de QRF (EME, 2018).

⁸ Ver Anexo B

3.2.3. Análise da participação dos Comandos no TO da RCA

As Forças Comandos⁹ começaram a sua atuação no TO da RCA em 2017, sendo que, na atualidade, continuam a efetuar operações no país, fazendo parte da QRF¹⁰ pertencente à MINUSCA. O objetivo dos Comandos na RCA era efetuar operações militares numa zona de conflito armado, em que as suas características predominantes são a volatilidade, a imprevisibilidade e a complexidade (Paulino, 2018).

A primeira Força de Comandos a ser projetada para a RCA, segundo Paulino (2018), teve início a 07 de janeiro de 2017 tendo a mesma terminado a 04 de setembro do mesmo ano. Durante o tempo que esta FND esteve na RCA, teve de executar várias tarefas nas seguintes operações:

- INDUCTION TRAINING de 30JAN17 a 15FEV 17 onde foram executadas patrulhas de segurança e também reconhecimento aéreo com o objetivo de se adaptar ao TO.

- Operação com destino a BAMBARI, começou 14FEV17 e terminou 30MAR17, que tinha como objetivo desalojar o grupo armado UPC. Efetuaram primeiro reconhecimento aéreo, demonstração de forças e, seguidamente, realizaram um cerco e busca como QRF para forçar os insurgentes a sair da cidade. Ainda nesta operação, tiveram de ser executados vários reconhecimento tanto a itinerários como aéreos, patrulhas motorizadas com demonstração de força, vigilância para recolha de informação, escoltas a altas entidades e operações de Cooperação Civil-Militar (CIMIC).

- No final de fevereiro, após um reconhecimento de zona, foi executado uma operação de cerco e busca para forçar o grupo armado FPRC a abandonar a zona delimitada pela MINUSCA.

- Operação com destino a BAMBARI, MOBAYE, ALINDAO e BANGASSOU, de 19ABR17 a 21MAI17, onde se realizaram patrulhas motorizadas, escoltas, reconhecimento, segurança a instalações e operações de cerco e busca.

- Operação com destino a BAMNARI desde 21JUN17 a 12JUL17, com emprego em patrulhas motorizadas, patrulhas de longo raio de ação, reconhecimento e AIRMEDEVAC.

A segunda projeção dos Comandos para o TO da RCA, de acordo com Varino (2019), iniciou-se a 4 de setembro de 2017 e foi concluída a 5 de março de 2018. Nesta FND

⁹ Ver Apêndice C

¹⁰ Ver Apêndice B

existiram diversas tarefas realizadas no decorrer das operações, algumas destas elencam-se de seguida:

- Operação EAGLE III a 11SET2017

- Operação DAMAKONGO de 30SET17 a 27OUT17, onde, após vários ataques dos grupos armados 3R e MPC, os Comandos tiveram como missão expulsar os insurgentes das povoações, sendo que para isso executaram reconhecimentos e posteriormente buscas e cercos.

- Operação VIPER I, II, III e operação FREE MOVEMENT na cidade de Bangui onde efetuaram demonstrações de força, patrulhas conjuntas e também escoltas.

- Operação MBAMARA desde 15DEZ17 até 14JAN18, tinham como missão controlar o itinerário KEMBO – BANGASSOU e capturar ou neutralizar a ameaça. Os Comandos executaram reconhecimento e seguimento de buscas e cercos para cumprir a missão. Também realizaram duas atividades de CIMIC.

- Operação AREA DOMINATION e operação SECURITY OF PK5 em Bangui onde executaram patrulhas conjuntas, vigilância e atividades CIMIC.

A terceira projeção dos Comandos para o TO da RCA, de acordo com EMGFA (2020), iniciou-se a 11 de março de 2019, tendo concluído a 12 de setembro de 2019. Nesta FND existiram diversas tarefas realizadas nas operações, tais como:

- Empenhamento da PRTQRF de 4ABR19 a 11MAI19 em BOUCA para executar patrulhas de longo raio de ação, escoltas e movimentos logísticos e reconhecimentos devido aos incidentes relacionados à transumância.

- Operação WEGNYEN NEGOYE (HAMMER) de 26MAI19 a 22JUN19 em que, após ataques por parte do grupo armado 3R às povoações de *Koundjili*, *Lemouna*, *Bhohong* e *Maikolo*, os Comandos realizaram tarefas de patrulhamentos, ações ofensivas como cerco e busca e escoltas internas.

A PRTQRF também executou atividades CIMIC e estava sempre pronta para atuar como QRF no PK5 em Bangui.

CAPÍTULO 4 – APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Enquadramento

Neste capítulo são analisadas as entrevistas referentes ao emprego das Forças Comandos no TO do Afeganistão e no TO da RCA, com o objetivo de complementar a investigação realizada.

Com esse intuito, apresenta-se uma breve descrição dos entrevistados e analisam-se os resultados obtidos nas entrevistas. Foi criado um guião de entrevista orientado pelos objetivos específicos desta investigação.

As entrevistas foram realizadas por videoconferência e via eletrónica. Após concluídas efetuou-se a análise e comparação dos resultados para obter os dados pretendidos e perceber como os Comandos foram empregues no TO do Afeganistão e da RCA.

4.2 Análise das entrevistas

Para a realização das entrevistas foram usados dois métodos diferentes. Por videoconferência, havendo um registo áudio e posteriormente foi feita a transcrição de modo a ser respondido ao corpo de questões que o guião apresentava. Foram também recolhidas as entrevistas via eletrónica, tendo sido enviado o guião das entrevistas e os entrevistados responderam às questões de modo a atingir os objetivos específicos da investigação.

Relativamente à realização das entrevistas as mesmas foram divididas em duas partes correspondendo cada uma a um TO.

Para o TO do Afeganistão foram efetuadas onze entrevistas¹¹ a militares que fazem parte do Exército mais especificamente de infantaria com especialidade Comando que tiveram funções de comando durante as FND projetadas para o Afeganistão. Desses militares, três eram os comandantes da FND e, os restantes eram, comandantes e segundos comandantes de companhia.

¹¹ Ver Apêndice D

Para o TO da RCA foram realizadas quatro entrevistas¹² a militares também integrantes das Forças Comandos, sendo que três deles eram os comandantes da FND e o restante era o segundo comandante de companhia.

A escolha dos entrevistados está relacionada com o seu comando operacional e com pontos de vista diferentes sobre como os Comandos foram empenhados nos diferentes TO. As tabelas seguintes contêm a informação dos entrevistados que foram empregues no TO do Afeganistão e da RCA.

Tabela 4: Descrição das amostras das Entrevistas do TO do Afeganistão

Nº	QRF/FND	Posto/Função	Situação Atual	Nome
1	1	Cmdt/Tenente Coronel	Coronel	Dores Moreira
2	1	2º Cmdt Comp/Capitão	Tenente Coronel	Sousa Pinto
3	2	Cmdt Comp/Major	Coronel na reserva	Ruivo
4	2	2º Cmdt Comp/ Capitão	Tenente Coronel	Lourenço
5	4	Cmdt/Tenente Coronel	Coronel na reserva	Pipa Amorim
6	4	2º Cmdt Comp/ Capitão	Major	Lee Chin
7	6	Cmdt Comp/Major	Tenente Coronel	Cancelinha
8	6	2º Cmdt Comp/ Capitão	Tenente Coronel	Moutinho Fernandes
9	7	Cmdt/Tenente Coronel	Coronel na reserva	Ulisses Alves
10	7	Cmdt Comp/Major	Tenente Coronel	Simões Pereira
11	7	2º Cmdt Comp/Tenente	Major	Luís

Fonte: Elaboração Própria

Tabela 5: Descrição das amostras das Entrevistas do TO da RCA

Nº	QRF/FND	Posto/Função	Situação Atual	Nome
1	1	Cmdt/Tenente Coronel	Tenente Coronel	Paulino
2	1	2º Cmdt Comp/Capitão	Capitão	Faro
3	2	Cmdt/Tenente Coronel	Tenente Coronel	Varino
4	5	Cmdt/ Tenente Coronel	Tenente Coronel	Moura

Fonte: Elaboração Própria

De modo a ser mais perceptível a análise do conteúdo das entrevistas, foram criados quadros que contêm uma síntese das respostas de cada um dos entrevistados, sendo que a

¹² Ver Apêndice E

mesma corresponde à numeração exposta nas tabelas anteriores¹³. Primeiro serão analisadas as respostas às questões do TO do Afeganistão e posteriormente do TO da RCA.

4.2.1 Análise das entrevistas no TO do Afeganistão

De seguida serão apresentadas as respostas expostas no Guião de Entrevista – TO do Afeganistão sendo que o mesmo está composto por nove questões. Todos os entrevistados desempenharam funções de comando durante o tempo em que a força QRF esteve no Afeganistão.

No que respeita à questão nº1: **“Quais os principais desafios que encontrou no TO do Afeganistão, tendo em consideração o ambiente operacional do mesmo, mais especificamente o seu terreno, condições meteorológicas, infraestruturas, a sua religião e a sua área de operações?”**, os entrevistados, na sua maioria, abordaram o terreno, condições meteorológicas, infraestruturas, religião e área de operações. No que concerne ao terreno, consideram que o mesmo é bastante acidentado, sendo planície a sul e alta montanha no norte do país, o que dificulta o emprego de meios *very high frequency* (VHF). Reiteraram também que, como as forças opositoras têm um maior conhecimento de terreno, ocupavam as posições que lhes conferiam maior vantagem. Existe ausência de cobertura vegetal, o que torna os campos de visão e tiro muito abertos. O terreno na zona oeste e sul é composto por áreas desérticas, o que permitia a liberdade de movimentos. O entrevistado N^o7 refere que os leitos secos dos rios serviam de itinerários, tanto para forças apeadas, como forças motorizadas.

As condições meteorológicas foram consideradas em grande maioria um enorme desafio devido à sua amplitude variando entre -10° e +40°. Tinha duas estações mais evidentes, sendo o verão e o inverno, onde os insurgentes operavam mais durante a época quente pois os deslocamentos eram mais fáceis. Estes desafios devem-se ao facto de com as temperaturas elevadas vinham as tempestades de areia na zona sul e oeste que dificultava as tarefas a serem realizadas. Com as temperaturas baixas as forças eram obrigadas a executar procedimentos sobre os quais não havia prática para tal.

As infraestruturas no Afeganistão foram caracterizadas em grande maioria como escassas ao nível da saúde, educação, água, esgotos e da eletricidade. As redes estradais asfaltadas eram diminutas. Na capital as bases OTAN tinham deslocamentos por helicóptero e viatura. Os edifícios eram de alvenaria com as condições necessárias para habitar. Fora da

¹³ Ver Apêndices G e H

capital em sua maioria temos povoações sem as condições necessárias, redes ferroviárias reduzidas. O território conta com 46 aeroportos, 11 dos quais são pavimentados.

A etnia e a religião, de acordo com maioria dos entrevistados, são fechadas e existe uma diferença cultural significativa. Como consequência havia uma interação limitada da força com a população. O conhecimento da religião poderia ajudar a eficácia operacional da força, pois ajudaria a interagir com a ANA e o resto das forças afegãs. A devoção, o compromisso religioso e o desejo de defender a legitimidade cultural é bastante impulsionador para os insurgentes continuarem a atacar as forças estrangeiras. Uma das dificuldades existentes tinha a ver com a língua, pois a tradução poderia acarretar riscos no conteúdo da mensagem e consequentemente erros durante a operação.

A área de operações era todo o país. As Forças Comandos ao atuar como QRF podiam ser empregues em qualquer local do TO.

Relativamente à questão nº 2: **“Tendo em conta as ameaças existentes no TO do Afeganistão, como é que o comandante da força as identificava? Quais as principais diferenças entre as várias ameaças? E como é que anulava/mitigava as mesmas?”**, em grande parte foi referido que a ameaça deriva de grupos terroristas como os Talibãs, Al Qaeda e a rede Haqqani. As ameaças são irregulares, pois quem as utiliza emprega métodos não convencionais para atingir os seus objetivos. A identificação do inimigo era complicada pois todos tinham o mesmo aspeto e o *modus operandi* eram semelhantes, por isso normalmente a identificação do inimigo era fornecido pelo escalão superior. As principais ameaças eram: os IED, VBIED e bombistas suicidas, sendo que a probabilidade de ataque era diária; RCIED era acautelada com a presença de empasteladores de sinal; *rocket* mitigado com ações de patrulhamento; flagelação de armas ligeiras a longa distância não permitiam resposta imediata devido às mesmas virem de áreas povoadas, obrigando assim à utilização de blindagem. Em termos gerais a solução passava pelas Forças Comando atuarem de uma forma proativa, sendo imprevisível, mudando as suas rotinas e isso originava insegurança por parte dos rebeldes.

Em relação à questão nº3: **“Quais as principais operações que foram executadas durante o seu comando no Afeganistão?”** a resposta variou tendo em conta a FND que esteve no TO. De acordo como o entrevistado Nº 1 e Nº2 que comandaram a 1ªFND a operação TENTACLES foi a mais importante e desafiante devido a facto de na mesma ter ocorrido um ataque que resultou num falecido, ferido grave e ferido ligeiro. A gestão da situação e dias foi particularmente difícil após esta operação. O entrevistado Nº 3 e Nº 4 pertencentes à 2ªFND consideraram a operação TURTLE a mais importante pois foi a

primeira projeção da QRF para fora de Cabul. O maior desafio prendeu-se com o aumento significativo das ações das ameaças e com a projeção dos meios e pessoal para fora de Cabul. Para o entrevistado N°5 da 4ªFND as principais operações foram a operação HOOVER e a operação SCORPION. Na operação HOOVER a QRF teve por missão a infiltração numa área santuário da guerrilha talibã. A operação SCORPION tinha por missão a nomadização e limpeza do distrito de *Maywand*. Como foram duas operações ofensivas deliberadas a possibilidade de baixas era elevada. As características, os meios envolvidos e o número de forças opositoras foram o que marcaram mais estas operações. Os entrevistados N°7 e N°8 pertencentes à 6ªFND referenciaram a operação SOHIL LARAM IV como das mais importantes devido às condições de vida, o comportamento da ameaça e as tarefas realizadas. Os entrevistados N°9 e N°10 da 7ªFND referiram a operação SUCEURITY SUPPORT TO CONCLUSIVE PEACE JIRGA e a operação ESTALEF HELP respetivamente. A primeira embora fosse um evento diplomático a força tinha por missão garantir a segurança desse mesmo evento. Com a quantidade de forças opositoras existentes obrigou à realização de várias tarefas simultaneamente para cumprirem a missão. A operação ESTALEF HELP o desafio esteve relacionado com a conceção do conceito da operação e a sua execução atendendo aos fatores de decisão como o terreno, meios, missão e a ameaça. Esta operação tinha como finalidade contribuir para a melhoria das condições de vida da população local.

No que respeita à questão n°4: **“Tendo em conta toda a formação e treino existente nas forças Comandos, considera que o mesmo influenciou para o cumprimento e sucesso de todas as missões que lhe foram atribuídas durante o seu comando no Afeganistão?”**, todos os entrevistados garantem que os Comandos pelo seu treino físico, técnico, tático e psicológico que compõe a sua preparação torna-os particularmente preparados para situações de elevado grau de risco e/ou incerteza. A tipologia de ambiente operacional que caracteriza o TO do Afeganistão enquadra-se perfeitamente nas características da força. A formação é assente em três pilares fundamentais: o treino físico, o tiro e a técnica de combate sobre stress. Nas operações percebeu-se o quão importante são esses pilares quando os Comandos tiveram de reagir a emboscadas e a reação instintiva da força foi a adequada para continuar e cumprir a missão com sucesso. Por sua vez o treino operacional permite que a unidade fique apta a cumprir as tarefas e missões para as quais forem designadas. Reiteram também que apesar de a formação e o treino dar as condições para cumprir a missão é preciso ter um aprontamento que seja direcionado para o que vai ser realizado no TO. Uma lacuna referida por parte de alguns entrevistados foi que o treino no

aprontamento não foi totalmente rentabilizado, eram necessários mais treinos ao nível de deslocamento de viaturas, escoltas e reação armadas dentro das viaturas.

Relativamente à questão nº 5: **“No TO de Afeganistão a forças Comandos estavam a atuar como QRF. Existia alguma diferença no modo de atuação dos Comandos no TO relativamente ao que está escrito nas diretivas Nacionais e da OTAN/ISAF sobre o emprego das QRF?”** em grande parte referiram que a atuação enquanto QRF foi norteada pela diretiva da NATO que posteriormente foi revertida na documentação nacional. Os Comandos atuavam de acordo com a *Standard Operating Procedure* (SOP) da ISAF, que são as normas sobre conceitos de atuação e emprego da QRF com outras forças. No entanto em alguns casos em que existiram um conjunto de tarefas que não se encontravam elencadas e que tiveram de ser planeadas e treinadas pela força no TO para cumprirem a missão. Um dos exemplos, de acordo com o entrevistado N°3, foi a projeção que teve para fora da capital na operação TURTLE, em que a QRF saiu para resolver o problema, mas posteriormente continuou no local e não voltou à base, que era o que devia acontecer quando se atua como uma força QRF. Porém, toda esta missão contou com o apoio e confirmação prévia por parte de Portugal.

Atendendo à questão nº6: **“Quais as principais tarefas e missões que eram atribuídas aos Comandos na sua atuação como QRF no TO do Afeganistão, tendo em conta as tipologias de operações que as forças Comandos podem executar?”** primeiramente foi referenciado que a formação e treino dos Comandos, são orientados para a atuação como força de intervenção, que se assemelha a atuação como QRF. A força normalmente era aplicada na contraguerrilha, no entanto desde que o grau de exigência seja adequado às suas competências eles podem desempenhar diversas tarefas. A tipologia no TO e conseqüentemente as tarefas executadas eram de caráter preventivo, o que difere da tipologia de operações que normalmente os Comandos efetuam, que são operações ofensivas. Durante o TO do Afeganistão de acordo com a maioria dos entrevistados os Comandos realizaram diversas tarefas como: patrulhamentos, substituição de forças, reforço de contingentes, reconhecimento a itinerários e a áreas, *search and attack*, cerco e busca, escoltas a colunas civis e militares, defesa de pontos sensíveis, operações de apoio às forças de segurança afegãs, capacidade para reforçar os PRT e capacidade de evacuação de não combatentes. Atendendo às tarefas referenciadas pode se verificar que uma força de reserva (QRF) tem tarefas atribuídas e tarefas que não são atribuídas, mas estão treinadas para serem executadas. Ou seja, é uma força de reserva, mas por vezes também é uma força empenhada.

No que concerne à questão nº7: **“Como eram organizadas as forças para as operações no Afeganistão? A organização era a mais adequada para o sucesso da missão? Quais as vantagens/desvantagens no modo como o comandante organizava a sua força?”** para a projeção e durante o tempo no TO a força obedecia à organização genérica da QRF. A companhia de manobra encontrava-se organizada num comando e secção de comando, três grupos de combate, cada um com uma secção de comando e três subgrupos (duas equipas cada). A companhia dispunha ainda de uma secção de apoio, com uma esquadra de snipers e uma esquadra anticarro (ACAR). As vantagens desta organização é que permite grande capacidade de comando e controlo aos baixos escalões e consequentemente proporcionava uma grande flexibilidade na atuação e na maneira como eram empregues no TO. A desvantagem mencionada pelo entrevistado N°8 era que a esquadra ACAR não se enquadrava no conceito de atuação da força, uma vez que o tipo de ameaça ACAR era inexistente.

Analisando a questão nº8: **“Tendo em conta o TO do Afeganistão e que poderia surgir a qualquer momento alguma situação inopinada, existiu alguma situação em que o comandante da força teve de executar alguma tarefa que não tivesse sido treinada durante o seu aprontamento como QRF?”** na grande maioria referiram que o aprontamento em traços gerais prepara uma força para qualquer situação que possa surgir no campo de batalha. O aprontamento dos Comandos para o Afeganistão teve evoluções no decorrer das várias projeções devido à experiência que a anterior trazia do TO. De acordo com a entrevistado N°1 pertencente à 1ªFND existiram tarefas que não foram executadas no aprontamento como a adaptação dos militares às viaturas URO/VANTAC. O entrevistado N°7 refere que a experiência partilhada pelas forças que antecederam foram a base do aprontamento e que o treino foi vocacionado para atuação como força de intervenção. Porém, no TO os Comandos tiveram de garantir segurança à *Forward Operating Base* (FOB) onde esteve instalada e atuar como força de quadrícula pois foi-lhe atribuída uma área de responsabilidade. Ou seja, houve necessidade de operar em coordenação com o PRT em ações CIMIC e projetos de reconstrução e desenvolvimento. Concluindo não existe aprontamento que prepara uma força para todas as tarefas a ser realizadas no TO, no entanto as mesmas foram treinadas e melhoradas no desenvolvimento das operações, imperando assim as características da génese dos Comandos.

No que diz respeito à questão nº9: **“Durante todo o tempo em que esteve no comando da força, quais os resultados que retira (positivos ou negativos) do TO do Afeganistão? Quais os aspetos que considera que poderiam ser melhorados para o**

emprego em futuros TO?” atendendo às várias FND’s existiram vários pontos a ser abordados. Como resultados positivos a grande maioria dos entrevistados referiu que o TO do Afeganistão validou a formação e o treino das Forças Comandos. A forma como eles treinam garante o sucesso na execução deste tipo de missões. Outro ponto positivo foi o treino efetuado no TO que serviu para uma melhor familiarização com os equipamentos que utilizaram nas suas operações. Os entrevistados N°6 e N°10 consideram que a função de combate Comando-Missão destaca a máxima liberdade de ações possível dos escalões subordinados, concorrendo para que possam compreender a situação, adaptar e atuar decisivamente no campo de batalha. Os entrevistados também referiram pontos a serem melhorados para emprego em futuros TO: de acordo com o entrevistado N°2 tem de existir proximidade no planeamento das missões, sendo que ao receber uma missão tem de se analisar e negociar para encontrar a melhor forma de a cumprir. Segundo os entrevistados N°3 e N°4 não existiam muitas informações relativa a área de operações e como se deviam preparar para a missão. O reconhecimento solucionou o problema, sendo que o mesmo deve ser feito logo no início do aprontamento. Os entrevistados N°4, N°5 e N°8 reiteram que em futuros TO deve existir uma melhor adequação e disponibilidade de meios, adaptando o material à missão a ser executada. O entrevistado N°7 refere que a força deveria dispor de valências CIMIC, *Psychological Operations* (PSYOPS) e *Information Operations* (INFOOPS). O entrevistado N°11 referiu que a logística também é importante para o sucesso da missão. Ao dar melhores condições aos militares para eles trabalharem o resultado final será muito melhor. Concluindo para um comandante que esteve no TO no Afeganistão a liderança deve ser garantida através do exemplo, respeito e saber ouvir, dessa forma as operações terão uma maior probabilidade de serem cumpridas com sucesso.

4.2.2 Análise das entrevistas no TO da RCA

De seguida serão apresentadas as respostas expostas no Guião de Entrevista – TO da RCA sendo que o mesmo está composto por nove questões. Todos os entrevistados desempenharam funções de comando durante o tempo em que a QRF esteve na RCA.

No que diz respeito à questão n°1: **“Quais os principais desafios que encontrou no TO da RCA, tendo em consideração o ambiente operacional do mesmo, mais especificamente o seu terreno, condições meteorológicas, infraestruturas, a sua religião e a sua área de operações?”** os entrevistados começaram por referir que o terreno da RCA é um grande desafio que condicionava diretamente a missão da força como QRF,

nomeadamente em tempo e condições de operacionalidade adequada. O tipo de solo é lamacento e bastante acidentado o que aumenta exponencialmente a probabilidade de acidentes ou incidentes, como também atrasa o movimento da força.

As condições meteorológicas na RCA são adversas. As chuvas são por norma intensas, influenciando particularmente a ligação e velocidade nos deslocamentos visto que as estradas ficam lamacentas e dificulta a progressão da força. Quando não chove a temperatura é quente e abafada, sendo que com o tipo de fardamento que o exército português utiliza é desvantajoso para este tipo de clima.

As infraestruturas da RCA são insuficientes, as vilas caracterizam-se por habitações de palhotas (totalmente em palha ou em barro/tijolo e palha). Nas operações influência a maneira que a força é empregue, pois o tem de se ter em conta o calibre das nossas armas (7,62mm e 12,7mm) e o fratricídio que pode surgir devido à fragilidade das paredes onde se realizaram as limpezas. A rede estradal não é a adequada, pois maior parte das estradas não estão asfaltadas e os itinerários são estreitos e muito movimentados pela população. As estradas foi dos maiores desafios a nível do ambiente operacional, pois atrasava os deslocamentos da força, sendo que por vezes condicionava o movimento das viaturas com atrelados e as próprias viaturas da manobra. Na MOB a área de manutenção era insuficiente e não existia uma área de refeições, no entanto os militares foram melhorando as suas condições de habitação.

A religião está muito presente na RCA, sendo que existe uma divisão clara nas localidades por parte dos muçulmanos e por parte dos cristãos. Os grupos armados são influenciados pela religião e isso foi apontado como a principal razão do conflito existente neste TO.

A área de operações para além da capital da RCA é uma área que está dividida em três setores: oeste, centro e este. A QRF está pronta para atuar em qualquer parte da área de operações.

Relativamente à questão nº2: **“Tendo em conta as ameaças existentes no TO da RCA, como é que o comandante da força as identificava? Quais as principais diferenças entre as várias ameaças? E como é que anulava/mitigava as mesmas?”** os entrevistados referiram que grande parte das ameaças no TO eram identificadas com recurso à cadeia de comando da MINUSCA. As ameaças agrupam-se em dois grandes movimentos: Os *ex-Seleka* que em termos religiosos são muçulmanos e os *anti-Balaka* que são maioritariamente cristãos. A distinção entre os dois movimentos é fácil, o mais complicado é identificar as diferenças entre os grupos armados de cada movimento. Apesar de existirem informações

vindas do escalão superior as mesmas não são suficientes. O desconhecimento ou a pouca informação sobre o *modo operandi* dos grupos armados condicionava o planeamento e as ações a executar. De acordo com os entrevistados N°2 e N°3 as principais diferenças entre as ameaças eram: as coligações que tinham (uns atuavam isolados outros formavam coligações), a sua religião, o seu armamento (os *anti-Balaka* possuíam armamento rudimentar apesar de alguns terem AK-47, enquanto que os *ex-Seleka* tinham um armamento mais sofisticado como AK-47 e RPG), o seu fardamento (apesar de nenhum deles terem fardamento integral, os *anti-Balaka* não possuíam fardamento mas sim roupa civil) e a sua forma de atuação (uns recorrem essencialmente a flagelações, outros demonstram alguns procedimentos como emboscadas). Para a sua mitigação eram realizadas várias patrulhas de reconhecimento, patrulhas de presença, patrulhas combinadas com as forças locais, reconhecimentos aéreos e recolher o máximo de informações para atuar proactivamente contra a ameaça.

Analisando a questão n°3: **“Quais as principais operações que foram executadas durante o seu comando na RCA?”** segundo os entrevistados N°1 e N°2 pertencentes à 1ªFND destacaram as missões em *Bambari* para desalojar um grupo armado muçulmano que queria atacar a cidade; em *Alindao*, para proteger a população cristã de um grupo armado muçulmano e em *Bangassou* para controlar a cidade e proteger a população muçulmana de um grupo armado cristão, sendo que os mesmo consideraram todas importante devido a terem salvo centenas de vidas de civis indefesos. O entrevistado N°3 da 2ªFND referiu que as principais operações foram as duas projeções para fora de Bangui, pois a situação estava tão mal numa região do país que a QRF tinha de intervir para resolver o problema. A primeira operação foi no setor oeste, operação DAMAKONGO, onde o grupo armado 3R tomou a cidade de *Bucaranga* e o MPC controlou uma povoação nos arredores. Os Comandos foram chamados para resolver a situação e devolver à população as povoações que estavam controladas pelos grupos armados. A segunda projeção foi no setor este em *Bangassou* onde as colunas logísticas da MINUSCA eram atacadas e a cidade estava controlada pelo movimento *anti-Balaka*. A QRF foi enviada com o objetivo de impedir mais ataques à coluna logística da MINUSCA e tomar o controlo de *Bangassou*. O entrevistado N°4 da 5ªFND destaca como principais operações a projeção para o setor oeste onde o grupo armado 3R bloqueou a principal rota de reabastecimento, a força foi projetada para repor o normal funcionamento da rota, contudo isso não chegou a acontecer. Esse grupo armado massacrou três aldeias e então a MINUSCA projetou os Comandos para obrigar o grupo armado 3R a recolher para uma região atribuída para os grupos armados. Outra grande operação teve a ver

com a segurança às rotas de transumância pois os grupos armados queriam controlar essas rotas que eram muito importantes para a população da RCA.

Relativamente à questão nº4: **“Tendo em conta toda a formação e treino existente nas forças Comandos, considera que o mesmo influenciou para o cumprimento e sucesso de todas as missões que lhe foram atribuídas durante o seu comando na RCA?”** os entrevistados consideram que a formação e o treino das Forças Comandos influenciaram decisivamente e positivamente para o cumprimento da missão, tendo em conta o TO da RCA que é caracterizado pela sua complexidade e incerteza permanente, ao que se soma o stress, o risco e a dificuldade do controlo de todos os intervenientes. Só uma força que tem um treino para ambientes incertos e complexos é que tem a capacidade de adaptação e flexibilidade necessária para fazer face às diversas situações que são vividas na RCA. O entrevistado N°3 reitera que a diferença entre o aprontamento e o treino operacional dos Comandos é que no aprontamento tudo o que é feito é vocacionado para a missões que vão ser executadas no TO. Um exemplo disso é os materiais que são usados na RCA, no treino operacional dos Comandos esses materiais não estão sempre à disposição, enquanto que no aprontamento tem de existir uma ambientação a esses equipamentos.

No que respeita à questão nº5: **“No TO da RCA as forças Comandos estavam a atuar como QRF. Existia alguma diferença no modo de atuação dos Comandos no TO relativamente ao que está escrito nas diretivas Nacionais e da ONU/MINUSCA sobre o emprego das QRF?”** o entrevistado N°1 refere que existiam algumas limitações na atuação como QRF, porque está sob a égide da ONU, com regras de empenhamento (ROE) mais controladas, para além de não existir uma interoperabilidade absoluta entre os meios dos Comandos e os de outras forças da MINUSCA. O conceito de emprego com uma capacidade atribuída à força para desempenhar missões até trinta dias, prendeu-se também com a MINUSCA. Isso trouxe consequências para a missão, pois o tempo de empenhamento de uma QRF é muito importante, a mesma tem de ser rápida e decisiva na sua ação. De acordo com o entrevistado N°2 o emprego da QRF foi adequado, no entanto algumas das tarefas atribuídas à QRF acabaram por criar um desgaste elevado na força, principalmente em termos de material e de pessoal sendo que diminuía a capacidade deste para posteriormente poder ser empregue na sua missão principal como QRF. O entrevistado N°3 considera que a força esteve sempre norteada pelo que está escrito nas diretivas nacionais e da ONU/MINUSCA, porém havia tarefas específicas que não estavam escritas, como guarnecer torres de segurança. Segundo o entrevistado N°4 existia algumas diferenças no emprego como QRF. A força tinha um grupo com quinze minutos para sair, no entanto como os deslocamentos

eram tão demorados estavam a ser utilizados como força de reserva. Para solucionar isso deveria ser criado uma QRF em cada setor, contudo o número de militares é escasso.

No que concerne à questão nº6: **“Quais as principais tarefas e missões que eram atribuídas aos Comandos na sua atuação como QRF no TO da RCA, tendo em conta as tipologias de operações que as forças Comandos podem executar?”** a maioria dos entrevistados referiram a seguintes tarefas: defesa de pontos sensíveis, reconhecimentos de longo raio de ação (terrestres e com recurso a aeronaves de asa rotativa, reconhecimento ofensivos e limpeza de itinerários, ações ofensivas contra alvos identificados como ameaça (cerco e busca), segurança a altas entidades, vigilância, proteção da população, escoltas, extrações de muçulmanos para uma área segura, patrulhas motorizadas e apeadas de presença, evacuação de feridos e reação a emboscada.

Relativamente à questão nº7: **“Como eram organizadas as forças para as operações na RCA? A organização era a mais adequada para o sucesso da missão? Quais as vantagens/desvantagens no modo como o comandante organizava a sua força?”** os entrevistados referiram que a unidade de manobra de escalão companhia está dividida em três grupos de combate, compostas por seis equipas cada grupo. Sempre que a força era ativada para uma missão fora da capital havia uma reorganização conforme a missão a executar. Na MOB ficava parte do comando e do estado-maior, uma parte do destacamento de apoio e uma equipa de cada grupo de combate. As vantagens desta organização é a capacidade de avaliação e decisão sobre a força pois é o comandante a dirigir diretamente as operações, a forma de emprego foi sempre o mesmo independentemente do TO o que facilita o modo como a força opera. A flexibilidade de emprego originava o cumprimento da missão sem colocar em risco as tarefas a executar. As desvantagens desta organização é o desgaste do comandante ao estar diretamente empenhado no planeamento, decisão e execução das operações e não existir uma equipa de comando (um capitão, um tenente, um sargento e pelo menos três praças) para comandar diretamente a unidade de manobra (os três grupos de combate) como acontece numa companhia de Comandos.

No que concerne à questão nº8: **“Tendo em conta o TO da RCA e que poderia surgir a qualquer momento alguma situação inopinada, existiu alguma situação em que o comandante da força teve executar alguma tarefa que não tivesse sido treinada durante o seu aprontamento como QRF?”** a maioria dos entrevistados reiteram que a formação, o treino e o aprontamento das Tropas Comandos prepara os mesmo para situações de grande risco e incerteza, fazendo com que a força tenha uma grande capacidade de adaptação e flexibilidade. O entrevistado N°2 refere que a única tarefa que foi utilizada

internamente foi os reconhecimentos aéreos com helicópteros porque no TO existiam os meios aéreos para tal. No aprontamento nunca foi praticado (por falta de meios) e que para ser eficiente requer alguma prática. O entrevistado N°4 menciona que o tópico sobre abuso sexual das populações tinha uma grande importância no TO e que durante o aprontamento não foi referido que ações tomar em relação a isso. Durante o TO existiram várias palestras para saber como lidar ao encontrar uma situação dessas.

Relativamente à questão n°9: **“Durante todo o tempo em que esteve no comando da força, quais os resultados que retira (positivos ou negativos) do TO da RCA? Quais os aspetos que considera que poderiam ser melhorados para o emprego em futuros TO?”** os entrevistados N°1 e N°2 consideram como resultados positivos todas as tarefas que foram ordenadas relativas à missão como QRF terem sido cumpridas com naturalidade e profissionalismo; a criação de um conceito de *Full Operational Capability* (FOC) e *Transfer of Authority* (TOA) por parte da MINUSCA, que até à altura não existia sendo estes conceitos importantes pois uma força quando chega ao TO necessita de tempo para efetuar a sua preparação e se habituar ao TO; outro ponto positivo é o facto de os Comandos serem as forças empregues na abertura (e posteriormente manutenção) do TO como aconteceu no TO do Afeganistão o que demonstra a responsabilidade que é confiada, mas também comprova a capacidade dos Comandos serem merecedores dessa confiança. Os resultados que os entrevistados na sua maioria consideraram que deviam ser melhorados prende-se com a falta de capacidade para recolha de informação por parte da força, não possuir apoio aéreo orgânico e não existir autorização por parte da MINUSCA para deter qualquer elemento armado independente da sua religião ou por não ter sido visto a atuar efetivamente contra a população ou contra a nossa força. Relativamente aos aspetos que consideram que poderiam ser melhorados para futuros TO passa por existir um treino contínuo no aprontamento, o entrevistado N°2 sugere um a dois meses para reunir a força e aprontamento logístico/administrativo/cursos e posteriormente três a quatro meses para treino com a força toda junta. Relativamente à logística nomeadamente os meios a serem utilizados, as viaturas devem ter toda a proteção balística e capacidade para combate noturno. Outro fator referido pelo entrevistado N°3 é que as missões devem ser recebidas e esclarecidas pessoalmente, para não existir qualquer dúvida daquilo que o escalão superior quer que façamos e explicar ao escalão superior como nós pensamos executar a operação.

4.3 Discussão de resultados

As entrevistas realizadas tanto aos comandantes que estiveram no TO do Afeganistão como os que estiveram no TO da RCA vieram complementar a investigação previamente efetuada, sendo que após as mesmas é possível tirar conclusões importante para este TIA. Para entender melhor o emprego das Forças Comandos no atual quadro de conflitualidade efetuaram-se entrevistas sobre o emprego das forças no TO do Afeganistão e da RCA. Deste modo é possível comparar como os Comandos foram empenhados nos respetivos TO e concluir como eles evoluíram e o que podem fazer em futuros TO.

Tendo em conta o ambiente operacional, ou seja, o terreno, as condições meteorológicas, as infraestruturas e a população existente em cada TO é possível concluir que os Comandos estão capacitados para serem empregues em diversos locais, com características diferentes.

O ambiente operacional no Afeganistão é caracterizado pelo terreno acidentado sendo a norte montanhoso e a sul e oeste desértico, condições meteorológicas adversas, infraestruturas escassas ou mesmo inexistentes e a religião é muito fechada o que impede a interação da força com a população e com as forças de segurança nacionais. O ambiente operacional na RCA é caracterizado por um terreno pouco acidentado, porém o tipo de solo é irregular o que atrasa o movimento das forças. As condições meteorológicas também são um desafio para a força, visto que as chuvas são intensas e o calor é uma constante na RCA. As infraestruturas são insuficientes, onde as estradas são o principal obstáculo ao cumprimento das missões pois as condições das mesmas condicionam os deslocamentos da manobra. A religião está muito presente na RCA sendo que a mesma é considerada uma das principais razões da origem do conflito. Pode-se concluir que apesar dos diferentes ambientes operacionais nos TO, as Forças Comandos com mais ou menos dificuldade conseguem cumprir as missões, porém é preciso existir um bom estudo do campo de batalha mesmo antes do aprontamento para saber quais os equipamentos mais adequados para cada tipo de TO.

A conflitualidade e conseqüentemente as ameaças existentes nos TO também são distintas e variam de local para local. No TO do Afeganistão o inimigo é irregular e a sua identificação é difícil pois todos têm o mesmo aspeto e a sua maneira de atuar é idêntica. No Afeganistão existiam ameaças como IED, VBIED, *rockets* e flagelação de armas ligeiras, sendo que para combater as mesmas era preciso os Comando atuem de forma proativa e não ter rotinas, dessa maneira o inimigo não conseguia ter um padrão do modo como a força

atuava. Na RCA o inimigo encontra-se bem identificado sendo o mesmo dividido em dois grandes movimentos rebeldes. A diferença entre os movimentos é grande sendo que os *ex-Seleka* aparentam ter mais e melhores recursos que os *anti-Balaka*, quer em armamento, fardamento e equipamentos que possuem. Em suma apesar de os TO terem ameaças diferentes, onde a origem do conflito é distinta os Comandos têm a capacidade de se adaptar às situações mais exigentes e conseguem ser bem-sucedidos nas operações.

Algo que todos os entrevistados referiram é que a formação e o treino que os Comandos têm lhe dá as ferramentas necessárias para serem bem-sucedidos nas missões que vão efetuar. Os Comandos pelo seu treino físico, tático, técnico e psicológico torna-os particularmente preparados para situações de elevado grau de risco e incerteza, como é o caso dos TO do Afeganistão e da RCA. Reiteram que só uma força que tem um treino específico para ambientes complexos é que tem a capacidade de adaptação e flexibilidade necessária para fazer face às diversas situações vividas nestes TO. Concluiu-se então que a formação e o treino são uma base fulcral para o bom desempenho das forças Comandos, sendo que o mesmo deve ser mantido para garantir o sucesso na participação em futuras operações, nomeadamente fora do Território Nacional (TN).

A formação e o treino das Forças Comandos são referidos como das valências mais importantes para o sucesso das operações em TO de grande incerteza e risco. No TO do Afeganistão a tipologia de ambiente operacional enquadra-se perfeitamente nas características das forças, assim como no TO da RCA. As Companhias de Comandos da QRF, são constituídas por três grupos de combate, compostas por seis equipas cada. Como os Comandos sempre operaram desta forma, facilita as operações e a mesma permite grande capacidade de comando e controlo aos baixos escalões. Relativamente ao aprontamento que os Comandos realizaram para os TO consideram que o mesmo não foi rentabilizado. Num aprontamento o treino tem de ser vocacionado para as missões a executar nos TO, algo que falhou, porém durante as operações revelou mais uma vez a importância da formação e treino dos Comandos para superarem as dificuldades e porem em prática as características individuais desenvolvidas no curso e posteriormente no treino operacional.

Analisando o modo como as Forças Comandos são empregues nos respetivos TO, mais especificamente como QRF, a sua forma de atuação vai de acordo com a diretivas nacionais. No TO do Afeganistão os Comandos executam as operações de acordo com o modo de emprego QRF com outras forças, porém existiam tarefas que não estavam vertidas nas diretivas nacionais, mas que para o cumprimento da missão tinham de ser executadas. No TO da RCA existiam algumas limitações na atuação como QRF, sendo que as ROE eram

mais restritivas pois os Comandos estavam sob a égide da ONU. Em todas as projeções realizadas na RCA, as missões foram todas cumpridas com sucesso, porém existiram consequências para a força. Uma QRF, como o nome indica, é uma força de reação rápida, sendo que a mesma tem de ser rápida e decisiva. Na RCA isso não acontece, devido ao seu ambiente operacional, mais concretamente a rede estradal existente, que limita os deslocamentos das forças, que chegam a demorar dias para chegar ao local da ação. Concluindo, os Comandos podem ser empregues em diversos tipos de TO, mas existem vários fatores que limitam o empenhamento dos mesmos. As Forças Comandos para conseguirem atuar como uma verdadeira QRF, especialmente em TO, devem dispor do apoio de meios aéreos, nomeadamente aeronaves de asa rotativa.

4.3.1. Verificação das Hipóteses

Inicialmente e para auxiliar, delimitar e direcionar esta investigação foram levantadas várias hipóteses com o propósito de responder às PD estabelecidas. Depois de ter sido analisada toda a documentação, complementado pelas entrevistas realizadas pode-se verificar se as hipóteses são confirmadas ou não.

Relativamente à H1: **“O Ambiente Operacional é caracterizado pelo terreno, infraestruturas, condições meteorológicas, população e aérea de operações existentes em cada TO.”**, esta foi verificada maioritariamente, tanto pela documentação utilizada, como posteriormente pelas entrevistas feitas. O ambiente operacional é toda a envolvente do TO. É tudo o que pode influenciar a decisão do comandante, começando pelo terreno, pelo tempo, pela população, infraestruturas e a área de operações em que a força vai ser utilizada. Para a operação ser cumprida com sucesso o comandante necessita ter como principal preocupação a análise do ambiente operacional, pois só depois é que terá capacidade de decidir a melhor maneira de utilizar a força no TO.

Analisando a H2: **“O atual quadro de conflitualidade é caracterizado por todas as ameaças existentes nomeadamente os grupos armados de natureza não estatal. Atualmente, o conflito não se restringe a fronteiras delimitadas pelos países.”**, esta foi confirmada, sendo que foi constatado pela documentação analisada que confirmou que existe um novo tipo de conflitualidade, chamada a guerra transnacional. Como foi complementado nas entrevistas, o inimigo, a ameaça existente onde as Forças Comandos operam fazem parte dos grupos armados de natureza não estatal. Ou seja, são insurgentes ou rebeldes, em que nos

TO estudados verificou-se que apesar de terem missões e objetivos semelhantes, a sua maneira de operar é muito distinta de uns grupos para os outros.

De acordo com a H3: **“As Forças Comandos são uma força de intervenção que têm a capacidade de realizar qualquer tipo de operações, preferencialmente operações ofensivas.”**, foi verificada. Os Comandos foram criados como uma força de intervenção em que estão aptos para realizar qualquer operação. De acordo com as entrevistas realizadas os Comandos têm a flexibilidade de atuarem em qualquer tipologia de operações, tais como as existentes agora no TO da RCA onde atuam como QRF, em que existe uma situação de elevado risco e insegurança. A gênese é de operações ofensivas em que têm tarefas como golpes de mão, emboscadas, porém e como foi constatado podem realizar qualquer tipo de tarefas como escoltas, reconhecimento, patrulhamentos. Para reduzir os tempos de deslocamento e garantir a sua rapidez o escalão superior deve fornecer os meios necessários para o cumprimento da missão, nomeadamente meios aéreos, de asa rotativa.

Finalizando com a H4: **“As Forças Comandos podem ser empenhadas em qualquer tipo de ambiente operacional. A sua formação e treino conferem-lhes as ferramentas necessárias para se adaptar às condições do TO.”**, esta foi confirmada maioritariamente pelas opiniões expressas nas entrevistas realizadas aos comandantes das FNDs nos TO. Depois de analisadas foi verificado que a formação e o treino que os Comandos recebem conferem-lhes os ensinamentos e as capacidades necessárias para terem sucesso em qualquer tipo de ambiente operacional. Desde que exista um bom Processo de Decisão Militar (PDM) onde o escalão superior forneça as informações e os meios necessários para o cumprimento da missão, os Comandos tendo por base o seu treino operacional, específico e diferente de outras unidades consegue ter sucesso no desempenho das operações.

4.3.2. Respostas às Perguntas Derivadas

Após ter sido realizado a análise de resultados e a verificação das hipóteses é possível então dar resposta às PD estabelecidas no início da investigação.

Relativamente à PD1: **“Como é caracterizado o Ambiente Operacional?”** é verificado que o ambiente operacional é muito importante e condiciona qualquer operação que é executada. É caracterizando o ambiente operacional do TO em que uma força vai ser empregue que se consegue perceber qual a melhor forma para realizar as operações. A falta de análise do ambiente operacional pode resultar no incumprimento da missão

independentemente das capacidades da força empenhada. Para caracterizar o ambiente operacional é recomendado estudar oito variáveis operacionais: política, militar, economia, social, informação, infraestruturas, terreno e tempo. Após estas variáveis serem estudadas o comandante da força tem como sustentar a sua decisão e ver como o seu emprego irá afetar as capacidades da força. Com a análise das entrevistas confirmou-se que o ambiente operacional é diferente em cada TO. No Afeganistão tinha as características específicas elencadas anteriormente, enquanto que a RCA tem características diferentes. Conclui-se então que o estudo do ambiente operacional é uma peça fundamental, pois não existe um TO igual. Com essa análise a probabilidade de sucesso da força que é empenhada nos TO é muito mais elevada.

Tendo em conta a PD2: **“Como se caracteriza o atual quadro de conflitualidade?”** verificou-se que os conflitos armados têm um conjunto de características próprias que diferem de um conflito para outro. Depois de ser analisada a conflitualidade em dois TO diferentes, mas que fazem parte dos conflitos atuais existentes, verificou-se que a conflitualidade aparece de várias formas e fontes sendo que o país envolvido no conflito fica numa situação bastante complexa. Pode-se então concluir que o conflito num país envolve muito mais que o próprio país, em que cada ator tem os seus próprios objetivos e a ameaça é muito imprevisível. Ao retirar os ensinamentos do TO do Afeganistão e da RCA verifica-se que a objetivo da ameaça é idêntica, mas o modo de atuação é diferente. Ou seja, a sua identificação é difícil, é complicado distinguir os diferentes tipos de ameaça e para existir a mitigação por parte das forças empenhadas é necessário uma formação e treino base muito específica para cumprir a missão com sucesso.

De acordo com a PD3: **“O que são Forças Comandos?”** depois de analisada a documentação concluiu-se que os Comandos são forças especiais vocacionados para operações, nomeadamente de natureza ofensiva, com elevada capacidade técnica e tática, grande flexibilidade de emprego e elevado estado de prontidão. Verificou-se que as forças comandos são capazes de se constituírem como uma unidade de intervenção, pronta a atuar em situações de elevado risco e que exijam grande capacidade de sacrifício. Com as entrevistas e depois de se ter analisado os dois TO complementou-se que as Forças Comandos são chamadas quando algo na operação não está de acordo com o previsto é preciso solucionar o problema. Concluiu-se após toda a análise que os Comandos são uma força vocacionada e com a capacidade para resolver problemas.

Finalmente relativamente à PD4: **“Onde podem ser empenhadas as Forças Comandos?”** verificou-se que as Forças Comandos têm capacidade para ser empenhados

nos TO mais complexos. A sua formação e o seu treino operacional são os pilares para o sucesso dos Comandos nas suas operações. Na doutrina verificamos que os Comandos têm possibilidade de atuar tanto no TO de alta intensidade como num TO de baixa intensidade em que podem executar operações ofensivas, defensivas, de transição, em ambientes específicos, em território controlado pelo inimigo, em OAP, manutenção de paz, imposição de paz e prevenção de conflitos. Com as entrevistas confirmou-se que os Comandos nos TO do Afeganistão e da RCA estão a atuar como QRF numa OAP. No entanto, constatou-se que os Comandos atuam como uma força de controlo de danos. Quando existe uma situação em que algo correu mal e as forças não têm capacidade de resolver a situação, os Comandos são chamados para resolver o problema. Concluindo desde que os Comandos tenham, os meios necessários e adequados, as informações sobre o ambiente operacional e a ameaça seja precisa, podem ser empenhados em qualquer TO.

CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O ambiente operacional de cada TO varia, uma vez que compreende tudo aquilo que envolve a área de operações, desde o terreno até à população. Estes fatores vão influenciar o modo como a missão vai decorrer. O conflito e a ameaça existente também representam aspetos importantes a serem analisados. Atualmente a maior preocupação não é apenas a ameaça convencional, mas sim a ameaça insurgente, uma ameaça que não representa nem uma nação nem forças armadas, muitas vezes movidos por ideologia religiosas e pelo poder que procuram alcançar.

As Forças Comandos têm uma formação e treino específico, diferente das outras unidades. Este treino tem como principal objetivo fornecer aos Comandos as ferramentas necessárias para cumprirem as missões nos TO mais complexos, como é o caso do Afeganistão e da RCA. Esta força pode atuar em várias tipologias de operações, não obstante tem sido mais recentemente empregue em OAP como QRF. Verificou-se que os Comandos conseguem cumprir todas as missões e tarefas atribuídas inerentes a esta tipologia de atuação, no entanto, tanto no TO do Afeganistão, como no TO da RCA, a atuação da QRF, devido à influência do ambiente operacional existente nos respetivos países, está a ser essencialmente empregue como força de controlo de danos.

Uma QRF deve ser capaz de atuar rapidamente e de forma a conseguir antecipar os problemas, em vez de os resolver. Constatou-se que isso nem sempre acontece devido à falta de meios que são disponibilizados. Para os Comandos agirem como QRF e chegarem rapidamente aos locais da operação eram necessários os meios aéreos (de asa rotativa) providos pelo escalão superior de forma a aumentar a rapidez de atuação da QRF, visto que o movimento terrestre é muito demorado, podendo demorar dias a chegar ao local da operação. Por outro lado, temos de ter em conta a proteção da força, sendo que todas as viaturas, tanto de manobra como de logística, deveriam ser blindadas. Nos TO do Afeganistão e RCA existe falta de informações específicas sobre o ambiente operacional e sobre a ameaça. Esta lacuna de conhecimento resulta na atuação da QRF como força de resolução de problemas e controlo de danos, ao invés de mitigação de novos e potenciais conflitos.

Depois de realizada a investigação sobre os Comandos e o seu emprego, verificou-se que os Comandos podem ser empregues em qualquer TO, tanto de alta intensidade como de

baixa intensidade. O TO de Afeganistão e da RCA fazem parte dos conflitos atuais e os Comandos podem ser e são empregues como QRF nestes TO. Constatou-se que, apesar de existirem diretivas nacionais que referem quais as tarefas a serem realizadas como QRF, não existe uma doutrina sobre a atuação da QRF, ou seja, um manual em que refira como é que as tarefas da QRF devem ser executadas. A criação de um manual para a atuação da QRF é algo que seria essencial para qualquer força que desempenhe funções QRF, para conseguirem nortear o seu treino para o cumprimento das tarefas inerentes a uma força de reação rápida.

Os Comandos, desde a sua génese, foram criados como uma força de intervenção, uma força vocacionada para resolver problemas. O que está preconizado no PDE 3-00 Operações é insuficiente para caracterizar o emprego de uma Força Comandos. Com o intuito de colmatar esta lacuna de doutrina de emprego de uma Força Comandos, propõem-se a criação de um manual específico para o emprego dos Comandos.

Tendo em conta toda a investigação sobre o tema “O emprego das Forças Comandos no atual quadro de conflitualidade”, sendo a mesma delimitada ao TO do Afeganistão e da RCA, detém-se o conhecimento para responder à pergunta de partida **“De acordo com o atual quadro de conflitualidade, qual o ambiente operacional em que as Forças Comandos podem ser empenhadas?”**. Neste seguimento, apraz concluir que as Forças Comandos poderão ser empregues nos TO do atual quadro de conflitualidade, caracterizado por uma ameaça irregular, terreno diverso, condições meteorológicas extremas e inseridos em zonas com etnias e religiões distintas. Importante também salientar que o sucesso da missão estará sempre dependente dos meios e das capacidades que o escalão superior atribuir para o cumprimento da mesma. Os Comandos, devido ao seu treino e modo de emprego nas diversas operações, têm-se demonstrado ser a força mais adequada para o emprego como QRF nos atuais TO.

Ao longo do processo e de toda a investigação existiram algumas limitações nomeadamente na disponibilidade bibliográfica da 5ªFND da RCA. Como foi a última projeção dos Comandos até à data para a RCA e, como é muito recente, ainda não existe muita documentação sobre a 5ªFND. Porém, com o auxílio das entrevistas e do material fornecido pelo entrevistado foi possível ter a informação necessária sobre esta projeção. Outra limitação relaciona-se com a realização das entrevistas presenciais, devido à pandemia que afetou toda a população, impossibilitou que as entrevistas fossem presenciais. Para solucionar esta limitação foram realizadas entrevistas via eletrónica e por videoconferência.

Para investigações futuras sugere-se um estudo mais detalhado e a criação de um manual sobre o emprego de uma força QRF, algo que até à data é inexistente. Também se

propõem realizar um estudo mais aprofundado de como as forças Comandos devem ser empenhadas nestes TO e neste quadro de conflitualidade, criando também um manual sobre o emprego específico das Forças Comandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABD Country Partnership Strategy. (2017). Afghanistan , Achieving Inclusive Growth in a Fragile and Conflict-Affected Situation.
- Afghanistan National Peace and Development Framework [ANPDF]. (2016). *NATIONAL INFRASTRUCTURE PLAN*. (Ministry of Finances, Ed.).
- Ali, M., Dupree, N., & Allchin, F. (2020). Afghanistan. Acedido a 3 de março de 2020 em <https://www.britannica.com/place/Afghanistan>
- Almeida, R. (2016). *Afeganistão: treze anos depois, perspectivas e reflexões*. Lisboa: Instituto Universitário Militar.
- Brüggemann, U. (2016). *Al-Qaeda and the Islamic State*.
- Cardoso, N., Domingos, P., Marino, L., Almeida, P., Bernardino, J., Fontoura, O., Roque, C., Soares, J., Quelincho, J., Rodrigues, A. & Cardoso, E. (2014). Portugal: 12 Anos de Participação na ISAF. Espinho: Tipografia Meneses - Cooperativa Gráfica de Espinho, Crl.
- Central Intelligence Agency [CIA]. (2020). Africa: Central African Republic. Acedido a 4 de março de 2020 em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ct.html>
- Central Intelligence Agency [CIA]. (2020). South Asia: Afghanistan. Acedido a 3 de março de 2020 em <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html>
- Chychota, M. T., & Kennedy, E. L. (2014). Who you gonna call? Deciphering the difference between Reserve, Quick Reaction, Striking, and Tactical Combat Forces., (September), 16–19.
- Collins, J. J. (2011). *Understanding War in Afghanistan*. Washingtons, DC: National Defense University Press.
- Cruz, R., Oliveira, C., Costa, H., & Veríssimo, B. (2018). *O TEATRO DE OPERAÇÕES DO AFGANISTÃO DAS ORIGENS DO CONFLITO À ATUALIDADE*. Instituto Universitário Militar.
- Domínguez-Torres, C., & Foster, V. (2011). The Central African Republic ' s Infrastructure: A Continental Perspective.
- Dressler, J. (2012). *The Haqqani Network: A Strategic Threat*. Washingtons, DC.
- Dukhan, N. (2016). *The Central African Republic crisis*. (GSDRC, Ed.). Birmingham:

- University of Birmingham.
- Dukhan, N. (2018). Splintered Warfare II: How Foreign Interference is Fueling Kleptocracy, Warlordism, and an Escalating Violent Crisis in the Central African Republic. Acedido a 16 de março de 2020 em https://enoughproject.org/wp-content/uploads/SplinteredWarfare2_Enough_Nov2018-web.pdf
- Encyclopaedia Britannica. (2019). Central African Republic. In *Encyclopædia Britannica*. Acedido a 15 de maio de 2020 em <https://www.britannica.com/place/CentralAfrican-Republic>
- Encyclopaedia Britannica. (2020). Afghanistan. In *Encyclopædia Britannica*. Acedido a 15 de maio de 2020 em <https://www.britannica.com/place/Afghanistan>
- Estado Maior do Exército [EME]. (1988). *Brigada de Forças Especiais*. Comandos. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (1990). *Emprego futuro das unidades Operações Especiais* (Comandos). Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2007). *Âmbito de actuação, missões e tarefas das unidades de Tropas Especiais*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2007). *Definição de conceito de Forças Especiais*. Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2017). *12 Anos de Afeganistão - O que se aprendeu*. (Estado Maior do Exército [EME], Ed.). Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2017). *Quadro Orgânico 09.02.05 Batalhão de Comando* (BCmds). Lisboa.
- Estado Maior do Exército [EME]. (2018). *Retorno de Experiências- República Centro-Africana - O que se aprendeu*. Lisboa.
- Estado Maior General das Forças Armadas [EMGFA]. (2020). *Relatório de Fim de Missão*. Lisboa.
- Felício, L., Chiarato, A., Garcia, P., & Fakhoury, R. (2017). AFEGANISTÃO: A CONTINUIDADE DO GRANDE JOGO, 1–7.
- Headquarters department of the army. (2017). *FM 3-0 Operations*. (Headquarters department of the army, Ed.). Washingtons, DC.
- Human Rights Watch. (2017). *Killing without consequence*. Acedido a 3 de março de 2020 em: https://www.hrw.org/sites/default/files/report_pdf/car0717_web.pdf
- International Security Assistance Force [ISAF]. (2009). International Security Assistance Force (ISAF) In Understanding War. Acedido a 15 de abril de 2020 em <http://www.understandingwar.org/INTERNATIONAL-SECURITY-ASSISTANCE->

FORCE-ISAF

- International Crisis Group. (2015). *Central African Republic: The Roots of Violence*. Bruxelas.
- International Trade Centre. (2014). *Central African Republic*.
- Lambard, L. (2014). A Brief Political History of the Central African Republic. Acedido a 4 de março de 2020 em <https://culanth.org/fieldsights/a-brief-political-history-of-the-central-african-republic>
- Library of Congress. (2008). Country Profile: Afghanistan, (August), 1–24.
- Maley, W. (2010). Afghanistan : an historical and geographical appraisal, 92(880), 1–18. <https://doi.org/10.1017/S1816383111000154>
- Marcucci, G. (2019). *Central African Republic: Sectarian and Inter-Communal Violence Continues*. Genebra.
- Marine Corps Intelligence Activity [MCIA]. (2004). *Afghanistan Cultural Field Guide*. (United States: Marine Corps Intelligence Activity, Ed.).
- McNally, L., & Bugala, P. (2015). *THE TALIBAN RESURGENT: THREATS TO AFGHANISTAN ' S SECURITY*. Washingtons, DC.
- Medeiros, G., Cardoso, R., Barata, A., & Soares, C. (2018). *As forças terrestres na República Centro-Africana, o caso Português*. Instituto Universitário Militar.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2005). *Regulamento de Campanha OPERAÇÕES*. (Estado Maior do Exército, Ed.). Lisboa.
- Ministério da Defesa Nacional [MDN]. (2012). *PDE 3-00 Operações*. (Estado Maior do Exército, Ed.). Lisboa.
- NATO (2007). Nato Placemats Archive. ISAF. Acedido a 15 de maio de 2020 em https://www.nato.int/isaf/placemats_archive/2007-01-29-ISAF-Placemat.pdf
- O’Toole, T., Giles-Vernick, T., & Hoogstraten, J. (2019). Central African Republic. Acedido a 4 de março de 2020 em <https://www.britannica.com/place/Central-African-Republic>
- Paulino, M. (2018). 1ª Força Nacional Destacada na República Centro-Africana - 2ª Companhia de Comandos. *Revista Mama Sume*, 15–20.
- Pereira, C. (2011). *Afeganistão* (Instituto). Lisboa: Nação e Defesa.
- Rafiqpoor, M. D., & Breckle. (2010). *Field Guide Afghanistan*. (M. D. Rafiqpoor & Breckle, Eds.).
- Rollins, J. (2011). Al Qaeda and Affiliates : Historical Perspective , Global Presence , and Implications for U . S . Policy.

- Santos, L., Garcia, F., Monteiro, F., Lima, J., Silva, N., Silva, J., & Afonso, C. (2015). *Orientações metodológicas para a elaboração de trabalhos de investigação*. Instituto de Estudos Superiores Militares.
- Sarmiento, M. (2013). *Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Stanford University. (2018). Haqqani Network. Acedido a 6 de abril de 2020 em https://cisac.fsi.stanford.edu/mappingmilitants/profiles/haqqani-network#text_block_19521
- Stanford University. (2018b). The Afghan Taliban. Acedido a 4 de março de 2020 em <https://cisac.fsi.stanford.edu/mappingmilitants/profiles/afghan-taliban>
- Stanford University. (2019). Al Qaeda. Acedido a 6 de abril de 2020 em https://cisac.fsi.stanford.edu/mappingmilitants/profiles/al-qaeda#text_block_18733
- TRISA (2010). Taliban Top 5 Most Deadly Tactics Techniques and Procedures. EUA. Acedido a 15 de maio de 2020 em <https://publicintelligence.net/ufouo-talibantop-5-most-deadly-tactics-techniques-and-procedures/>
- United Nations Peacekeeping. (2020). Minusca Fact Sheet. Acedido a 16 de abril de 2020 em <https://peacekeeping.un.org/en/mission/minusca>
- United States Agency International Development [USAID]. (2020). Afghanistan - Infrastructure. Acedido a 2 de março de 2020 em <https://www.usaid.gov/afghanistan/infrastructure>
- United States Commission on International Religious Freedom [USCIRF]. (2017). *Central African Republic*. Acedido a 2 de março de 2020 em <https://www.uscirf.gov/sites/default/files/CentralAfricanRepublic.2017.pdf>
- Varino. (2019). Heróis de Bocaranga, caçadores de Bangossou, seguranças de Bangui - 1ª Força Nacional Destacada MINUSCA. *Revista Mama Sume*, pp. 13–19.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TAREFAS GENÉRICAS DE UMA QRF NO AFEGANISTÃO

Tabela 6: Tarefas Genéricas de uma QRF no Afeganistão

Tarefas Genéricas de uma QRF no Afeganistão	
<i>Riot and Crowd Control (CRC)</i>	Operações ofensivas
<i>Framework Operations</i>	Operações de cerco e busca
Patrulhamento montado/apeado	Apoio às atividades do Governo afegão
Ajuda humanitária	Vigilância
Apoio em catástrofes naturais	Reconhecimento
<i>Force Protection</i>	Segurança a infraestruturas críticas

Fonte: Elaboração Própria

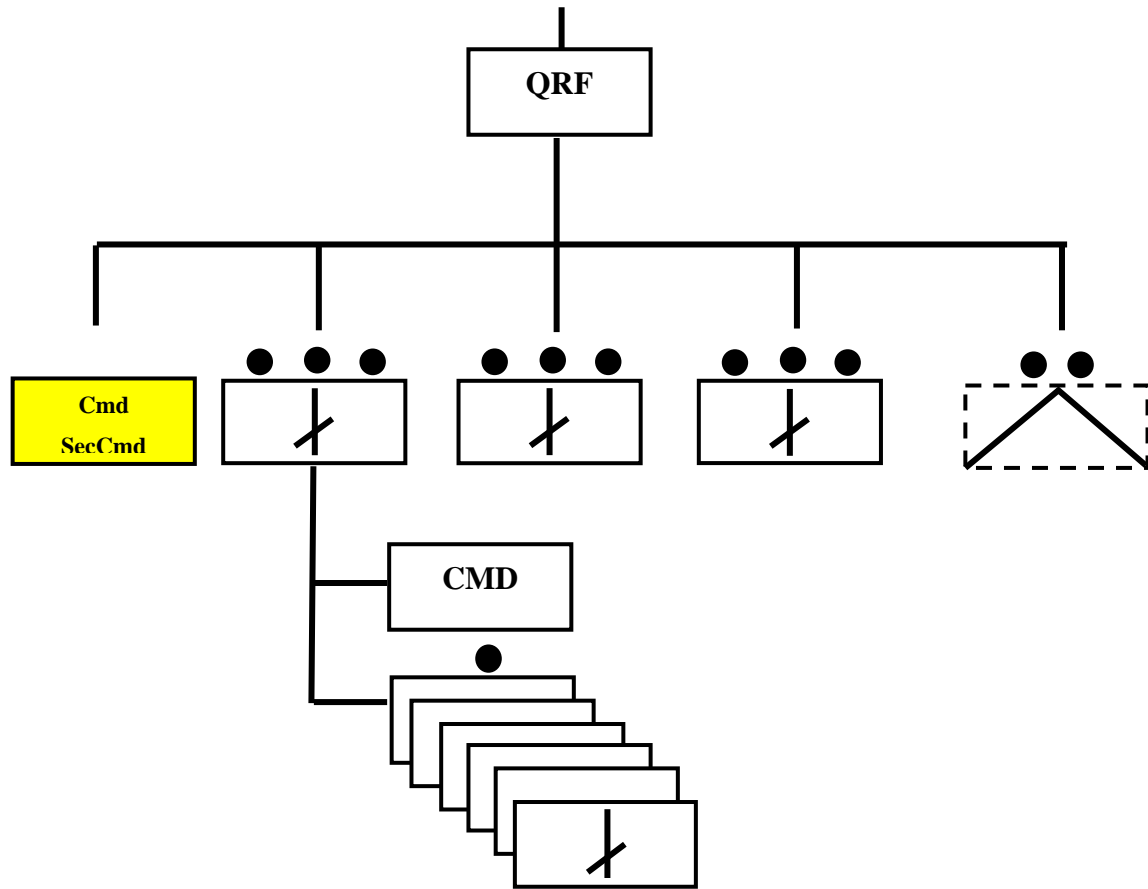
APÊNDICE B – TAREFAS GENÉRICAS DE UMA QRF NA RCA

Tabela 7: Tarefas Genéricas de uma QRF na RCA

Tarefas Genéricas de uma QRF na RCA	
Vigilância e Recolha de Informações	Operações de Extração/Resgate
Patrulhas de Segurança Montadas/Apeadas	Operações de Evacuação Sanitária
Reconhecimentos na Área de Operações	Estabelecer uma FOB E TOB
Proteção de Civis	Atividades CIMIC
Proteção de infraestruturas ou Áreas sensíveis	Manutenção de equipamentos, instalações e armamento
Proteção de entidades ou outras forças	Sustentação da Força
Resposta a uma crise emergente	Ação de helicópteros de ataque
Operações de Cerco e Busca	Missões de Combate

Fonte: Elaboração Própria

APÊNDICE C – ORGANIZAÇÃO QRF DOS COMANDOS



Legenda:	
	Quick Reaction Force – Unidade Escalão Companhia (UEC)
	Comando da UEC
	GrCombCmds – Unidade Escalão Pelotão (UEP)
	Seção ACar
	Comando da UEP
	Equipa de Comandos

Figura 2: Organização QRF dos Comandos

Fonte: Elaboração Própria

APÊNDICE D – GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DO AFEGANISTÃO



ACADEMIA MILITAR

Guião de Entrevista

Autor: Aspirante de Infantaria Francisco Ramada

Orientador: Tenente Coronel de Infantaria “Comando” António Cancelinha

Coorientador: Major de Infantaria “Comando” Hélder Brito

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, março de 2020

1. INFORMAÇÃO FORNECIDA AO ENTREVISTADO

- a. Pedido de autorização para gravar em áudio a entrevista.
- b. Apresentação do entrevistador ao entrevistado, de modo a estabelecer os objetivos, critérios e ferramentas da entrevista.

Antes demais, gostaria de agradecer, não só a sua presença, mas também a disponibilidade célere que teve para a realização desta entrevista. Eu sou o Aspirante de Infantaria Ramada e encontro-me a realizar uma investigação, no âmbito do TIA, subordinado ao tema **“O emprego das forças Comandos no atual quadro de conflitualidade”**.

Os objetivos desta investigação são os seguintes:

- Caracterizar o ambiente operacional existente em cada TO, mais concretamente no Afeganistão.
- Caracterizar a conflitualidade atual e a ameaça que existe no Afeganistão.
- Verificar quais as tarefas atribuídas a uma força QRF no TO do Afeganistão.
- Verificar se a doutrina existente para as forças Comandos é suficiente para as tipologias de missões executadas nos TO.
- Analisar que missões e tarefas as forças Comandos podem executar nos TO do Afeganistão.

- c. Aspetos Deontológicos

A entrevista terá uma duração de acordo com a disponibilidade do entrevistado, primariamente, mas sempre com o intuito de obter as informações necessárias para a concretização dos objetivos propostos. Será gravada em áudio, sendo que, apenas o entrevistado e o entrevistador terão acesso ao ficheiro, podendo o primeiro responder ou não às perguntas que achar adequadas.

2. RECEBER O CONSENTIMENTO INFORMADO

Neste momento peço-lhe que leia o seguinte consentimento e assine caso não encontre nenhum impedimento.

3. INTRODUÇÃO

Como referido anteriormente, esta entrevista tem o objetivo de recolher informações de forma a complementar e desenvolver o Trabalho de Investigação Aplicada, subordinada ao tema indicado. É de extrema importância a realização desta entrevista visto que a mesma irá garantir a conclusão da investigação e posterior concretização dos objetivos propostos.

4. CORPO DE QUESTÕES

Segue-se o corpo de questões a realizar.

Questão n.º 1

Quais os principais desafios que encontrou no TO do Afeganistão, tendo em consideração o ambiente operacional do mesmo, mais especificamente o seu terreno, condições meteorológicas, infraestruturas, a sua religião e a sua área de operações?

Questão n.º 2

Tendo em conta as ameaças existentes no TO do Afeganistão, como é que o comandante da força as identificava? Quais as principais diferenças entre as várias ameaças? E como é que anulava/mitigava as mesmas?

Questão n.º 3

Quais as principais operações que foram executadas durante o seu comando no Afeganistão?

Questão n.º 4

Tendo em conta toda a formação e treino existente nas forças Comandos, considera que o mesmo influenciou para o cumprimento e sucesso de todas as missões que lhe foram atribuídas durante o seu comando no Afeganistão?

Questão n.º 5

No TO de Afeganistão a forças Comandos estavam a atuar como QRF. Existia alguma diferença no modo de atuação dos Comandos no TO relativamente ao que está escrito nas diretivas Nacionais e da OTAN/ISAF sobre o emprego das QRF?

Questão n.º 6

Quais as principais tarefas e missões que eram atribuídas aos Comandos na sua atuação como QRF no TO do Afeganistão, tendo em conta as tipologias de operações que as forças Comandos podem executar?

Questão n.º 7

Como eram organizadas as forças para as operações no Afeganistão? A organização era a mais adequada para o sucesso da missão? Quais as vantagens/desvantagens no modo como o comandante organizava a sua força?

Questão n.º 8

Tendo em conta o TO do Afeganistão e que poderia surgir a qualquer momento alguma situação inopinada, existiu alguma situação em que o comandante da força teve executar alguma tarefa que não tivesse sido treinada durante o seu aprontamento como QRF?

Questão n.º 9

Durante todo o tempo em que esteve no comando da força, quais os resultados que retira (positivos ou negativos) do TO do Afeganistão? Quais os aspetos que considera que poderiam ser melhorados para emprego em futuros TO?

APÊNDICE E – GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DA RCA



ACADEMIA MILITAR

Guião de Entrevista

Autor: Aspirante de Infantaria Francisco Ramada

Orientador: Tenente Coronel de Infantaria “Comando” António Cancelinha

Coorientador: Major de Infantaria “Comando” Hélder Brito

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, março de 2020

1. INFORMAÇÃO FORNECIDA AO ENTREVISTADO

- d. Pedido de autorização para gravar em áudio a entrevista.
- e. Apresentação do entrevistador ao entrevistado, de modo a estabelecer os objetivos, critérios e ferramentas da entrevista.

Antes demais, gostaria de agradecer, não só a sua presença, mas também a disponibilidade célere que teve para a realização desta entrevista. Eu sou o Aspirante de Infantaria Ramada e encontro-me a realizar uma investigação, no âmbito do TIA, subordinado ao tema **“O emprego das forças Comandos no atual quadro de conflitualidade”**.

Os objetivos desta investigação são os seguintes:

- Caracterizar o ambiente operacional existente em cada TO, mais concretamente na RCA.
- Caracterizar a conflitualidade atual e a ameaça que existe na RCA.
- Verificar quais as tarefas atribuídas a uma força QRF no TO da RCA.
- Verificar se a doutrina existente para as forças Comandos é suficiente para as tipologias de missões executadas nos TO.
- Analisar que missões e tarefas as forças Comandos podem executar nos TO da RCA.

- f. Aspetos Deontológicos

A entrevista terá uma duração de acordo com a disponibilidade do entrevistado, primariamente, mas sempre com o intuito de obter as informações necessárias para a concretização dos objetivos propostos. Será gravada em áudio, sendo que, apenas o entrevistado e o entrevistador terão acesso ao ficheiro, podendo o primeiro responder ou não às perguntas que achar adequadas.

2. RECEBER O CONSENTIMENTO INFORMADO

Neste momento peço-lhe que leia o seguinte consentimento e assine caso não encontre nenhum impedimento.

3. INTRODUÇÃO

Como referido anteriormente, esta entrevista tem o objetivo de recolher informações de forma a complementar e desenvolver o Trabalho de Investigação Aplicada, subordinada ao tema indicado. É de extrema importância a realização desta entrevista visto que a mesma irá garantir a conclusão da investigação e posterior concretização dos objetivos propostos.

4. CORPO DE QUESTÕES

Segue-se o corpo de questões a realizar.

Questão n.º 1

Quais os principais desafios que encontrou no TO da RCA, tendo em consideração o ambiente operacional do mesmo, mais especificamente o seu terreno, condições meteorológicas, infraestruturas, a sua religião e a sua área de operações?

Questão n.º 2

Tendo em conta as ameaças existentes no TO da RCA, como é que o comandante da força as identificava? Quais as principais diferenças entre as várias ameaças? E como é que anulava/mitigava as mesmas?

Questão n.º 3

Quais as principais operações que foram executadas durante o seu comando na RCA?

Questão n.º 4

Tendo em conta toda a formação e treino existente nas forças Comandos, considera que o mesmo influenciou para o cumprimento e sucesso de todas as missões que lhe foram atribuídas durante o seu comando na RCA?

Questão n.º 5

No TO da RCA as forças Comandos estavam a atuar como QRF. Existia alguma diferença no modo de atuação dos Comandos no TO relativamente ao que está escrito nas diretivas Nacionais e da ONU/MINUSCA sobre o emprego das QRF?

Questão n.º 6

Quais as principais tarefas e missões que eram atribuídas aos Comandos na sua atuação como QRF no TO da RCA, tendo em conta as tipologias de operações que as forças Comandos podem executar?

Questão n.º 7

Como eram organizadas as forças para as operações na RCA? A organização era a mais adequada para o sucesso da missão? Quais as vantagens/desvantagens no modo como o comandante organizava a sua força?

Questão n.º 8

Tendo em conta o TO da RCA e que poderia surgir a qualquer momento alguma situação inopinada, existiu alguma situação em que o comandante da força teve executar alguma tarefa que não tivesse sido treinada durante o seu aprontamento como QRF?

Questão n.º 9

Durante todo o tempo em que esteve no comando da força, quais os resultados que retira (positivos ou negativos) do TO da RCA? Quais os aspetos que considera que poderiam ser melhorados para emprego em futuros TO?

APÊNDICE F – DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO PARA REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA

Declaração de Consentimento

Tomei conhecimento que se encontra a realizar um Trabalho de Investigação Aplicada, enquadrado no Mestrado Integrado em Ciências Militares, na Especialidade de Infantaria, subordinado ao tema “*O emprego das forças Comandos no atual quadro de conflitualidade*” Este trabalho tem como autor o Aspirante de Infantaria Francisco António Teixeira Ramada, com a orientação do Tenente-Coronel de Infantaria Comando António Cancelinha.

Serei entrevistado individualmente pelo Aspirante Ramada, onde será realizada uma entrevista com guião, previamente apresentado, e com a intenção de obter informações de acordo com os objetivos propostos anteriormente. Compreendendo que não usufruirei de qualquer compensação por participar nesta investigação, ainda que a minha participação reflita numa utilidade extrema à realização deste trabalho. No final do estudo poderei obter os resultados no mesmo, encontrando-se disponível no Repositório Comum da biblioteca da Academia Militar, ou pela solicitação ao investigador.

Aceito participar neste estudo realizando a seguinte entrevista.

Assinatura: _____

Data: ___/___/_____

Em nome da equipa de investigação agradeço a sua colaboração

Francisco António Teixeira Ramada
Aspirante de Infantaria

Em caso de qualquer dúvida contactar: franciscoramada17@hotmail.com / 935379012

APÊNDICE G – RESPOSTA AO CORPO DE QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DO AFGANISTÃO

Quadro 1: Resposta à questão nº1 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão

Nº	Questão nº1: Quais os principais desafios que encontrou no TO do Afeganistão, tendo em consideração o ambiente operacional do mesmo, mais especificamente o seu terreno, condições meteorológicas, infraestruturas, a sua religião e a sua área de operações?
1	“O principal desafio prendeu-se com o acidentado do terreno e a dificuldade de emprego dos meios VHF, incrementado pelo facto de que os meios satélites e HF eram escassos (...) a população, na sua generalidade, era amistosa e recetiva à presença da NATO (...) a amplitude meteorológica foi um choque e talvez o maior desafio, pois a 1ª FND operou numa amplitude de temperatura entre + 40° e -10°”.
2	“O terreno é montanhoso e na zona oeste era deserto. (...) relativamente às infraestruturas houve bases da NATO que nos recebiam com deslocamentos por helicóptero e carro. (...) condições meteorológicas: apanhámos temperaturas muito elevadas e temperaturas muito baixas.”
3	“TO bastante agreste relativamente ao terreno, condições meteorológicas extremas, onde apanhamos o inverno com neve e posteriormente subiu até temperaturas muito elevadas espaços amplos, ameaça adaptativa.”
4	“Cabul em 2005 apenas era alcatroada no centro da Cidade, na periferia a grande maioria das estradas eram de terra batida. Existia uma ou outra na periferia com vestígios de alcatrão. O clima vivido variou entre os -17°C a 36°C em Cabul.”
5	“Apesar do terreno e condições meteorológicas serem particularmente difíceis, o principal desafio era sem dúvida a ameaça, que pelas suas características nos expunha permanentemente a riscos diversificados e mal definidos.”
6	“Relativamente ao terreno: as implicações que acarretava tanto no âmbito das comunicações, limitando ou até mesmo impossibilitando em algumas áreas; condições meteorológicas: a necessidade acrescida de hidratação, com implicações semelhantes àquelas anteriormente mencionadas; infraestruturas: a forma de atuação, tendo em conta a configuração dos <i>compounds</i> e povoações, como ainda do tipo de itinerários; religião: a preocupação em ser consumada alguma ação ou atitude que pudesse ser vista como ofensiva por parte da população (diferença cultural/ religiosa).”
7	“Relativamente à população, os desafios foram saber diferenciar os que apoiavam/concordavam com a presença das forças internacionais (incluindo as forças nacionais), e os que estavam contra, e que na primeira oportunidade poderiam efetuar ações sobre as nossas forças. (...) O Afeganistão pela sua dimensão, apresenta diferentes tipos de terreno, planície no SUL (fronteira com o Paquistão), alta montanha no NORTE (fronteira com a China). As áreas montanhosas provocavam grandes constrangimentos à transitabilidade dos itinerários, criando naturalmente locais propícios para serem utilizados como zonas de morte. (...) As condições meteorológicas, atendendo à época do ano, condicionavam a liberdade de movimentos e a capacidade operacional dos insurgentes e das nossas forças. (...) No Afeganistão existiam em 2008, cerca de 21.000Km de estradas, mas só 2.800Km são asfaltadas. A rede ferroviária afegã é bastante reduzida percorrendo apenas 24Km. As vias navegáveis são apenas fluviais, numa extensão de 1200Km. O território dispõe de 46 aeroportos, 11 dos quais pavimentados.”

8	“Do ponto de vista das condições meteorológicas, o desafio maior que se colocava dizia respeito à amplitude de temperatura, concretamente o frio e neve no inverno e o verão muito quente. (...) O relevo era variado, sendo que a Força se deparou e operou com regiões mais elevadas, a norte, e com regiões mais planas, quando operou a sul. (...) Do ponto de vista das infraestruturas, as estradas asfaltadas eram diminutas, limitando as opções na sua utilização. (...) Quanto à religião, ela tinha um papel mais dominante que no mundo ocidental, e isso levava a que fossem tidos em conta uma série de fatores e práticas por parte dos militares, no cumprimento daquilo que eram os costumes e a cultura local.”
9	“O terreno era agreste/árido, pouca vegetação, muito montanhoso o que era por si só uma vantagem para os insurgentes pois facilmente desencadeavam um ataque complexo e retiravam sem que fosse possível localizá-los. As vias de comunicação com alcatrão, eram muito poucas, tendo que recorrer a itinerários de terra batida, que para além do pó eram muitas vezes estritas dificultando a passagem das viaturas. (...) O clima tinha basicamente duas estações verão e inverno. No verão a ameaça era mais significativa pois os insurgentes deslocavam-se com mais facilidade, e o calor excessivo obrigava a preocupações suplementares na fase do planeamento e execução das missões designadamente no que à água dizia respeito. No inverno a ameaça diminuía, pois, a neve não facilitava as deslocações.”
10	“Relativamente ao terreno: as implicações que acarretava tanto no âmbito das comunicações, limitando ou até mesmo impossibilitando em algumas áreas; condições meteorológicas: a necessidade acrescida de hidratação, com implicações semelhantes àquelas anteriormente mencionadas; infraestruturas: a forma de atuação, tendo em conta a configuração dos <i>compounds</i> e povoações, como ainda do tipo de itinerários; religião: a preocupação em ser consumada alguma ação ou atitude que pudesse ser vista como ofensiva por parte da população (diferença cultural/ religiosa).”
11	“Em termos meteorológicos o desafio maior é a maior ausência de estações temperadas. O inverno e verão duram praticamente 5 meses por ano cada um. (...) Infraestruturas existem poucas estradas alcatroadas. Não existem praticamente caminhos de ferro. Todas as infraestruturas de saúde, educação, água, esgotos e eletricidade são deficitárias ou até inexistentes. (...) O terreno é essencialmente montanhoso, estéril, rochoso e seco. Há pouca vegetação, e as poucas árvores perto das cidades já foram abatidas ou são-no recorrentemente. Esta conjugação torna os campos de visão e de tiro muito abertos. O que para quem defende ou está numa posição estática tem vantagens, mas para quem se movimenta ou manobra representa uma desvantagem.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 2: Resposta à questão nº2 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão

Nº	Questão nº2: Tendo em conta as ameaças existentes no TO do Afeganistão, como é que o comandante da força as identificava? Quais as principais diferenças entre as várias ameaças? E como é que anulava/mitigava as mesmas?
1	“As principais ameaças nesse período eram os IED, VBIED, RCIED, Bombistas suicidas, Rockets e algumas flagelações de armas ligeiras a grande distância”
2	“A ameaças são: ataques diretos com fogo, (a nós não houve diretamente, somente miradas laser); IEDs (carros, pessoas, animais), bastante ameaça explosiva inclusive minas, ameaça de fogos diretos e a conjugação de vários. Para a sua resolução atuava-se de forma proativa diferente do resto das forças; tornei imprevisível o que leva a insegurança por parte dos rebeldes o que os dissuadia de nos atacar, sem o atacar diretamente.”

3	“A identificação da força era muito difícil, pois todos os movimentos tinham o mesmo aspeto e o seu MO eram similares, desde senhores da guerra a talibãs, era difícil saber quem era quem. Não era possível, no relatório havia um leque de ameaças que poderiam estar a operar na mesma área, mas não ia ao pormenor. (...) Para mitigar essa ameaça era criar rotinas diferentes nos itinerários e nos horários.”
4	“Ao chegarmos a Cabul fizemos o “Indution Curse” liderado pela ISAF, que não foi mais do que a atualização sobre a atuação da ameaça. Alterações da ameaça a partir daí vinham diariamente pelo escalão superior e após analisadas as alterações da ameaça, eram dadas orientações pela cadeia de comando sobre indícios que todos deveriam ter em conta e que poderiam ser reveladoras da presença da ameaça ou de um ataque iminente.”
5	“A QRF não estava sozinha no Afeganistão. Como sabes estávamos inseridos numa Força Multinacional (ISAF) a qual, sendo constituída por forças e elementos de múltiplos países, nomeadamente da NATO, possuía estruturas dedicadas à recolha, análise e processamento de informações, que nos permitiam uma avaliação das ameaças, em função das áreas geográficas onde tínhamos de operar, assim como das especificidades da mesma relativamente à tipologia de missão.”
6	“Tendo como referência o conceito de ameaça e respetivas categorias definidas doutrinariamente, podemos considerar como sendo as principais no Afeganistão aquelas designadas como ameaças irregulares, constituídas por oponentes que empregam métodos e meios não convencionais para atingir os seus objetivos.”
7	“Em virtude do sistema de informações existente no TO, a força tinha conhecimento diário do tipo, da localização e do grupo data hora, dos incidentes mais significativos, que aconteciam.”
8	“As ameaças foram identificadas numa primeira ainda na fase, ainda no decorrer do aprontamento, através do acompanhamento e estudo daquilo que se passava no terreno, com a Força que se encontrava a desempenhar a missão, assim como através de palestras efetuadas aos elementos da força para atualização da situação e conhecimentos.”
9	“As ameaças existentes no Teatro de Operações, embora assentando em grupos de insurgentes diferenciados, e com objetivos político religiosos, aparentemente, deferentes, na verdade comportavam-se de forma muito idêntica, considerando qualquer força militar como hostil. A sua diferenciação, para a QRF Portuguesa, não era fácil, na medida em que não tínhamos célula de informações para o efeito, pelo que, apoiava todo o planeamento das operações com base na informação disponibilizada pela ISAF.”
10	“Tendo como referência o conceito de ameaça e respetivas categorias definidas doutrinariamente, podemos considerar como sendo as principais no Afeganistão aquelas designadas como ameaças irregulares, constituídas por oponentes que empregam métodos e meios não convencionais para atingir os seus objetivos. (...) A mitigação deste tipo de ameaças era efetuada através do estudo dos fatores de decisão associados à missão e ao estudo pormenorizado das informações existentes, efetuando uma gestão do risco genérica para a operação como um todo, e particular para uma operação específica, criando mecanismos que pudessem diminuir a severidade e probabilidade de ocorrência desses riscos.”
11	“Os grupos insurgentes são alimentados por locais e estrangeiros de diferentes etnias e origens, mas nós temos grande dificuldade em identificar as diferentes etnias visualmente e as diferentes línguas, pelo que parecem todos iguais. A ameaça principal eram os IED nas suas várias formas: viaturas, minas, pratos de pressão, suicidas. Os explosivos eram a maior fonte de baixas entre as tropas da ISAF. A única coisa a fazer é manter distância e ter uma boa blindagem. Havia outras técnicas, mas no fundo era um pouco uma questão de sorte. Não passar muitas vezes no mesmo itinerário, procurar identificar comportamentos erráticos de pessoas e viaturas, manter qualquer objeto, pessoa e viatura estranha à distância, evitar ou reconhecer previamente os 5 locais nos itinerários mais perigosos: <i>checkpoints</i> , curvas apertadas, banco de areia/poças, manilhas e dobras do terreno.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 3: Resposta à questão nº3 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão

Nº	Questão nº3: Quais as principais operações que foram executadas durante o seu comando no Afeganistão?
1	“A FND participou/executou 38 operações (...) dito isto a única que poderá, de certa forma, ser evidenciada foi a operação TENTACLES pelo facto de, no desenvolvimento da mesma ter ocorrido um ataque de que resultaram um falecido, um ferido grave e um ferido ligeiro.”
2	“Todas as operações foram importantes, mas evidencia-se a operação TENTACLES pelo facto de, no desenvolvimento da mesma ter ocorrido um ataque de que resultaram um falecido, um ferido grave e um ferido ligeiro.”
3	“A operação mais importante foi a operação TURTLE, visto que foi a primeira projeção da QRF para fora de Cabul.”
4	“A missão como um todo foi um sucesso uma vez o contingente não sofreu baixas, ou seja, não permitiu que a ameaça tivesse a iniciativa. A mais desafiante foi quando a QRF PRT foi dada de reforço à coligação na zona sul do Afeganistão.”
5	“As operações mais marcantes, quer pelas suas características (operações de combate) quer pelas forças e meios envolvidos, foram as realizadas na província de Kandahar.”
7	“A operação mais importante foi a Operação SOHIL LARAM IV, em virtude das condições de vida, disponibilizadas na FOB HUTAL, o comportamento da ameaça e as tarefas realizadas.”
8	“As operações mais importantes foram, sem dúvida, as Operações SOHIL LARAM III e IV. Esta foi também a operação mais longa da Força, que durou cerca de 60 dias (2 meses), nos quais ficou instalada numa FOB. Os objetivos atribuídos à Força foram plenamente alcançados.”
9	“Embora todas as operações específicas e já identificadas encerrassem um grau de complexidade e risco, destacaria a <i>Security Support to Consultative Peace Jirga</i> , pois embora o evento fosse do foro diplomático, a ISAF, tinha por missão assegurar a sua realização em segurança.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 4: Resposta à questão nº4 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão

Nº	Questão nº4: Tendo em conta toda a formação e treino existente nas forças Comandos, considera que o mesmo influenciou para o cumprimento e sucesso de todas as missões que lhe foram atribuídas durante o seu comando no Afeganistão?
1	“As Unidades de Comandos pelo treino técnico, físico e psicológico que compõe a sua preparação, são unidades particularmente preparadas para situações de elevado grau de risco e/ou incerteza. (...) neste TO, com as indefinições e incertezas que daí derivam, permitem afirmar com segurança que o cumprimento e sucesso das missões teve forte fundamento na formação singular das Unidades de Comandos.”
2	“Não foi feito o treino adequado para a missão pois como era a 1ªFND não se sabia ao certo o que se ia fazer. (...) No entanto a formação e o treino que são feitos nos Comandos foi fundamental para o cumprimento das missões.”
3	“Não tenho dúvidas nenhuma que o treino e formação dão uma capacidade acrescida neste TO. O facto de o curso ser altamente seletivo faz com que chegue ao fim as pessoas mais capacitadas para o cumprimento deste tipo de missões.”

4	“Sim. A formação “Comando” assenta em 3 pilares fundamentais, o Treino Físico, o Tiro e a Técnica de combate sobre grande stress psicológico. Dividido em 4 fases, pretende-se a aquisição de capacidades individuais, evoluindo de tarefas simples para tarefas complexas. (...) Toda esta preparação permite ainda durante o Curso incutir e trazer ao decima o instinto o reagir de forma instintiva perante um pequeno sinal e só pensar depois.”
5	“Sim, sendo os Comandos forças de vocação marcadamente ofensivas, com uma extraordinária apetência para operar em ambientes assimétricos nomeadamente em operações de contraguerrilha, a tipologia de ambiente operacional que caracteriza o TO do Afeganistão enquadra-se perfeitamente nas características da Força.”
6	“Claro que sim. De uma forma muito simplista, um militar no final da sua formação, está apto a integrar uma unidade operacional, por se considerar que adquiriu os conhecimentos e competências tidas como necessárias e essenciais para tal. Assim, no caso específico dos “Comandos”, a formação proporciona condições de elevada exigência e sacrifício, exige uma superior preparação técnica e tática, bem como de elevados padrões de desempenho psicofísicos, necessários ao cumprimento das tarefas cometidas normalmente a essas unidades. Por sua vez, o treino (operacional) permite que essa unidade fique apta a cumprir as tarefas e missões para as quais for designada, desenvolvendo, potenciando e aplicando o conhecimento e competências individuais em prol do coletivo, bem como validando os procedimentos (individuais e coletivos) e padrões exigidos para tal.”
7	“O Teatro de Operações do Afeganistão, fruto do seu ambiente operacional, serviu para validar a Formação dos militares Comandos, confirmando que estão preparados para ser empregues em operações de elevado risco e exigência física e psicológica.”
8	“Sem dúvida. A formação e o treino existente nas Forças Comando são o adequado e adapta-se perfeitamente ao tipo de missão e ambiente operacional existente no teatro de operações do Afeganistão, assim como aso desafios e solicitudes que se colocam às Forças, a todos os níveis. A preparação, a robustez física e psicológica ministrada e incutida nos cursos de comandos e ao longo do treino operacional, permite aos militares Comando desempenhar a sua missão em qualquer tipo de ambiente operacional e nas mais diversas condições de robustez, flexibilidade e exigência.”
9	“A formação dos Comandos por si só confere competências técnicas específicas (quer ao nível da técnica individual de combate, quer ao nível psicológico e físico), que permitem desempenhar missões especiais e que permitem a adaptação fácil a qualquer TO.”
10	“Claro que sim. De uma forma muito simplista, um militar no final da sua formação, está apto a integrar uma unidade operacional, por se considerar que adquiriu os conhecimentos e competências tidas como necessárias e essenciais para tal. Assim, no caso específico dos “Comandos”, a formação proporciona condições de elevada exigência e sacrifício, exige uma superior preparação técnica e tática, bem como de elevados padrões de desempenho psicofísicos, necessários ao cumprimento das tarefas cometidas normalmente a essas unidades. Por sua vez, o treino (operacional) permite que essa unidade fique apta a cumprir as tarefas e missões para as quais for designada, desenvolvendo, potenciando e aplicando o conhecimento e competências individuais em prol do coletivo, bem como validando os procedimentos (individuais e coletivos) e padrões exigidos para tal.”
11	“O treino Comando é essencial para combater. Mas não chega. É suficiente na técnica de combate e no tiro. Mas o curso só não chega. O treino operacional é essencial, bem como o treino orientado para a missão. Neste incluo o treino mais técnico: MEDEVAC, pedidos de tiro, TACP, contra-IED, sapadores, lidar com a população. A formação e treino dos Comandos, ou de qualquer força, dão-nos a base. Mas não são, nem de perto, nem de longe suficientes para nos sentirmos preparados a qualquer momento. O treino deve ser uma constante em território nacional, em aprontamento e no TO.

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 5: Resposta à questão nº5 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão

Nº	<p style="text-align: center;">Questão nº5:</p> <p style="text-align: center;">No TO de Afeganistão a forças Comandos estavam a atuar como QRF. Existia alguma diferença no modo de atuação dos Comandos no TO relativamente ao que está escrito nas diretivas Nacionais e da OTAN/ISAF sobre o emprego das QRF?</p>
1	“A FND que tive a honra e o privilégio de comandar desempenhou a sua missão entre Ago05 e Fev06, não sendo adequada uma comparação sobre o que hoje está escrito em diretivas nacionais.”
2	“Nós tínhamos autorização para realizar qualquer operação”
3	“A atuação enquanto QRF foi norteadada pela diretiva da NATO revertido para documentação nacional própria. Essas diretivas dizem quais tarefas a executar. A força portuguesa não tinha capacidade de executar missões em montanha. A execução ficava à nossa responsabilidade a maneira como as executar. A projeção para fora, foi uma alteração ao que estava escrito, pois a QRF serve para resolver as operações, reforçar, mas depois voltar para a base. No entanto a operação TURTLE diferiu relativamente ao que estava escrito pois ficamos lá por um tempo prolongado. Mas Portugal foi consultado sobre esta atividade e foi aceite a execução da mesma.”
4	“A QRF atuava de acordo com as SOP da ISAF, que são normas orientadoras sobre conceitos de atuação e de emprego da QRF com outras forças. (...) Por isso o planeamento era centralizado, com um cuidado na matriz de horas e itinerários a usar por forma a reduzir a possibilidade de existir rotinas, e desta forma permitir a ameaça ter possibilidade de executar um ataque à força.”
5	“Relativamente ao preconizado em diretivas nacionais e da ISAF, o emprego era feito em consonância com as mesmas. Para operações de curta duração a QRF tinha um <i>Notice to Move</i> (NTM) de 24 horas, podendo ser projetada para qualquer ponto do TO. Caso o emprego fosse em operações de longa duração (superiores a 72 horas) o NTM era de até 48 horas.”
6	“Não.”
7	“Não havia nenhuma diferença. O que havia era limitações de ordem logística, nomeadamente: a falta de equipamentos de visão noturna, que não permitia operar 24/24; falta de viaturas para garantir o transporte da totalidade da força de forma autónoma; falta de viaturas blindadas para o modulo sanitário e para o modulo de manutenção.”
8	“Não existiam grandes diferenças, pese embora as Diretivas Nacionais e da OTAN/ISAF, relativamente ao emprego deste tipo de Forças QRF seja genérico. Os normativos superiores definiam que a QRF devia estar preparada para ser empregue em determinado tipo de situações e conduzir um determinado tipo de missões, estando preparada para executar possíveis tarefas.”
9	“A formação dos Comandos fruto é muito exigente, quer ao nível da componente física e psicológica, bem como na técnica individual de combate, a qual absorveu os ensinamentos dos vários TO, estando permanentemente em adaptação às novas ameaças e tecnologias. Neste contexto, foi fácil o cumprimento das várias missões que lhe foram atribuídas, bem como a adaptação às TTP, específicas do TO do Afeganistão.”
10	“Não.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 6: Resposta à questão nº6 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão

Nº	<p style="text-align: center;">Questão nº6:</p> <p style="text-align: center;">Quais as principais tarefas e missões que eram atribuídas aos Comandos na sua atuação como QRF no TO do Afeganistão, tendo em conta as tipologias de operações que as forças Comandos podem executar?</p>
1	<p>“A missão da ISAF era uma missão de imposição de paz sendo as suas principais tarefas de cariz preventivo, pelo que, retirando as que se poderiam desenvolver em ambientes específicos, como seja a alta montanha, todas as demais eram passíveis de desempenho pelas Unidades de Comandos.”</p>
3	<p>“A tipologia de operações comparativamente ao que foi feito deferiu bastante, pois na sua génese os comandos costumam realizar operações ofensivas, golpes de mão, emboscadas, reconhecimento. Neste TO não houve essa tipologia ofensiva. No entanto o que foi feito foi adequar as tarefas às tipologias de operações no TO, redirecionar as mais valias individuais enquadrando na tipologia de operações que o TO exigia.”</p>
4	<p>“As missões atribuídas à QRF são de apoio a outras forças que tenham sofrido um ataque, no isolamento de uma área, patrulhas de segurança a equipas sanitárias e/ou IED a transportar para o local atacado. Substituição de forças no local atacado. Reforço de contingentes que tenham sofridos baixas. Apoio a operações de maior envergadura para reforço de setor. Reconhecimento de locais, garantindo que não existe ameaças no local e que durante a execução de ações de suporte médico a populações, decorrem em segurança. Dissuasão e restrição de livre movimentação por parte da ameaça.”</p>
5	<p>Operações de Segurança: Patrulhamento; Reconhecimento (itinerário, área, zona); Vigilância. Operações de Combate: Nomadização (<i>Search and Attack</i>); Cerco e Busca; Golpe de Mão.</p>
6	<p>“A QRF/FND/ISAF 2010 estava preparada para conduzir: patrulhas de combate e reconhecimento (itinerário, área, zona e presença); escoltas a colunas civis e militares; escoltas a Altas Entidades (AE); defesa de pontos sensíveis; operações de apoio às Forças de Segurança Afegãs e operações conjuntas com outras forças da ISAF.”</p>
7	<p>“Capacidade de conduzir operações em todo o espectro das operações militares; Capacidade de planeamento e controlo de operações de escalão Companhia; Capacidade para conduzir operações de reserva através dos meios terrestres orgânicos ou aéreos; Capacidade para reforçar os <i>Provincial Reconstruction Teams</i> (PRT); Capacidade para executar <i>Non-Combatants Evacuation Operations</i> (NEO); Capacidade para conduzir patrulhamentos montados ou apeados; Efetuar múltiplas tarefas como sejam missões de vigilância, reconhecimento, escoltas, efetuar checkpoints e demonstrações de força; Capacidade de conduzir operações de CRC.”</p>
8	<p>No TO do Afeganistão e enquanto QRF, as Forças Comando deviam estar preparadas para: Serem empregues em toda a AOO e em todo o espectro de operações militares; conduzirem tarefas de MEDEVAC/CASEVAC; conduzirem operações extremas em apoio do ANA, ANP, polícia fronteiriça ou <i>Aghan Special Narcotics Force</i>; serem sustentáveis até 72h.</p> <p>As possíveis tarefas que a QRF tinha que estar preparada para executar, eram: O controlo de zona (urbana ou não); a defesa de ponto ou de zona; o controlo de uma estrada (patrulhas e <i>check point</i>); a segurança de pessoas ou grupo de pessoas; a extração/evacuação de pessoas ou grupo de pessoas; a reação contra uma ameaça ou tentativa de ameaça; a escolta a colunas de viaturas; a vigilância e controlo de tumultos; apoderar-se de um ponto ou de uma zona (urbana ou não); o apoio a unidades amigas (ANA, ANP, polícia fronteiriça ou <i>Aghan Special Narcotics Force</i>); a condução de tarefas IED (se tiver essa capacidade, senão será reforçada com esta valência).</p>
9	<p>“A QRF constituía-se como reserva e desenvolveu essencialmente missões de patrulhamento, tendo sido chamada a integrar missões de especial relevo em termos de complexidade e exigência de operacionalidade.”</p>

10	“A QRF/FND/ISAF 2010 estava preparada para conduzir: patrulhas de combate e reconhecimento (itinerário, área, zona e presença); escoltas a colunas civis e militares; escoltas a Altas Entidades (AE); defesa de pontos sensíveis; operações de apoio às Forças de Segurança Afegãs e operações conjuntas com outras forças da ISAF.”
11	“Se observarmos a tipologia de tarefas que os Comandos podem executar sabemos que as tarefas para uma QRF no Afeganistão são adequadas. Essencialmente como tarefas temos reconhecimentos (área e zona), patrulhas de presença, emboscadas e golpes de mão. Isto no âmbito das operações de estabilização e em particular contrainsurgência.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 7: Resposta à questão nº7 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão

Nº	Questão nº7: Como eram organizadas as forças para as operações no Afeganistão? A organização era a mais adequada para o sucesso da missão? Quais as vantagens/desvantagens no modo como o comandante organizava a sua força?
1	“Esta questão, está explanada nos relatórios da ISAF.”
2	“Organização das forças: por equipas de cinco, escalão mínimo para operar. Início mínimo 2 equipas e ao longo da missão mínimo de 3 equipas. De acordo com a operação podia e organizava de forma diferente.”
3	“A base de organização Comandos é a equipa de 5 homens O grupo era por 6 equipas e comandante de grupo. As forças eram organizadas como múltiplos da equipa. Não havia patrulhamentos com menos de três viaturas, foi uma lição aprendida da primeira QRF.”
4	“Uma das características das forças Comandos são a sua flexibilidade. O grupo de combate atua com 6 equipas, mas pode articular-se em subgrupos de 3 ou 4 equipas. Pode ainda atuar reforçado, recebendo outras equipas, TACP ou outros.”
5	“Como é sabido a QRF era, na sua génese, uma pequena Força de Tarefa (Task Force). Contrariamente a uma Unidade constituída, que pode ter algumas estruturas “excedentárias” ou não adaptadas à tipologia ou conceito das operações, neste caso, logo na sua conceção, a força foi “criada” com estruturas que visavam o Comando e Controlo, a Manobra, o Apoio de Combate (Comunicações e TACP) e o Apoio de Serviços) sendo estes constituídos por módulos distintos. Adicionalmente, face à forma como as unidades de Comandos são constituídas, tendo como célula base a Equipa (cinco elementos um dos quais graduado), a qual permite uma acrescida capacidade de Comando e Controlo aos baixos escalões, proporcionava uma grande flexibilidade de atuação ao Comandante de Companhia a qual se traduzia consequentemente na forma como toda a QRF se podia organizar.”
6	“A QRF/FND/ISAF era constituída por: Cmd e SecCmd, onde se integrava o TACP da FA; Companhia de Manobra, constituída pelo CmdComp, 03 UEP e Secção de Apoio (com capacidade ACar e Sniper) e Destacamento de Apoio Serviços, que integrava para além do Cmd, a capacidade Sanitária, Manutenção e Comunicações. Essa organização demonstrou ser bastante funcional, não existindo quaisquer dúvidas relativas ao C2. Concomitantemente, no que à Companhia de Comandos (Companhia de Manobra) e respetivos Grupos de Combate (UEP) diz respeito, a organização em Equipas (06 Equipas por Grupo, a 04 praças e comandada por um sargento) passíveis de articulação de acordo com a missão (em Subgrupos, por regra, a 3/4 Equipas), comprovou toda a sua versatilidade e eficiência atendendo à diversidade de missões, garantindo flexibilidade de emprego e facilidade de C2.”

7	“A organização da força para atuar como força de intervenção, na execução de <i>search and attack, cordon search</i> , estava adequada. Na atuação como força de quadrícula, para aumentar as medidas de segurança no Main Gate da FOB, era conveniente dispor de uma Equipa Cinotécnica para auxiliar na revista a pessoas e viaturas. Era conveniente dispor de elementos na força, com formação na área do CIMIC, PSYOPS e INFOPS.”
8	“A Força encontrava-se organizada num Estado-Maior, num Destacamento de Apoio de Serviços, numa Companhia de Manobra (Comandos) e num TACP. Por sua vez a Companhia de Manobra encontrava-se organizada num Comando e Secção de Comando e em 3 Grupos de Comandos, cada um com uma Secção de Comando e 3 Subgrupos (2 equipas cada). A Companhia dispunha ainda de uma Secção de Apoio, com uma Esquadra de Snipers e uma Esquadra ACAR.”
10	“A QRF/FND/ISAF era constituída por: Cmd e SecCmd, onde se integrava o TACP da FA; Companhia de Manobra, constituída pelo CmdComp, 03 UEP e Secção de Apoio (com capacidade ACar e Sniper) e Destacamento de Apoio Serviços, que integrava para além do Cmd, a capacidade Sanitária, Manutenção e Comunicações. Essa organização demonstrou ser bastante funcional, não existindo quaisquer dúvidas relativas ao C2. Concomitantemente, no que à Companhia de Comandos (Companhia de Manobra) e respetivos Grupos de Combate (UEP) diz respeito, a organização em Equipas (06 Equipas por Grupo, a 04 praças e comandada por um sargento) passíveis de articulação de acordo com a missão (em Subgrupos, por regra, a 3/4 Equipas), comprovou toda a sua versatilidade e eficiência atendendo à diversidade de missões, garantindo flexibilidade de emprego e facilidade de C2.”
11	“A grande maioria das escoltas eram atribuídas aos subgrupos (2 ou 3 equipas de Comandos). As patrulhas normalmente eram de grupo (6 equipas), em particular quando saímos para mais longe. Fizemos algumas operações maiores de companhia. Defesas de pontos sensíveis, operações de apoio às populações, eventos de grande visibilidade, escoltas a grandes colunas.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 8: Resposta à questão nº8 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão

Nº	Questão nº8: Tendo em conta o TO do Afeganistão e que poderia surgir a qualquer momento alguma situação inopinada, existiu alguma situação em que o comandante da força teve executar alguma tarefa que não tivesse sido treinada durante o seu aprontamento como QRF?
1	“A pouca visibilidade sobre a amplitude de tarefas a serem atribuídas, associada ao facto de que, normalmente, a 1ª FND a ser destacada para um TO não cumpre o prazo de aprontamento preconizado (6 meses) recomenda que, para esta situação de primeira força em TO, seja considerada uma força que desenvolva um treino operacional diversificado e a possua um conceito de emprego de geometria variável, como é o caso das Unidades de Comandos (...)Perante este quadro houve várias situações/tarefas que não foram executadas no aprontamento, desde logo a adaptação dos militares ao MOP, viaturas URO/VANTAC, que só se veio a efetuar já no TO.”
3	“A maior parte das operações não foram treinadas durante o aprontamento, do ponto de vista da tipologia de operações do que se passava no TO. As forma de atuar lá deferiu da forma que foi treinado, porque não se conhecia aspetos do TO em específico. No entanto foi uma adaptação que ocorreu com naturalidade pois o que imperou foi as características individuais das tropas Comandos.”
4	“Não. Todas foram abordadas durante o Aprontamento.”

5	“Não. Durante o aprontamento, face às lições aprendidas das forças que nos antecederam e às previsões do emprego operacional que se perspectivavam para a QRF as tarefas treinadas e validadas neste período englobaram todas as necessidades que foram surgindo durante a atividade operacional.”
7	“O aprontamento da força teve por base, a experiência partilhada pelas forças que nos antecederam. O treino foi vocacionado para a atuação como força de intervenção. Mas no TO teve de garantir segurança à FOB onde esteve instalada, e atuar como força de quadrícula, uma vez que lhe foi atribuída uma área de responsabilidade. Como força de quadrícula, houve necessidade de operar em coordenação com o PRT em ações CIMIC, em projetos de reconstrução e desenvolvimento. A força teve de realizar tarefas conjuntas com a ANA. A força passou a realizar grande parte das tarefas de forma apeada.”
8	“A grande parte das tarefas para as quais a QRF tinha de se preparar foram treinadas durante o aprontamento e já no TO foram aprimoradas em função do desenvolvimento das operações.”
9	“A força não foi sujeita a qualquer situação que não tivesse sido treinada.”
10	“Genericamente e, no caso específico da QRF/FND/ISAF 2010, não foram executadas tarefas, pelo menos relevantes, que não tenham sido treinadas.”
11	“Seguramente. Não há aprontamento nenhum que prepare uma força para tudo. Estávamos preparados para combater em viaturas, fazer escoltas, patrulhas, reconhecimentos etc. Mas houve duas situações para as quais estávamos menos preparados, e uma algo grave: operações de combate apeadas.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 9: Resposta à questão nº9 – Guião de Entrevista – TO do Afeganistão

Nº	Questão nº9: Durante todo o tempo em que esteve no comando da força, quais os resultados que retira (positivos ou negativos) do TO do Afeganistão? Quais os aspetos que considera que poderiam ser melhorados para emprego em futuros TO?
1	“As “Observações” foram muitas e ficaram refletidas no Relatório de Fim de Missão. (...) Só a título de exemplo o Exército Português ainda não possui uma única viatura blindada que lhe permita recuperar material auto danificado em “zona de morte”, transportar combustível ou mesmo de transportes gerais... felizmente que quando se retirou do Afeganistão em 2015, se adquiriu uma ambulância blindada.”
2	“Os resultados gerais são: quando recibes uma missão tens de a analisar e negociar para ver a melhor maneira de a cumprir, davam a missão e diziam como fazer, mas deves negociar aa forma como fazer para ser o mais favorável possível à tua atuação. Negociação, argumentação e proximidade no planeamento das missões. Darem-te a finalidade da missão. Passámos-lhes o nome e deixámos já uma forma de operar de forma mais eficiente e segura com ações de <i>disrup</i> .”
3	“Resultados positivos: Validação da formação e do treino. A forma como os Comandos treinam e são formados garante o sucesso na execução destas operações. Isto foi provado com a continuação das operações deste tipo. Mas existem sempre aspetos a melhorar. (...) Aspetos a melhorar: As condições são diferentes do que temos em Portugal, por isso mesmo no aprontamento não se consegue treinar com a mesmas condições que tivemos no TO, o que origina um desafio acrescente.”
4	“A melhor adequação do material à missão. Treinar durante o aprontamento com o material existente no TO. Iniciar o Aprontamento o mais cedo possível. Quando se trata de um TO novo o reconhecimento de comandantes deve ser antes do início do aprontamento para que o mesmo seja adequado à missão.”

5	Relativamente ao emprego de forças em futuros TO, destacaria a sempre eterna necessidade de adequação e disponibilidade de meios, que permitam a satisfação da indispensável trilogia: Comando e controle (capacidade de comunicações inclusive aos baixos escalões sem limitações impostas por terreno ou condições meteorológicas); Proteção da força (atualização permanente do equipamento individual, atualização permanente de blindagens viaturas, proteções contra IED; Identificação e eliminação de alvos (sensores, equipamentos térmicos, sistemas de pontaria).
6	“Relativamente a esta questão, aquilo que mais destacaria está relacionado com o que considero ser uma dicotomia entre o que é a prática corrente em território nacional na nossa instituição, com aquilo que está estabelecido doutrinariamente e acaba por ser necessário em operações, especificamente no que respeita à função de combate Comando-Missão. Esta função de combate destaca a máxima liberdade de ação possível dos escalões subordinados, concorrendo para que possam compreender a situação, adaptar e atuar decisivamente, com iniciativa, delimitados pela intenção do comandante.”
7	“Durante o tempo de preparação para a Operação SOHIL LARAM IV, os militares consolidaram os conhecimentos e familiarizaram-se com o armamento, bem como com os equipamentos existentes no TO. Foram consolidadas as TTP’s de acordo com os meios orgânicos da força.”
8	“Um dos grandes aspetos positivos foi o permitir às Forças a possibilidade de atualizarem os seus conhecimentos, não só com o contato com outras Forças internacionais, mas através do planeamento e execução de todas as ações respeitantes à missão, que mais tarde permitiria ajustar, em território nacional, a formação e o treino. (...) Um dos aspetos que ainda hoje se continua a verificar, é a falta generalizada de material e equipamento para a preparação das Forças no decorrer do período de aprontamento. Na altura foi proposto a implementação de lotes de aprontamento, mas, mais tarde, verificou-se que essa medida deixou de ser implementada.”
9	“A formação dos comandos sendo exigente que no campo da técnica, quer físico e psicológico, é adequada a qualquer teatro que seja exigente. As forças nacionais de uma forma geral têm grande capacidade de adaptação a novas situações.”
10	“Relativamente a esta questão, aquilo que mais destacaria está relacionado com o que considero ser uma dicotomia entre o que é a prática corrente em território nacional na nossa instituição, com aquilo que está estabelecido doutrinariamente e acaba por ser necessário em operações, especificamente no que respeita à função de combate Comando-Missão. Esta função de combate destaca a máxima liberdade de ação possível dos escalões subordinados, concorrendo para que possam compreender a situação, adaptar e atuar decisivamente, com iniciativa, delimitados pela intenção do comandante.”
11	“Para operações futuras deve-se perceber que uma missão se faz pela logística que têm. Se conseguimos dar condições aos nossos militares para eles trabalharem o produto será muito melhor. Temos obrigação de fazer mais e melhor para apoiar as nossas FND, e não pode ser só com palavras.”

Fonte: Elaboração Própria

APÊNDICE H – RESPOSTA AO CORPO DE QUESTÕES DO GUIÃO DE ENTREVISTA – TO DA RCA

Quadro 10: Resposta à questão nº1 – Guião de Entrevista – TO da RCA

Nº	Questão nº1: Quais os principais desafios que encontrou no TO da RCA, tendo em consideração o ambiente operacional do mesmo, mais especificamente o seu terreno, condições meteorológicas, infraestruturas, a sua religião e a sua área de operações?
1	“Principais desafios são o terreno e condições meteorológicas, pois condicionavam diretamente a missão da força como QRF, dificultando a reação rápida, em tempo, e em condições de operacionalidade adequadas, em termos dos meios (humanos e materiais), pois quer fossemos projetados via terrestre ou via área, qualquer um os fatores referidos constituíam-se como uma variável a ter em conta, sabendo que não existe uma rede estradal adequada e a cobrir todo o território e que as condições meteorológicas são adversas (calor, humidade, chuva, entre outras situações associadas).”
2	“A grande maioria dos itinerários (fora de Bangui) não são asfaltados (são em terra batida) e que, em condições normais já têm uma grande influência nas progressões, em termos da ligação e velocidade de deslocamento, ainda mais com o agravar das condições meteorológicas (chuvas fortes) aumentando exponencialmente a probabilidade de acidentes ou incidentes, (avarias nas viaturas). Além do tipo de solo, ser lamacento e bastantes acidentado (entenda-se por ter muitos buracos), os itinerários são extremamente estreitos e movimentados (pois não existem muitas opções de Itinerários Alternativos) quer pelas Forças da MINUSCA quer pela população. (...) As infraestruturas exceto Bangui e as principais cidades, em cada setor, que efetivamente têm infraestruturas em cimento/betão, a grande maioria das aldeias/vilas caracteriza-se por habitações em Palhotas (totalmente em palha ou em barro/tijolo e palha). Isto tem uma influência grande nas operações, nomeadamente, no efeito dos projeteis neste tipo de estruturas, atendendo ao calibre das nossas armas. (...) Além da Capital (Bangui) é uma área dividida em três setores (Oeste, Centro e Este). São setores muito vastos e de grandes dimensões, atendendo ao volume/efetivos de Forças da MINUSCA para conduzirem operações nesses setores, principalmente para controlar os mesmos, explorar o sucesso das operações e manter a posse.”
3	“Relativamente ao terreno e infraestruturas do país os problemas mais graves são a estradas que estão completamente destruídas. Os movimentos para fora de Bangui eram complicados pois as estradas eram muito más. Para atuar como QRF com aquelas estradas era crítico para a missão. (...) Relativamente às condições meteorológicas, no país só existem duas estações: secas e molhadas, quando chove fica tudo alagado, o calor é uma constante na RCA. O militar tem de estar bem preparado fisicamente e psicologicamente para resistir às condições extremas. As instalações na capital tinham condições para estar instalados, sendo que os mesmos fizeram melhoramentos nas instalações para melhorar condições de vida. Fora da capital as condições não são tão boas. Na missão os equipamentos logísticos não conseguiam sempre acompanhar o movimento da força.”
4	“A chuva torna os terrenos lamacentos que dificultam a mobilidade das nossas forças. (...) País dos mais pobres do mundo, logo tudo que são infraestruturas são muito deficientes. Não existe rede estradal, para fazer 40km demorávamos dois dias.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 11: Resposta à questão nº2 – Guião de Entrevista – TO da RCA

Nº	<p style="text-align: center;">Questão nº2:</p> <p style="text-align: center;">Tendo em conta as ameaças existentes no TO da RCA, como é que o comandante da força as identificava? Quais as principais diferenças entre as várias ameaças? E como é que anulava/mitigava as mesmas?</p>
1	<p>“Qualquer grupo ou pessoa armada, que não identificada como pertencente a autoridades locais, nacionais ou internacionais, com intenções hostis ou tivessem executado atos hostis contra a população indefesa, ou contra pessoas e bens do Estado da RCA ou das Forças Internacionais eram considerados uma ameaça. Neste enquadramento, na RCA, os grupos armados são a principal ameaça. As atuações da nossa Força contra as ameaças de acordo com as ROE da MINUSCA, preservando sempre o direito à legítima defesa e à utilização da força – proporcional e adequada – a fim de salvaguardar a proteção de civis indefesos.”</p>
2	<p>“Grande parte das ameaças no TO eram identificadas com recurso à cadeia de comando da MINUSCA, mas também, paralelamente, através de contatos com os Franceses, no campo M’Poko, e com os elementos Portugueses, em funções fora da MINUSCA. (...) As principais diferenças entre as várias ameaças (considerando apenas os Grupos Armados) tinha a ver com: As suas coligações, a sua religião, o seu armamento, o fardamento, o equipamento/material e a forma de atuação (...) As formas de mitigação eram a adoção de medidas internas, condução das operações na área onde fomos projetados, em termo da atuação interna, recolher o máximo de informações, socorrendo aos Oficiais de Estado Maior da Força.”</p>
3	<p>“As ameaças agrupam-se em dois movimentos grandes: Os <i>Ex-Seleka</i> que em termos religiosos são muçulmanos e os <i>Anti-Balaka</i>. A distinção entre os dois é fácil. Nenhum dos movimentos anda fardado integralmente. Os <i>Anti-Balaka</i> quase nunca usam farda, costumam andar à civil, sendo que as suas armas rudimentares como catanas flechas e armas de caça. Também tem AK-47 e granadas e metralhadoras, mas não em tanta quantidade como os grupos <i>Ex-Seleka</i>. Pelo que se pode observar têm menos equipamento que os <i>Ex-Seleka</i>, Os <i>Ex-Seleka</i> têm todos AK-47, PKM, RPG7. Em termos de farda não é integral, ou usam calças ou dolmem, como se fosse guerrilha. Os <i>Ex-Seleka</i> têm muitos mercenários, pelo tom de pele consegue perceber-se a diferença. A pele da RCA é mais escura. Sendo que visivelmente consegue-se distinguir. Funcionam mais como se fosse um exército. Dentro de cada movimento é mais complicado distinguir os grupos armados. Nós conseguíamos saber pois quando nos davam a missão e para onde fomos diziam qual era o grupo armado que iríamos encontrar.”</p>
4	<p>“Para a identificar ameaças sabemos que existem oficialmente 14 grupos armados, mas há mais. Estes estão espalhados por todo o território, havendo uma sobreposição desses grupos armados na zona central, porque existe aí maior riqueza. (...) Para a mitigação recorria-se ao estudo de informações das capacidades destes grupos armados ao nível de nos infligir dano ou impedir o cumprimento das nossas missões. Este estudo prévio era muito insipiente, porque não tínhamos muita informação. Somente à posteriori no terreno, através das nossas fontes, saber exatamente quais são as capacidades dos grupos armados.”</p>

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 12: Resposta à questão nº3 – Guião de Entrevista – TO da RCA

Nº	Questão nº3: Quais as principais operações que foram executadas durante o seu comando na RCA?
1	<p>“Todas elas foram muito importantes, pois salvaram centenas de vidas de civis indefesos, no entanto aquela que teve mais projeção mediática e operacional foi a primeira, em Bambari, pois além de se ter evitado que o grupo armado atacasse a cidade, capturou-se o seu líder, além de ser a primeira vez que a MINUSCA teve a iniciativa no TO, passando um sinal de forte compromisso em defender as populações indefesas.”</p>
2	<p>“Considero que todas foram importantes, cada uma à sua maneira de acordo com as suas finalidades distintas, contudo, se tiver de escolher uma como tendo sido a mais gratificante (pela situação que a população estava a viver perante as ameaças de elementos armados e pelo que a força conseguiu executar) considero que foi a projeção em que as missões executadas em Alindao e Bangassou.”</p>
3	<p>“As principais operações foram as duas projeções para fora, onde a situação esta mal numa região do país, que a QRF tinha de intervir para resolver o problema. (...) As operações em Bangui eram maioritariamente na zona do PK5. Sempre que havia conflito entre muçulmanos e cristãos, fazíamos intervenção como patrulhas reconhecimentos, segurança.”</p>
4	<p>“Principais operações: Existia o 3R que controlava a zona oeste que faz fronteira com os Camarões onde passa a principal rota de reabastecimento. (...) O grupo armado em questão massacrou mais de 50 pessoas de três aldeias distintas dessa região e, então, a MINUSCA projetou-nos para lá para obrigarmos o 3R a recolher para uma região que tinha sido atribuída aos grupos armados. Outra grande operação foi uma que estivemos a tomar conta de rotas.”</p>

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 13: Resposta à questão nº4 – Guião de Entrevista – TO da RCA

Nº	Questão nº4: Tendo em conta toda a formação e treino existente nas forças Comandos, considera que o mesmo influenciou para o cumprimento e sucesso de todas as missões que lhe foram atribuídas durante o seu comando na RCA?
1	<p>“Influenciou decisivamente, e positivamente, o cumprimento da missão, tendo em conta o TO, caracterizado pela complexidade e incerteza permanente, ao que se soma o stress, o risco, o cansaço e a dificuldade de controlo todos os intervenientes – ambiente multinacional e multicultural. Só uma força com uma formação e treino para ambientes incertos e arriscados é que tem a capacidade de adaptação e flexibilidade necessária para fazer face ao inúmero tipo de situações como aquelas que vivenciamos na RCA.”</p>
2	<p>“Considero que o treino das Forças Comandos influenciou severamente o cumprimento com sucesso das missões atribuídas. Não somos perfeitos e temos aspetos a melhorar, contudo, a formação resultante do Curso de Comandos prepara os nossos homens para um espírito de missão, sacrifício totalmente diferentes do normal. A metodologia de treino inerente ao Batalhão de Comandos e ao aprontamento, complementam esta formação com a parte das TTPs, essenciais para qualquer TO.”</p>
3	<p>“É sempre preciso haver preparação para a missão. A diferença entre o aprontamento e o treino operacional dos Comandos é que no aprontamento tudo o que é feito é vocacionado para a missão que vamos cumprir. O treino físico é comum no treino e no aprontamento. No entanto existem características próprias de cada TO que só pode ser feito no aprontamento. Como treinar o que se pode fazer com as ROE existentes. A partir do momento</p>

	que existe disparo da ameaça atuamos como no treino operacional. No treino operacional de comandos prepara os combatentes para ir para o TO. No entanto existem tarefas específicas que têm de ser treinadas especificamente para o mesmo, logo é necessário um aprontamento para isso.”
4	“A formação e o treino de Comando é essencial uma vez que as missões têm uma elevada exigência.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 14: Resposta à questão nº5 – Guião de Entrevista – TO da RCA

Nº	<p align="center">Questão nº5: No TO da RCA as forças Comandos estavam a atuar como QRF. Existia alguma diferença no modo de atuação dos Comandos no TO relativamente ao que está escrito nas diretivas Nacionais e da ONU/MINUSCA sobre o emprego das QRF</p>
1	<p>“A questão neste TO prendeu-se mais com a organização onde estávamos inseridos – ONU – e não tanto com o modus operandi de uma QRF. Neste sentido, como QRF, tínhamos mais limitações, desde logo porque estávamos sob a égide das NU, com ROE mais controladas, além de não existir uma interoperabilidade absoluta entre os nossos meios e os da MINUSCA A questão do conceito de emprego, com uma capacidade atribuída à Força para desempenhar missões até 30 dias, prendeu-se também com a MINUSCA, com todas as consequências que esta questão tem na missão, nomeadamente na capacidade de reação, pois o tempo de empenhamento numa QRF é extremamente importantes, pois uma QRF quere-se que seja rápida e decisiva na sua ação.”</p>
2	<p>“O conceito de emprego enquanto QRF não é propriamente um conceito claro e específico (que não oferece dúvidas) sobre como deve ser empregue dando alguma flexibilidade e margem em termos do tipo de tarefas para o qual está concebido, variando aqui a tipologia e capacidades da Força que constitui a QRF. De qualquer forma, comparando o emprego da QRF no Afeganistão (missão NATO) e a QRF na RCA (missão ONU) é notória uma diferença na forma como são empregues, contudo, são realidades e coligações distintas com diferentes capacidades em países totalmente diferentes.”</p>
3	<p>“A QRF tem definido várias tarefas que tem de estar preparado para executar. Houve algo que fiz que não estava previsto. Houve dias que guarnecemos torres de segurança. Não está escrito nas tarefas que temos de fazer segurança no campo onde estamos, por isso disse que poderia ser feito quando não estivéssemos a realizar operações.”</p>
4	<p>“Tínhamos um grupo com 15 minutos para sair. No entanto como os deslocamentos/projeções eram tão demorados funcionávamos mais como uma força de reserva. Para fazer face a isso havia uma intenção de criar QRF para cada setor, contudo o número de militares é escasso.”</p>

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 15: Resposta à questão nº6 – Guião de Entrevista – TO da RCA

Nº	Questão nº6: Quais as principais tarefas e missões que eram atribuídas aos Comandos na sua atuação como QRF no TO da RCA, tendo em conta as tipologias de operações que as forças Comandos podem executar?
1	“As principais tarefas atribuídas à nossa Força foram: Defesa de pontos sensíveis; Reconhecimentos de longo raio de ação (terrestres e com recurso a aeronaves de asa rotativa); Reconhecimentos ofensivos – limpeza de itinerários; Ações ofensivas contra alvos identificados como uma ameaça – cerco e busca; Segurança a VIP.”
2	“Todas as tarefas atribuídas enquadravam-se com a tipologia que as Forças Comandos podem executar.”
3	“As tarefas que foram executadas foram: reconhecimento de área, itinerários, escoltas, operações ofensivas, patrulhas de segurança, defesa de área. As missões específicas é estares preparado para realizar qualquer operação rapidamente.”
4	“Apesar de todas as tarefas que estavam escritas na diretiva as principais tarefas executadas são: patrulhamento da região em Boca e Bocaranga, que também servia para dissuadir a presença dos grupos armados nas aldeias; Proteção de civis.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 16: Resposta à questão nº7 – Guião de Entrevista – TO da RCA

Nº	Questão nº7: Como eram organizadas as forças para as operações na RCA? A organização era a mais adequada para o sucesso da missão? Quais as vantagens/desvantagens no modo como o comandante organizava a sua força?
1	“A IFND estava organizada com um Comando e Estado-Maior de Batalhão, dimensionado à Força, uma Unidade de manobra de escalão companhia (a três Grupos de Combate), um Tactical Air Control Party (da Força Aérea Portuguesa) e um Destacamento de Apoio com várias valências de apoio de serviços (sanitária, manutenção, reabastecimento, alimentação e lavandaria). (...) Vantagem: Capacidade de avaliação e decisão sobre a Força (ciclo de decisão rápido e garantia que a missão é cumprida de acordo com a sua intenção) ao ser o comandante a dirigir diretamente as operações (pois estamos a falar de três módulos de manobra). Desvantagem: Desgaste do comandante ao estar diretamente empenhado no planeamento, decisão e na execução das operações.”
2	“A Força era organizada seguindo a orgânica típica do Comandos (desde a sua origem), com base nas suas Equipas de Comandos e Grupos de Combate. (...) Pessoalmente acho que a organização utilizada para as missões foi a mais adequada, tendo como vantagens: Esta sempre foi a forma de emprego nos Comandos, independentemente do TO; as valências que uma Equipa de Comandos tem possibilitam o seu emprego enquanto elemento base; a nossa organização permite esta flexibilidade de emprego, sem colocar em risco as tarefas a executar.(...) Julgo que a maior desvantagem foi não ter uma Equipa de Comando (um Capitão, um Tenente, um Sargento e pelo menos 3 Praças) para comandar diretamente a Unidade de Manobra (os três Grupos de Combate) como acontece numa Companhia de Comandos.”
3	“Existia um esquema de rotatividades que todos os dias mudava pelos GrComb no dia a dia em Bangui. Um grupo participava na operação que existia nesse dia (patrulhas, <i>checkpoints</i>), outro grupo que estava pronta a atuar como QRF, tanto para o grupo que estava em operações, como para qualquer incidente que pudesse acontecer na AOp, o terceiro grupo era o grupo que estava de descanso e realizava as escoltas. (...) A

	desvantagem era poder não ter a força completa para projeção lá fora. A organização era da minha responsabilidade da forma que cumprisse a missão, sendo que tinha sempre alguém para atuar como QRF se fosse necessário.”
4	“A organização da força estava de acordo com a estrutura operacional definida. Para cada operação tentou-se levar todo o pessoal possível, contudo tinha de ficar sempre alguém em Bangui para fazer a comunicação entre a MINUSCA e as nossas forças para ações de manutenção e apoio sanitário.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 17: Resposta à questão nº8 – Guião de Entrevista – TO da RCA

Nº	Questão nº8: Tendo em conta o TO da RCA e que poderia surgir a qualquer momento alguma situação inopinada, existiu alguma situação em que o comandante da força teve executar alguma tarefa que não tivesse sido treinada durante o seu aprontamento como QRF?
1	“Não. Reitero que a formação e treino das Tropas Comandos prepara-nos para situações de grande incerteza e risco, fazendo com que na nossa Força possua grande capacidade de adaptação e flexibilidade.”
2	“Em termos gerais, que me recorde, não. A única tarefa parcelar que foi utilizada internamente (sempre que disponível o meio, antes de executarmos alguma operação), porque no TO existiam os meios aéreos para tal, foram os reconhecimentos aéreos com helicópteros, e que no aprontamento nunca foi praticado (por falta de meios) e que para ser eficiente requer alguma prática.”
3	“Não.”
4	“Nem por isso, o treino tem de ser adequado, mas foi completo para o que fomos fazer.”

Fonte: Elaboração Própria

Quadro 18: Resposta à questão nº9 – Guião de Entrevista – TO da RCA

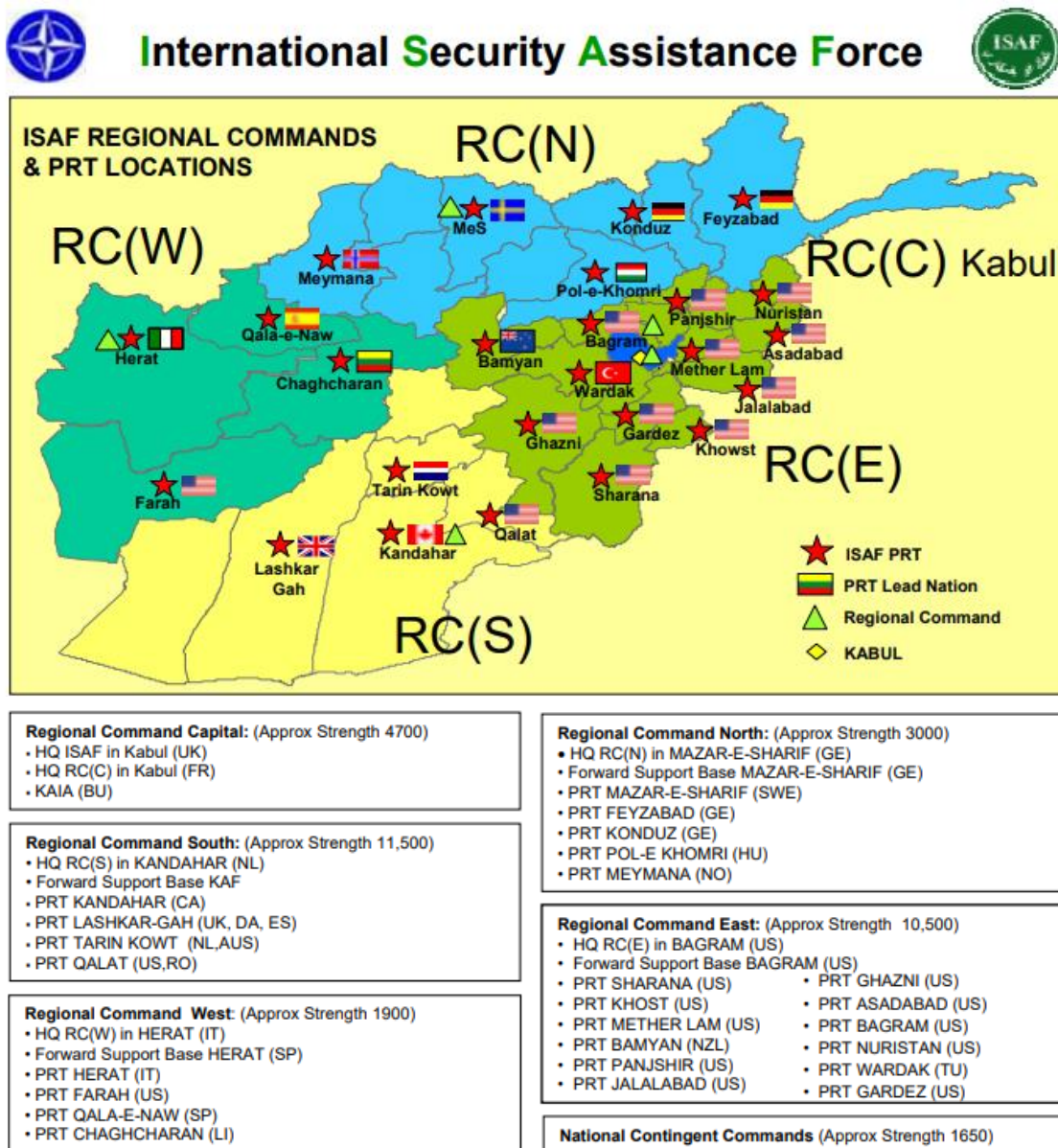
Nº	Questão nº9: Durante todo o tempo em que esteve no comando da força, quais os resultados que retira (positivos ou negativos) do TO da RCA? Quais os aspetos que considera que poderiam ser melhorados para emprego em futuros TO?
1	“Como ponto positivo: A 1FND estava dimensionada e vocacionada para o desempenho da missão como QRF, assumindo todas as tarefas inerentes a essa condição com naturalidade e profissionalismo. A ser melhorado considero a falta de capacidade para recolha de informações por parte da força e o não possuir apoio aéreo orgânico são uma grande vulnerabilidade. As lições identificadas para emprego em futuros TO prendem-se mais com questões de ordem logística (meios), com repercussões na proteção e capacidade da Força, nomeadamente a proteção balística para todas as viaturas da Força (pois uma QRF atua como um todo, com a manobra e a parte proporcional do apoio de combate e serviços), a capacidade para combate noturno sem limitações (aparelhos de visão noturna e câmaras térmicas).”
2	“Como pontos positivos considero a diferença pela positiva que a Força Portuguesa faz para a população e para a MINUSCA; as lições Aprendidas levantadas pela força a fim de servirem de referência e orientação para as forças subsequentes; as oportunidades operacionais/missões executadas pela 1ª FND e o sucesso alcançado pelas

	<p>mesmas. Não havia, até à altura, um conceito de FOC e TOA por parte da MINUSCA. Uma Força quando chega a um TO necessita de tempo para efetuar a sua preparação e se habituar ao TO. (...) Como pontos negativos é o fato das Forças Especiais em Portugal não serem empregues na sua missão principal, ou seja, terem tempo para treinar, e muitas das vezes estão constantemente a serem empregues como forças normais para cerimónias, visitas, demonstrações; constante adiamento da data de projeção, não permitindo um treino contínuo no aprontamento; pouca informação pormenorizada do TO e falta de referências pelo fato de ser a 1ª Força a ir para o TO e não existir já Lições Aprendidas deste TO; o material e equipamento a ser utilizado na missão não estar disponível, desde logo na sua totalidade, na fase de aprontamento e o conceito de emprego dos helicópteros e as suas limitações. Este meio é essencial em apoio às operações.”</p>
3	<p>“Os resultados positivos são: em todas as operações cumprimos a missão que foram dadas sem nenhuma baixa. Nas operações para fora conseguimos por as pessoas a voltar às suas vidas normais e influenciamos positivamente a vida dos mesmos. (...) Como a serem melhorados são: as informações são poucas quando temos de atuar, qual a área e a ameaça, ou a informação por vezes não está correta e a área das informações tinha deficiências tanta na estrutura da MINUSCA como na força Comandos. Só havia dois elementos, nas QRF que foram depois aumentaram o número de pessoas para informações.”</p>
4	<p>“O que foi verificado é mais ao nível dos procedimentos diários, contudo é importante identificar que as outras forças têm de adaptar a situações que vão ter, por ventura, com características diferentes.”</p>

Fonte: Elaboração Própria

ANEXOS

ANEXO A – ESTRUTURA DE COMANDO DA ISAF



Approved as at 02 January 2007

Figura 3: Estrutura de Comando da ISAF

Fonte: NATO, 2007

ANEXO B – ORGANIGRAMA DA MINUSCA

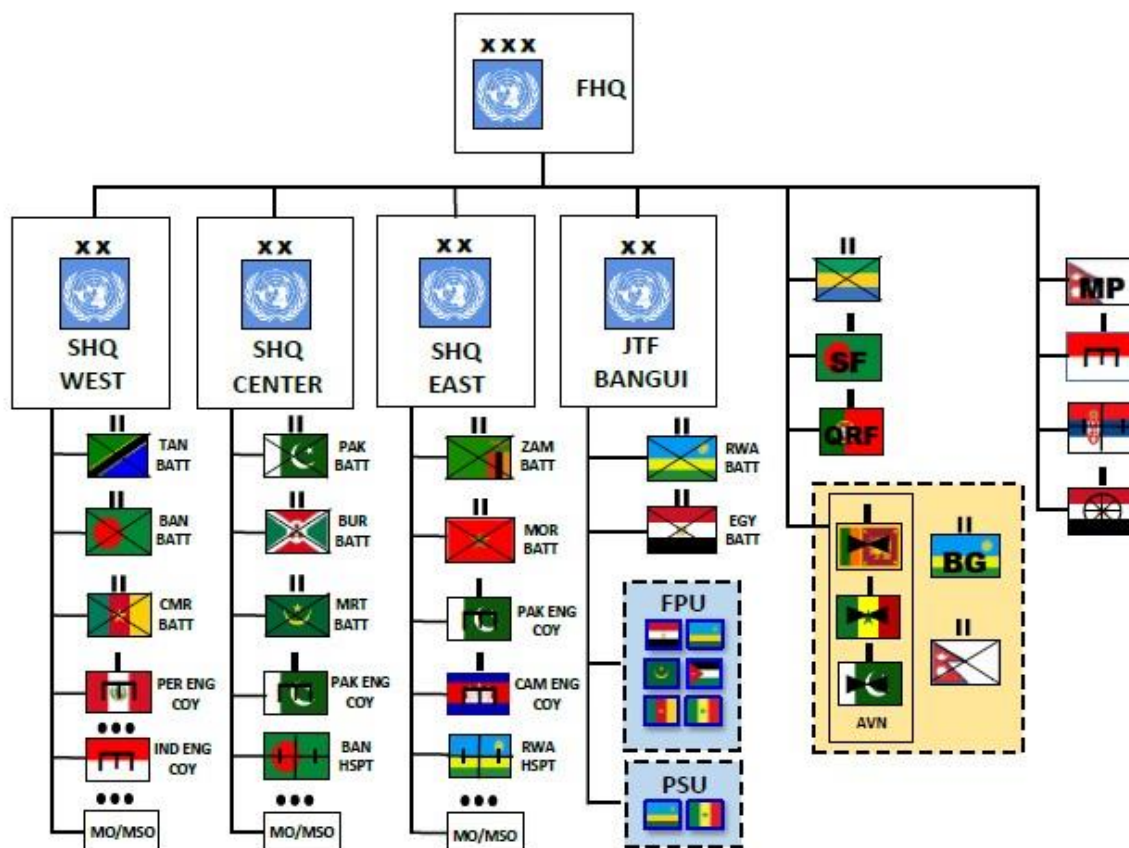


Figura 4: Organigrama da MINUSCA

Fonte: EMGFA, 2020

ANEXO C – MAPA DO AFEGANISTÃO



Figura 5: Mapa do Afeganistão

Fonte: Encyclopaedia Britannica, 2020

ANEXO D – MAPA DA RCA

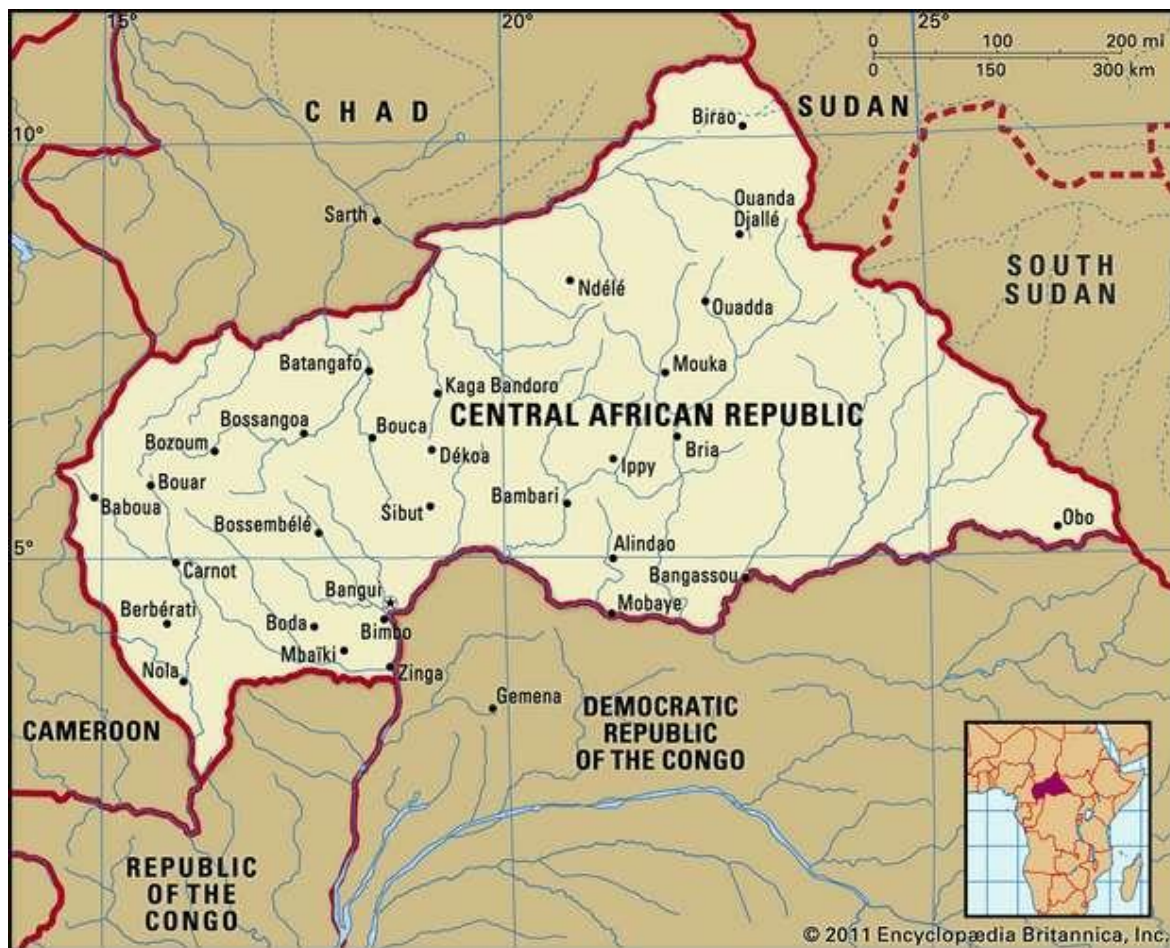


Figura 6: Mapa da RCA

Fonte: Encyclopædia Britannica, 2019

ANEXO E – GRUPOS ARMADOS AFEGANISTÃO

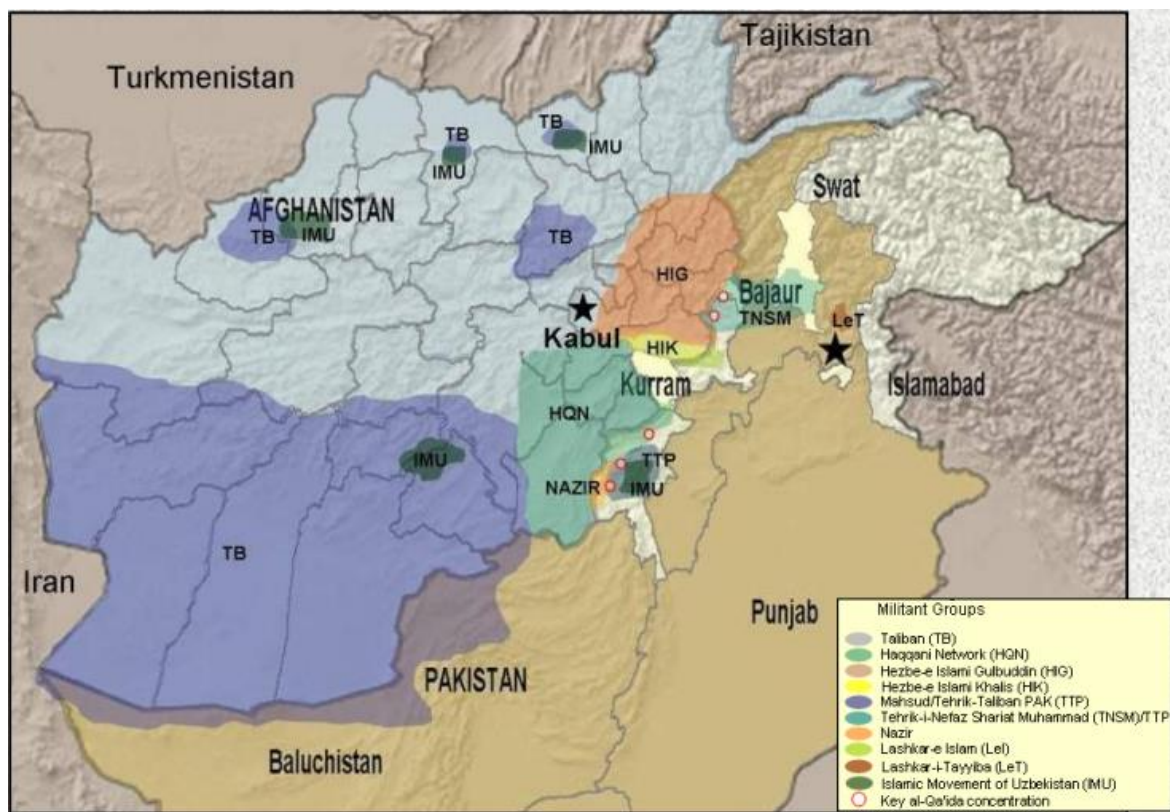


Figura 7: Grupos Armados Afeganistão

Fonte: TRISA, 2010

ANEXO F – GRUPOS ARMADOS DA RCA

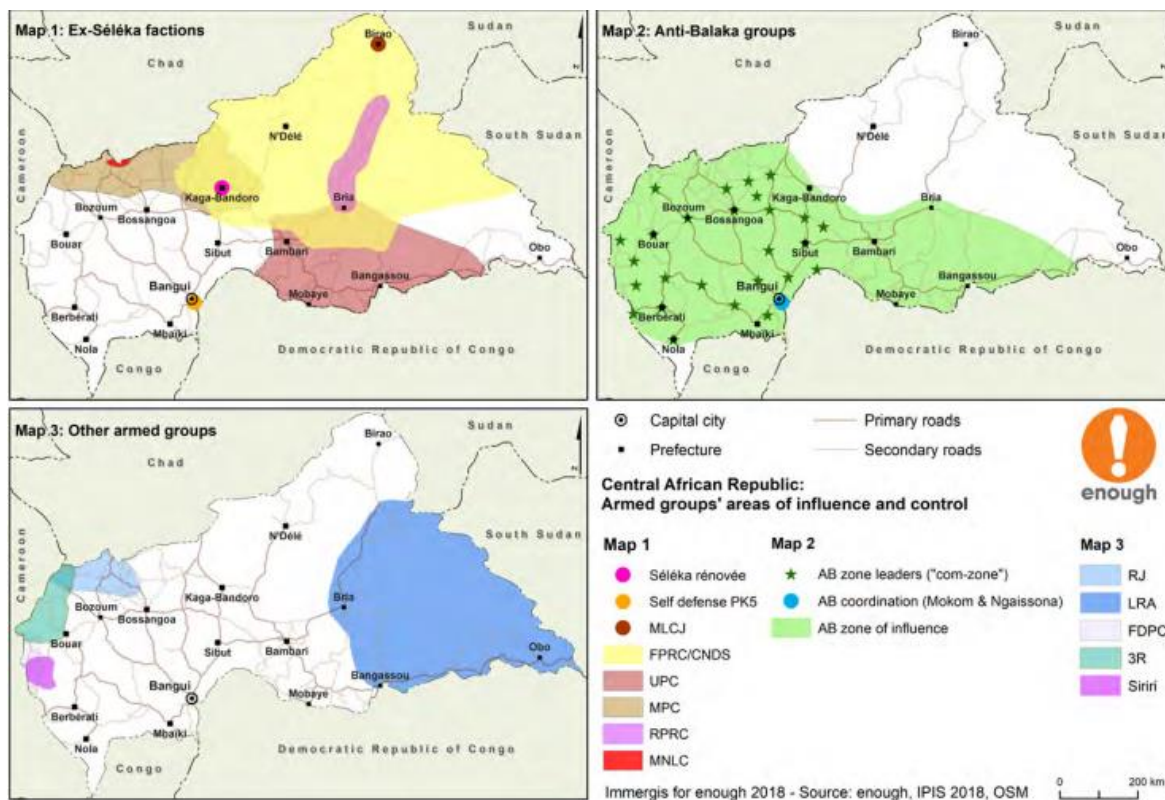


Figura 8: Grupos Armados da RCA

Fonte: Dukhan, 2018